

**UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE**  
**CENTRO DE ESTUDOS GERAIS**  
**INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E FILOSOFIA**  
**DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA**

**Reforma Psiquiátrica – Movimento Histórico e Contemporâneo:  
Narrativas de uma vida.**

**Lucas Vieira Roratto**

**Orientadora: Prof. Dr<sup>a</sup>. Cláudia Elizabeth Abbês Baeta Neves**

**Niterói**

**2012**

**LUCAS VIEIRA RORATTO**

**Reforma Psiquiátrica – Movimento Histórico e Contemporâneo:  
Narrativas de uma vida.**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós Graduação em Psicologia do Departamento de Psicologia da Universidade Federal Fluminense, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Psicologia.

Orientadora: Prof. Dr<sup>a</sup>. Cláudia Elizabeth Abbês Baeta Neves

**Niterói**

**2012**

**Ficha Catalográfica elaborada pela Biblioteca Central do Gragoatá****R787 Roratto, Lucas Vieira.**

Reforma Psiquiátrica – Movimento Histórico e Contemporâneo:  
Narrativas de uma vida / Lucas Vieira Roratto. – 2012.

157 f.

Orientador: Cláudia Elizabeth Abbês Baeta Neves.

Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal Fluminense, Instituto  
de Ciências Humanas e Filosofia, Departamento de Psicologia, 2011.

Bibliografia: f. 141-145.

1. Psiquiatria. 2. Reforma psiquiátrica. 3. Saúde mental; aspecto  
social. 4. História oral. 5. Subjetividade. I. Neves, Cláudia Elizabeth  
Abbês Baeta. II. Universidade Federal Fluminense. Instituto de  
Ciências Humanas e Filosofia, Departamento de Psicologia. III. Título.

CDD 616.89

**BANCA EXAMINADORA**

---

**Professora Doutora Cláudia Elizabeth Abbês Baeta Neves - orientadora**  
**UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE**

---

**Professor Doutor Marcelo Santana Ferreira**  
**UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE**

---

**Professora Doutora Heliana Conde de Barros Rodrigues.**  
**UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO**

*Como la cigarra*

(Poema: Elena Walsh; Música: Mercedes Sosa)

*Tantas veces me mataron  
tantas veces me morí  
sin embargo estoy aquí  
resucitando.*

*Gracias doy a la desgracia  
y a la mano con puñal  
porque me mató tan mal  
y seguí cantando.*

*Tantas veces me borraron  
tantas desaparecí  
a mi propio entierro fui  
sola y llorando.*

*Hice un nudo en el pañuelo  
pero me olvidé después  
que no era la última vez  
y volví cantando.*

*Tantas veces te mataron  
tantas resucitarás  
tantas noches pasarás  
desesperando.*

*A la hora del naufragio  
y la de la oscuridad  
alguien te rescatará  
para ir cantando.*

*Cantando al sol como la cigarra  
después de un año bajo la tierra  
igual que sobreviente  
que vuelve de la guerra.*

## AGRADECIMENTOS

Aos meus pais, João Manoel e Maria Margareth, portos seguros em minha vida. Sem vocês nenhuma música ecoaria quando perdido em alguma multidão, nenhuma lenda surgiria por entre as nuvens, nenhuma poesia sussurraria de meu travesseiro.

À Cláudia Abbês, orientadora, companheira de cavalgadas sem rumos nem provisões. Sempre atenciosa, dedicada, carinhosa e, principalmente, apaixonada pelo que faz, contagiando a todos com sua alegria.

À Heliana Conde e Marcelo Santana pela leitura atenta, comentários e sugestões tão valiosos em meu processo de qualificação e durante todo o percurso da pesquisa.

À Flávia Pfeil pelo companheirismo e cumplicidade durante este caminhar.

À Márcia Mascarenhas intercessora do começo ao fim do trabalho.

Aos demais professores da Pós-Graduação que também estiveram presentes no construir desse texto.

Aos demais colegas pelas leituras, sugestões, discussões, alegrias e tristezas que nos acompanharam durante esses quatro semestres.

A Gaudêncio Sete Luas - narrador, cantor, músico e amigo.

## RESUMO

Esta pesquisa pretende re-contar a história da Reforma Psiquiátrica no Brasil, narrada por um usuário dos serviços públicos de atenção em saúde mental. Fazendo uso desses serviços há 42 anos, atualmente este usuário frequenta os serviços substitutivos propostos pela Lei Paulo Delgado (10.216/2001). Como base metodológica propomos a História Oral como ferramenta de construção de uma história ao mesmo tempo individual e coletiva. Pensamos que a História Oral auxilia na construção de um outro modo de contar a história da Reforma Psiquiátrica brasileira, possibilitando entender que uma história individual é sempre efeito de uma multiplicidade de histórias que se tocam e convergem se individuando numa aparente e mesma história. Neste entendimento, o que buscamos na pesquisa é a possibilidade de construção de uma outra estética de narrar a Reforma Psiquiátrica, não apenas a partir de seus profissionais e teóricos – como estamos acostumados – mas por quem guarda as marcas de seus funcionamentos e dispositivos constitutivos no corpo e em seus modos de existência na vivência como usuário.

Palavras-chave: História Oral; Reforma Psiquiátrica; Subjetividade.

## ABSTRACT

This research intends to re-tell the story of the Psychiatric Reform in Brazil, narrated by a user of public services in mental health care. Making use of these services 42 years ago, currently this user attends the substitute services proposed by Paulo Delgado's law (10.216/2001). As a methodological basis propose Oral History as a tool for building a story at the same time individual and collective. We think that Oral History helps in the construction of another way to tell the story of the Brazilian Psychiatric Reform, making it possible to understand that an individual story is always a multitude of stories that touch each other and converge if writings in an apparent and same story. In this understanding, what we seek in the search is the possibility of building another aesthetics of narrating the psychiatric reform, not just from its professional and theoretical – as we're used to – but for those who guard their brands and devices constituting the body runs and in their modes of existence on the experience as a user.

Keywords: Oral History; Psychiatric Reform; Subjectivity.

## Sumário

<b>VELHO DO SACO E OUTRAS LOUCURAS MAIS</b> .....	10
“Minha vida é andar por esse país” .....	11
<b>Capítulo I - HISTÓRIA ORAL E OUTRAS HISTÓRIAS</b> .....	16
1.1 Uma pequena história sobre a História Oral .....	16
1.2 Da História .....	18
2.3 Falando sobre o falar .....	21
<b>Capítulo II - PERCURSO METODOLÓGICO</b> .....	25
<b>Capítulo III - CAVALGANDO COM GAUDÊNCIO</b> .....	31
3.1 Entre Jobim e Quintana .....	31
3.2 Churrasco e bom chimarrão .....	32
3.3 Eles passarão. [E] Eu [?] Passarinho[?] .....	35
3.4 Blau e Gaudêncio .....	37
3.5 Velhos conhecidos, novos encontros .....	38
3.5.1 Lembretes a História: Higienismo e Eugénismo .....	41
3.5.2 Seguindo a prosa .....	44
3.6 “Era a ‘dura’, numa muito escura viatura” .....	59
3.7 Mais força da camisa de força .....	80
3.8 Novos amigos, antigos encontros .....	86
3.9 Desencontro? .....	86
3.10 “Nua está a lua”[?] .....	87
3.10.1 Reverberações metodológicas .....	91
3.11 “Eu sou tão inseguro, porque o muro é muito alto” .....	94
3.12 Na despedida garou .....	104
3.13 Em terras do Araribóia .....	107

<b>Capítulo IV – CAVALGAR PARA FORA, RAPIDAMENTE</b> .....	109
4.1 Casa vazia .....	109
4.2 Paradão .....	109
4.3 Reencontro com Bibiana .....	110
4.4 Dupla caipira .....	111
4.5 Benzido .....	122
4.6 Os vigilantes .....	128
<b>“NÃO VAI FICAR PRA SEMENTE QUEM NASCEU PRA VENTANIA”</b> .....	137
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</b> .....	141
<b>APÊNDICE I – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido</b> .....	146
<b>APÊNDICE II – Lista de músicas citadas na pesquisa</b> .....	147
<b>ANEXO I</b> .....	149
<b>ANEXO II</b> .....	155

## VELHO DO SACO E OUTRAS LOUCURAS MAIS

Sempre me foi inquietante a loucura. Sua transcendência, sua errância, sua liberdade exacerbada. Quando criança, o medo. Talvez o medo comum das crianças, com influências parentais protecionistas: “cuidado com o Velho-do-Saco”! Quando adolescente, sinônimo de piada e graça. Conhecido louco das ruas de Santa Maria/RS, o *Jesus-te-ama*, abordava a todos na rua com seu jargão-nome-próprio, onde apostávamos quem o interpelaria primeiro, vomitando-lhe seu grande emblema como forma de desconcertá-lo. Surpresa! “A ti também!”. A quem desconcerta?

Quando estudante de psicologia, primeiro contato com o Hospital São Pedro em Porto Alegre. Surpresa, fascínio, inquietação. Pudemos conhecer algumas áreas mais “sociáveis” para uma turma de universitários, que vagava como que por um jardim zoológico, jardim de horrores. Vagava, não; pois, talvez se vagássemos, poderíamos então compreender melhor aquele mundo em que estávamos adentrando sem permissão. Invasão de domicílio! Áreas de pacientes agudos - passamos ao longe. Perigo!

Novamente em Santa Maria, visitamos com um grupo mais restrito o Hospital Universitário de Santa Maria (HUSM) e, nele, o Hospital Psiquiátrico Paulo Guedes (HSPG) e o Serviço de Recuperação de Dependentes Químicos (SERDEQUIM). Acompanhados de três sentimentos, quais sejam: surpresa, fascínio e inquietação. Acrescido de repulsa com o que víamos como métodos clínicos psiquiátricos: pessoas amarradas a camas, doses cavalares de medicamentos - anestesiando-as em seus sentimentos, movimentos, quiçá idéias. Atual lobotomia.

Contato com o Hospital São Pedro, em Porto Alegre. Estágio de familiarização, justamente na ala do hospital que mais me atraía, a de pacientes agudos masculinos José de Barros Falcão. Perigo e susto! Pacientes que babavam, “pseudoparkinsonismo”, haldol, carbonato de lítio, eletro-choque. Fazer minha parte: desenvolver atividades diferentes das corriqueiras dos estagiários da psicologia, terapia ocupacional, educação física. Tentar englobá-las. Reterritorialização<sup>1</sup>. Acompanhá-los até o corte do cabelo e das unhas, função da terapia ocupacional. Brincar de *bobinho* - jogando bola no pátio interno -, função da educação física. Entraves institucionais. Loucura! Serviço de psicologia: grupos de pré-alta (três, antes da alta, indicados pela psiquiatria), entrevistas com familiares, grupos para

---

<sup>1</sup> “[...] não se deve confundir a reterritorialização com o retorno a uma territorialidade primitiva ou mais antiga: ela implica necessariamente um conjunto de artifícios pelos quais um elemento, ele mesmo desterritorializado, serve de territorialidade nova ao outro que também perdeu a sua” (DELEUZE & GUATTARI, 1996b, p. 41).

decidir quem lavaria o refeitório, o que faltava em relação ao banheiro, roupas, materiais de limpeza, realizar atas. Chegar mais cedo para, assim, desenvolver algo diferente, fora do horário de estágio observado. Serviço público! Interdisciplinaridade? Reforma Psiquiátrica?

**“Minha vida é andar por esse país...”<sup>2</sup>**

O homem moderno, para Baudelaire, não é aquele que parte para descobrir a si mesmo, seus segredos e suas verdades escondidas; ele é aquele que busca inventar-se a si mesmo. Essa modernidade não liberta o homem em seu ser próprio; ela lhe impõe a tarefa de elaborar a si mesmo (FOUCAULT, 2000, p. 344).

Encontro-me sentado a sorver o amargo de um chimarrão em um fim de tarde de janeiro em Porto Alegre. Tomado por uma mescla de sentimentos paradoxais - com relação a um futuro próximo - de finalmente ser um psicólogo, embora incrustado de práticas não condizentes com as ministradas na graduação do curso de Psicologia. Acorrentado a um sistema pré-estabelecido, a realidade do Hospital São Pedro funcionou como uma injeção – realizada mediante contenção mecânica (como presenciado na manhã deste mesmo dia<sup>3</sup>) – na busca por novos possíveis no campo das práticas em saúde mental.

Tempos depois, sorvendo o mesmo amargo, que me cai como doce, encontro-me sentado, rodeado de textos, livros, inquietações, luvas e cachecóis e um computador que, paradoxalmente, me auxilia e dá rasteiras, na tentativa de englobar estes mesmos afetos e fazer-lhes um filho - intitulado: Pré-projeto de Pesquisa.

Auxiliado por pensadores, fiz-lhe o filho e, assim, adentrei ao grupo de pesquisadores da Universidade Federal Fluminense (UFF), que tantas vezes me serviu de esteio nesse múltiplo de práticas e afetos por mim vivenciados. Eu, que considerava estar no rumo certo na busca de um norte, percebi que o caminho traçado até então ia do sul ao norte, norte ao sudeste, sudeste ao nordeste e, novamente, encontrava-me num fluxo caótico de dúvidas e de experimentações – talvez, como Kerouac, em suas tantas viagens “On the Road” ou na busca por novas “Portas da Percepção”, tal qual Aldous Huxley.

---

<sup>2</sup> Trecho da música A vida do viajante. Compositores: Luiz Gonzaga; Gonzaguinha. Álbum: LUIZ GONZAGA & GONZAGUINHA. Gravadora: EMI-Odeon, 1981.

<sup>3</sup> Quando fui inquirido a ajudar em uma contenção mecânica de um paciente autista – que permanecia isolado numa espécie de “jaula” denominada Sala de Observação (SO) – para o procedimento de exames sanguíneos.

Um agenciamento é precisamente este crescimento das dimensões numa multiplicidade que muda necessariamente de natureza à medida que ela aumenta suas conexões (DELEUZE; GUATTARI, 1996, p. 17).

Arremessado em dois mundos novos, desconhecidos – a mudança de cidade e a vida como pesquisador –, percebi que mesmo a luta pelo acientificismo, ahistoricismo está repleta de rigores científicos e meu suposto filho iniciou um processo de desmembramento. Concomitantemente com meu próprio processo de desmembramento. Desestratificação.

Introdução. Objetivos gerais. Objetivos específicos. Justificativa. Referências bibliográficas. Metodologia. Historicismo. Dar voz aos loucos?! Para quê?!

Tantas vezes indagado, muitas delas com uma resposta pronta, outras delas sem a menor idéia do que responder. Pensava ter, mas descobri que não. E esta indagação retumbava pelos meus poros, embaralhando o sistema digestivo, auditivo, visual. Descobri que o maior desafio da escrita é lidar com a necessidade de expressões anexatas para designar algo exatamente e que a anexatidão é justamente a passagem exata daquilo que é feito (DELEUZE, 1992; DELEUZE, PARNET, 2004). Algumas vezes, percebo-me utilizando autores como sustentáculos na justificativa de algumas proposições. Indago como sair da árvore, como construir com eles, para além e aquém deles. Busco o campo problemático na indagação, na construção do problema que me convoca. Observar o que se vê, se diz e o que se produz. Agenciar-se.

Como então proceder?

Como renascer com a aurora, se ao experimentar a desestratificação do projeto inicial, o mesmo processo recai sobre mim, fazendo pensar os graus de implicação com as instituições em cena?

Refiro-me à Implicação pelo viés da Análise Institucional. Lourau (1993) sinaliza que implicar-se é colocar em análise nossas práticas ou o que nelas é tomado como processo de pertença - a uma multiplicidade de instituições (como práticas sociais historicamente produzidas) - que habitam em nossas falas, modos de fazer, sentir e dar sentidos aos acontecimentos. Sendo assim, faço uso da análise de implicação com a instituição-pesquisador, instituição-loucura, instituição-pesquisa social. Problematizando essas instituições como forças presentes em mim e nas modulações destas instituições no andamento da pesquisa.

Na busca de construir um texto rizomático<sup>4</sup>, temo cair em arborescências e explicitá-las no texto produzido. Dessas arborescências, talvez, surjam rizomas, pois as arborescências não deixam de criar possíveis em meio às possibilidades. Creio que uma gama de possibilidades, assim como impossibilidades<sup>5</sup> – talvez mais produtivas – atravessaram meu projeto, acionando e fazendo vazar a multiplicidade ali presente - administrando cortes, divisões, multiplicações. Quanto à desestratificação, que muitas vezes me fez sucumbir num sentimento de impossibilidade, também proporcionou experimentar afetos que forçaram a buscar novas conexões – dolorosas, a princípio – de extrema relevância ao andamento da pesquisa e nos processos de (re)invenção subjetiva.

Hoje, o doce amargo do meu chimarrão – às margens da Baía de Guanabara, rodeado de inquietações, aviões a pousar e a decolar entre a Ponte Costa e Silva e o Pão de Açúcar – remete àquele quente janeiro em Porto Alegre, e percebo então que escalas no centro-oeste, norte, nordeste, sudeste, sejam o caminho para persistir em inquietações despertadas pelo discurso – como prática – no Hospital São Pedro. Mapear o movimento e o discurso da Reforma Psiquiátrica, atravessado pela história de um usuário do sistema público de saúde. Na composição desse mapa, buscar um movimento de escrita inventiva - quanto à própria História e à escrita acadêmica -, atualizando questões referentes ao estudo da Reforma Psiquiátrica.

Aquelas vozes que não aparecem nos processos foram mortificadas em vida pelos especialistas e deixaram, no entanto, suas marcas sutis na apropriação a que foram submetidas para a constituição de um domínio de saber ou um saber de domínio. Não se trata aqui de nenhuma renúncia cética da ciência – o irracionalismo estreito ou o relativismo absoluto – mas de questionar os modos de circulação dos saberes, as suas relações com o poder e as mortificações que as identidades inculcem nos chamados especialistas e em todos nós (LOBO, 2002, p. 3).

No movimento de produção desse mapa, surgem-me, na História Oral, pistas para a criação de uma escrita histórica, que não seja enrijecida por arborescências – geralmente, reproduzidas na *produção* de uma história linear. Busco essas pistas na pesquisadora

---

<sup>4</sup> “Deleuze e Guattari, assim, constroem o seu pensamento através do modelo do rizoma. O rizoma é uma proposta de construção do pensamento onde os conceitos não estão hierarquizados e não partem de um ponto central, de um centro de poder ou de referência aos quais os outros conceitos devem se remeter. O rizoma funciona através de encontros e agenciamentos, de uma verdadeira cartografia das multiplicidades. O rizoma é a cartografia, o mapa das multiplicidades” (HAESBAERT; BRUCE, 2002, p. 4).

<sup>5</sup> “Se um criador não é agarrado pelo pescoço por um conjunto de impossibilidades, não é um criador. Um criador é alguém que cria suas próprias impossibilidades, e ao mesmo tempo cria um possível. (...), pois sem um conjunto de impossibilidades não se terá essa linha de fuga, essa saída que constitui a criação, essa potência do falso que constitui a verdade. É preciso escrever líquido ou gasoso, justamente porque a percepção e a opinião ordinárias são sólidas, geométricas” (DELEUZE, 1992, p. 171).

Heliana Conde Rodrigues e, em suas referências - Alessandro Portelli, Gilles Deleuze, Félix Guattari, Michel Foucault. A autora supracitada propõe que a História Oral, muito mais do que se ocupar somente com a História, prima “pela multiplicação de *lembretes à história*, saídos de todos os cantos – filosofia, literatura, cinema, antropologia, música etc.” (RODRIGUES, 2004, p. 26). Utilizar a História Oral como intercessora, no movimento de criação de uma escrita que se reinvente, transgredindo a história e a própria narrativa/estória.

Considero a possibilidade de interferência da História Oral transgressora – pensando com Michel Foucault (2001) –, por ultrapassar os limites da própria história e da própria escrita. O desafio se dá na exigência de não perder a oralidade na dimensão da escrita. Nunca é um indivíduo que fala sozinho, nunca a pena da transcrição flutua somente ela sobre o branco do papel, assim como nunca o leitor lê somente uma história na resma de papel tingida de negro. O próprio ato da escrita se dá na recusa e na afirmação das possibilidades contidas no papel em branco – que em seu paradoxo aponta a plenitude da linguagem. Escrever deve transgredir o limite vazio imposto pela plenitude da sua presença. Leonardo Almeida (2008) elucida a questão dizendo: “o escritor é levado a escrever sem saber o que dizer e, mais ainda, sem saber até onde isso o levará” (p. 72). Assim como o historiador, que não busca um ponto pré-determinado – mergulha no campo sem saber por onde entrar e como sairá. Sabendo somente que ouvirá algumas histórias.

Escrever é um caso de devir, sempre inacabado, sempre em via de fazer-se, e que extravasa qualquer matéria vivível ou vivida. É um processo, ou seja, uma passagem de Vida que atravessa o vivível e o vivido. A escrita é inseparável do devir: ao escrever estamos num devir-mulher, estamos num devir-animal ou vegetal, num devir molécula, até num devir-imperceptível (DELEUZE, 1997, p.11).

Nessa possibilidade de transgressão da escrita na História Oral, transgride-se a própria história, a própria escrita, o ato de narrar, de escrever – desterritorialização – potencialidades minoritárias. Territorializar-se na possibilidade de escrever uma narrativa sem um narrador que narra somente aquilo que gostaria de dizer, na possibilidade da experimentação de um narrador que não se reduz ao “uno”, um narrador sem personagem. Um narrador que é puro devir. Desterritorializando a própria língua, pois ela própria constitui-se de múltiplas línguas perpassadas, entrecruzadas.

Quantos é que vivem hoje numa língua que não é sua? Ou então nem sequer a conhecem, e conhecem mal a língua maior que são obrigados a utilizar? [...] Problema das minorias. [...] Qualquer linguagem rica ou pobre, implica sempre em uma desterritorialização da boca, da língua e dos dentes (DELEUZE; GUATTARI, 2003, p. 43).

Agenciar a própria língua com as múltiplas línguas do outro, para criar uma nova história, dentro de uma história pressuposta. Assumindo, assim, um caráter político de interferência no contemporâneo. Gilles Deleuze e Felix Guattari (2003) afirmam que a ampliação da questão individual torna-se muito mais necessária que o estudo da “história maior”, pois nela emergem as outras histórias que se agitam em seu interior. Relações de trabalho, familiares, entre todas as outras que venham compor a vida. “Quando Kafka indica dentre os fins da literatura menor ‘a depuração do conflito que opõe pais e filhos e a possibilidade de debatê-lo’, não se trata de um fantasma edipiano, mas de um programa político” (DELEUZE; GUATTARI, 2003, p. 39).

Enquanto se constrói essa outra história, com caráter político já contaminado da História Oral – no campo da história da Reforma Psiquiátrica no Brasil e seus movimentos contemporâneos – ganha forma o caráter coletivo da escrita. A imanência é afirmada em sua construção. Agencia-se, então, como matilha – tornando-se “uma máquina revolucionária do por vir – não por razões ideológicas, mas porque está determinada a preencher as condições de uma enunciação coletiva que falta algures nesse meio” (DELEUZE; GUATTARI, 2003, p. 40) saturado da história maior.

Buscar uma retomada da discussão política da Reforma Psiquiátrica - que alguns parecem querer esquecer, privilegiando a discussão apenas em seu viés pragmático-utilitarista. Não se trata de levantar bandeiras sem problematizar o que está sendo criado pelos novos dispositivos propostos. Lutar somente pela criação de novos Centros de Apoio Psicossociais (CAPS), Residências Terapêuticas e Ambulatórios de Saúde Mental, sem pensar o quanto esses ambientes possam vir a ratificar antigas práticas psiquiátricas – podendo favorecer uma dita “cronificação ambulatorial” - também soa um tanto estranho. Esse pensamento, por bem dizer, estritamente pragmático-utilitarista, é um viés do que apresentarei como “aprisionamento histórico”, posteriormente, nesta dissertação.

# 1 HISTÓRIA ORAL E OUTRAS HISTÓRIAS

## 1.1 Uma pequena história sobre a História Oral

Uma pequena história sobre a História Oral remete-nos, praticamente, à própria história da constituição da humanidade, ou dos modos de agrupamento dos povos - em torno de suas devidas necessidades/especificidades. Lendas, contos, mitos eram transmitidos de gerações em gerações, antes mesmo de qualquer notícia de escrita, pela via da oralidade. Povos indígenas do Brasil, da África, país de santo nos terreiros de candomblé (entre tantos outros), ainda hoje, utilizam-se dessa “ferramenta” para transmissão de suas culturas.

Existem histórias de tribos africanas que realizam uma espécie de treino exaustivo - com os escolhidos a serem os “detentores da história” – sobre fatos, lendas, mitos, até que seja delegada oficialmente a tarefa de ser o interlocutor da história *com* a vida desses povos. O friso no “com” deve-se ao fato de que essas pessoas tornam-se verdadeiros conselheiros tribais, em tempos difíceis ou não, sobre os mais variados temas, que vão desde guerras, relações pessoais a questões climáticas e meteorológicas – reinventando a própria história, conforme as necessidades desses povos.

Com o advento da escrita e de uma orientação cientificista de vida, pouco a pouco, fomos esquecendo da ferramenta da oralidade. Foram postulados novos preceitos de pesquisa instituídos por toda uma geração. Preceitos esses dominantes em grande parte das pesquisas científicas atuais: a neutralidade do pesquisador, a indubitabilidade das fontes de pesquisa, a obediência às ordens cronológicas e a quase beatificação de fatos históricos. Embora, contraditoriamente, as fontes indubitáveis, os fatos históricos sejam, em sua maioria, edificados sobre fontes orais.

Também é necessário apontar que, mesmo fontes orais, atravessadas por um método cientificista de pesquisa, podem produzir dados que contribuam para essa história padrão, que nos foi inculcada a pensar desde nossos tempos de escola. A questão se dá em: como fazer dessa ferramenta uma forma de criação de potência dentro da história? Como dessa história pronta fazer aparecer as diversas histórias que compõem a vida?

As interferências que nos interessam se dão em uma multiplicidade de ações de teoria e prática que transbordam os insuficientes limites do eixo sujeito-objeto. Não se trata de um interferir de um objeto dado sobre outro objeto dado, de uma unidade predeterminada sobre um sujeito preexistente, mas de produzir interferências que façam vazar as multiplicidades que constituem a nós e as coisas (NEVES, 2004, p. 4).

Sobre a neutralidade e imparcialidade do entrevistador, algumas pistas são oferecidas. Quanto maior a imparcialidade perante o entrevistando, maior a chance de um relato vago, limitando assim a abertura a incertezas, dúvidas, revoltas, alegrias. Ter-se-ia um discurso oficializado pela história, sem abertura às pequenas – e não menos importantes – histórias que atravessam a todos e a todas as relações.

Renunciando ao tema do vínculo entre memória e identidade, a primazia se dá em valorizar relatos orais de lembranças – suscitando a ênfase na história vista de baixo. Levando a pensar em identidades sociais minoritárias - e sua afirmação se faz um indispensável instrumento. Adentrar a História Oral, ao construtivismo, pressupõe que se desmanchem funcionalidades impostas *a priori*. Entendendo que:

[...] as identidades sociais são igualmente produzidas por processos de memorialização, deixando por vezes de ser ferramentas de luta pela expansão da diferença para se tornarem totalidades enquadrantes – identidades-prisão a consumir, mais do que identidades-liberdade a inventar (RODRIGUES, 2004, p. 29).

Enxergar nos indivíduos muito mais que um mero “campo de pesquisa”, estabelecer sim relações com eles, modificar questionamentos, posicionar-se. Entrecruzar saberes. Como alguém se abriria para contar sua história – não por vontade própria - a um entrevistador imparcial, que sempre pende em cima do muro?

Pesquisados não são coisas, isto é, não constituem simples representantes de agregados ou forças sociais que apenas nós, pesquisadores, saberíamos apreender reflexivamente. Pesquisadores, por sua vez, não estão obrigados a se submeter (nem a subjugar os pesquisados) às invectivas corporativo-disciplinares que fundam (e mantêm) a ordem do discurso das arbitrarias partições acadêmicas (RODRIGUES, 2009, p. 201).

Essa(s) indisciplina(s) de ambas as partes – pesquisador/pesquisado – são o que potencializam essas experimentações no campo da criação e produção de conhecimento – abrangendo claramente ao que tange a “uma política facultativa de subjetivação (*versus* sujeição)” (RODRIGUES, 2009, p. 201). Por seu caráter inventivo, creio que a História Oral abra as possibilidades necessárias para construir uma possível história da Reforma Psiquiátrica e seu movimento no contemporâneo, dentre tantas outras que possam surgir pelo caminho.

A individualidade dos relatos orais, as peculiaridades abertas por esse caminho põem a representatividade em oposição à parcialidade, pois a almejada representatividade – geralmente buscada em pesquisas das ciências sociais – recai no paradigma de, na

tendência e na regularidade, edificar seu cerne. Como produzir uma escrita que venha a transgredir a própria vida, com um pesquisador incrustado de escamas imparciais?

No âmbito político-estratégico, o documento gerado pela história oral deixa de ser tábua de salvação para os silenciados, passando a representar simplesmente o que pode ser feito, nos períodos frios da história – alheios aos instantes de comoção e agitação generalizadas –, para exibir, e eventualmente contestar, os limites gerados pelo trabalho de enquadramento/controlado das lembranças. Finalmente, sob perspectiva epistemológica, uma nova conceituação para a memória tem a oportunidade de emergir: ao invés de mapa com nações-identidades previamente demarcadas – memória coletiva, memória de tal ou qual grupo, memória individual –, ela ganha a feição de um deserto de areias moventes que, a cada ventania provocada pelos dispositivos em ação, revela paisagens distintas (RODRIGUES, 2004, p. 30).

Encontram-se algumas reverberações da História Oral como portadora de um caráter singularizante. Heliana Conde Rodrigues (2009, p. 196) destaca que, na virada da década de 70 para 80, houve uma mudança nos meios acadêmicos no que se refere à visão sobre os historiadores orais. Considerados um grupo de tolos que viam histórias em vidas insignificantes, passaram a ser vistos como os espertos que dão conta do que os tolos consideravam ser verdadeiro.

## 1.2 Da História

O primeiro pressuposto presente na enunciação “História Oral” refere-se à *história*; o segundo pressuposto é seu adjetivo, que direciona qual o tipo de história será feita - explicitando que a *oralidade* será sua principal matéria de trabalho. Esses dois enunciados carregam em si diversos tipos de significações – assim como as palavras que nunca demonstram uma estrutura idêntica para todas as pessoas. Como o método de pesquisa partirá de tais enunciados, irei me ater um pouco a eles, no intuito de trazer alguns encontros de pensamentos que influenciaram na escolha da metodologia empregada na pesquisa.

### *História.*

Pensar sobre a história, escrever a história, não significa buscar nela uma explicação pontual sobre fatos do presente. Tampouco encontrar o “quando” e o “onde” ocorreram determinados fatos ou deter-se aos mesmos como grandes marcos inabaláveis e eternos - como estamos acostumados a fazer e o que torna tão desconfortável pensar diferente.

Uma história que dá conta de devires, incorporando virtualidades para o campo da pesquisa social. Não é de causar espanto que a História Oral apareça como uma linha de

fuga<sup>6</sup> quanto à serialidade – imposta pela representatividade hegemônica. Preservando a imanência contida nas relações, nos acontecimentos, nos “entres”, nos meios – abdicados geralmente quando se trata de fazer história. “A idéia de imanência afirma a possibilidade não de um caminho, mas põe em questão cada caminho, afirma ‘uma vida’ e não esta ou aquela vida, nem mesmo a tomada consensualmente como a mais exemplar” (NEVES, 2002, pg. 84).

Escrita que tange uma ideia de história muito mais próxima da apresentada por Friedrich Nietzsche, distante, portanto, de um caráter linear e cartesiano – tal qual encontramos, ainda hoje, em nossos livros de história. Trata-se, então, de fazer uma história onde se afirme suas descontinuidades e sínopes, com pinceladas estóricas, que venham a potencializar o vívido do que foi vivido. Que como (re)invenção potencialize a vida.

Certamente, temos necessidade de história, mas, ao contrário, não temos necessidade dela do modo como tem o ocioso refinado dos jardins do saber, por mais que este olhe como altaneiro desdém os nossos infortúnios e as nossas privações prosaicas e sem atrativo. Temos necessidade dela para viver e para agir, não para nos afastarmos comodamente da vida e da ação e ainda menos para enfeitar uma vida egoísta e as ações desprezíveis e funestas. Não queremos servir à história senão na medida em que ela sirva à vida (NIETZSCHE, 2005, pg. 68).

Dando voz a não igualação do “não igual”, rachando o conceito de história, que privilegia não a experiência singular, mas que converge “n” casos a casos semelhantes. Essa transgressão da história, na História Oral, traz à tona a vida como vontade de potência, contra valores, contra moralidade. Busca uma dispersão de forças, o que constitui o embate entre aquilo que vive *versus* o que quer viver.

Soaria melhor pensar em como a história possa vir potencializar vidas, como fazer a história com a história. “A história é objeto de uma construção cujo lugar não é o tempo homogêneo e vazio, mas um tempo saturado de ‘agoras’” (BENJAMIN, 1994, p. 229). Pensar sobre esses “agoras” a que se refere Benjamin é uma das formas de fazer a história e com história. Buscar os movimentos.

O historicismo se contenta em estabelecer umnexo causal entre vários momentos da história. Mas nenhum fato, meramente por ser causa, é só por isso um fato histórico. Ele se transforma em fato histórico postumamente, graças a acontecimentos que podem dele estar separados por milênios. O historiador consciente disso renuncia a desfiar entre os dedos os acontecimentos, como as

---

<sup>6</sup> “O grande erro, o único erro, seria acreditar que uma linha de fuga consiste em fugir da vida; a fuga para o imaginário ou para a arte. Fugir, porém, ao contrário é produzir algo real, criar vida, encontrar uma arma. Em geral, é em um mesmo falso movimento que a vida é reduzida a alguma coisa de pessoal e que a obra deve encontrar seu fim em si mesma” (DELEUZE & PARNET, 2004, p 62).

contas de um rosário. Ele capta a configuração em que sua própria época entrou em contato com a época anterior, perfeitamente determinada. Com isso, ele funda um conceito do presente com um “agora” no qual se infiltram estilhaços do messiânico (BENJAMIN, 1994, p. 232).

Ao citar “fato histórico”, Walter Benjamin faz menção declarada ao pensamento de F. Nietzsche, ao propor que o homem tende a aprisionar-se aos fatos históricos, mortificando assim sua potência de criação e renovação. Nietzsche (2005) diz que esse excesso de história que vive o homem aquietta e degenera a própria vida, e que esta *degenerância* coloca em perigo a própria história.

Em nenhum momento, esse modo de pensar exclui nossa necessidade da história. Sugere que necessitamos dela assim como as plantas necessitam da luz do dia, mas necessitam também de períodos de escuridão para poder sobreviver. A história dada como ciência soberana e pura – como costumeiramente o historicismo tende a postular – funcionaria como um balanço final da existência e como uma conclusão para a humanidade.

Essa “febre histórica” faz que os seguidores do passado voltem-se retrospectivamente a ele, tornando-os passivos. Mas vez por outra, quando um esquecimento momentâneo vem turvar o sentido histórico, esse seguidor historicista pode torna-se então ativo. Mas logo após, passada essa atividade, o próprio ato resultante é dissecado e bloqueado – por sua repercussão – e finalmente assim é concebido o chamado fato histórico.

A felicidade capaz de suscitar nossa inveja está toda, inteira, no ar que respiramos, nos homens com os quais poderíamos ter conversado, nas mulheres que poderíamos ter possuído. Em outras palavras, a imagem da felicidade está indissolivelmente ligada à salvação. O mesmo ocorre com a imagem do passado, que a história transforma em coisa sua. O passado traz consigo um índice misterioso, que o impele à redenção. Pois não somos tocados por um sopro do ar que foi respirado antes? Não existem nas vozes que escutamos, ecos de vozes que emudeceram? (BENJAMIN, 1994, p. 223).

Pensar o passado como salvador ou imitável acaba por aproximá-lo de uma livre invenção poética. Por certo, Nietzsche (2005) concordaria que houve épocas nas quais não se podia distinguir entre uma ficção mítica ou um passado monumental - embora fossem os mesmos impulsos que poderíamos tirar de um ou de outro modo. Agarrarmo-nos somente a esses impulsos – como merecedores de uma réplica – aniquila a potência do homem e restringe-o a passividade. Nesta direção, podemos pensar que ao nos tornarmos defensores da bandeira da Reforma Psiquiátrica a partir de jargões abstratos - que a

esvaziam de seu caráter político - pode nos paralisar no estado de coisas, aniquilando, assim, a potência política de movimento e de “obra aberta”.

Para encerrar essa pequena explanação histórica, trarei uma belíssima passagem de Walter Benjamin, na qual ele remete à figura do passado em um quadro de Paul Klee (1870 – 1940), pintor e poeta suíço, naturalizado alemão:

Há um quadro de Klee que se chama *Angelous Novus*. Representa um anjo que parece querer afastar-se de algo que ele encara fixamente. Seus olhos estão escancarados, sua boca dilatada, suas asas abertas. O anjo da história deve ter esse aspecto. Seu rosto está dirigido para o passado. Onde nós vemos uma cadeia de acontecimentos, ele vê uma catástrofe única, que acumula incansavelmente ruína sobre ruína e as dispersa a nossos pés. Ele gostaria de deter-se para acordar os mortos e juntar os fragmentos. Mas uma tempestade sopra do paraíso e prende-se em suas asas com tanta força que ele não pode mais fechá-las. Essa tempestade o impele irresistivelmente para o futuro, ao qual vira as costas, enquanto o amontoado de ruínas cresce até o céu. Essa tempestade é o que chamamos progresso (BENJAMIN, 1994, p. 226).

### 1.3 Falando sobre o falar

Seguindo essa linha de pensamento histórico, aposto na oralidade como um procedimento de criação de um “estado de exceção” dentro de uma escrita histórica. Por tratar-se de oralidade, baseio meu percurso nas idéias de Michail Bakhtin<sup>7</sup> - linguista russo, proponente do pensamento da inclusão do diálogo e da oralidade no estudo da linguística, abrangendo, por conseguinte, outras áreas de pensamento e filosofia. Sua contribuição ao estudo da linguística se dá ao incluir os movimentos – tanto históricos e sociais, quanto de diálogo – no estudo da sintaxe.

Bakhtin (2010) propõe que todas as análises sintáticas do discurso assumam uma análise do que chama de “corpo vivo da enunciação”. E, segundo ele, é muito mais complicado trazer essa análise para um sistema abstrato de uma língua. As formas fonéticas e morfológicas de análise, não se apresentam tão concretas quanto às análises ligadas a uma condição real de fala.

[...] as categorias morfológicas só tem sentido no interior da enunciação; elas deixam de ser úteis quando se trata de definir o todo. O mesmo se dá com as categorias sintáticas, por exemplo, a *oração*: a categoria *oração* é meramente uma definição da oração como uma unidade dentro de uma enunciação, mas de nenhuma maneira uma entidade global (BAKHTIN, 2010, p. 146).

Se, portanto, nossas análises se fixarem em formas sintáticas, possivelmente nunca atingiremos a análise de um ato de enunciação, pois sua divisão em categorias somente nos puxaria a uma análise abstrata e estrutural. Indo adiante, diz que: “na verdade, essa falha da

---

<sup>7</sup> (1895 – 1975)

definição lingüística aplica-se não apenas à enunciação como um todo, mas até mesmo às unidades dentro de uma enunciação monológica com alguma pretensão a serem consideradas unidades completas” (BAKHTIN, 2010, p. 147). Exemplifica “enunciação monológica” trazendo uma análise dos parágrafos. Diz que sua composição sintética pode ser extremamente variada, podendo possuir muitas orações ou somente uma única palavra; e dizer que ele vem representar um pensamento completo é uma afirmação irreal – pois ele se dá, somente, no conjunto da enunciação. Os parágrafos nada mais são, analogamente, do que uma réplica de um diálogo. Suas pausas, seus tempos, tudo é baseado no diálogo. Podem ser diálogos já viciados e trabalhados no corpo de um enunciado monológico. Na divisão de um discurso em partes – em parágrafos –, sua base se dá no “*ajustamento às reações previstas do ouvinte ou leitor*” (BAKHTIN, 2010, p. 147).

É particularmente comum tomar como objeto de discussão o próprio discurso ou parte dele (por exemplo, o parágrafo precedente). Nesse caso, a atenção do falante transfere-se do objeto do discurso para o próprio discurso (reflexão sobre o próprio discurso). Essa mudança de pólo de interesse do discurso é condicionada pela atenção do ouvinte. Se o discurso ignorasse totalmente o destinatário (um tipo impossível de discurso, é claro), a possibilidade de decompô-lo em constituintes seria próxima de zero (BAKHTIN, 2010, p. 148).

Vemos então que o diálogo está presente em todas nossas construções - sejam verbais ou escritas - e que uma análise bem feita dos enunciados se dá na análise do diálogo, que considera as relações e as modificações desses esquemas como uma forma de exprimir variações presentes na oralidade, para a enunciação do discurso de outrem, num contexto condizente com a realidade da fala. Bakhtin (2010) propõe, então, o *discurso citado* com um fenômeno dotado de esquemas lingüísticos, sugerindo três tipos de discurso: discurso indireto livre, discurso indireto, discurso direto. O discurso direto é aquele que se apresenta em primeira pessoa, conservando a citação. O discurso indireto utiliza-se das segunda e terceira pessoa. O discurso indireto livre se utiliza de uma mescla dos dois primeiros gêneros.

Mas o discurso de outrem constitui mais do que o tema do discurso; ele pode entrar no discurso e na sua construção sintática, por assim dizer, “em pessoa”, como uma unidade integral da construção. Assim, o discurso citado conserva sua autonomia estrutural e semântica sem nem por isso alterar a trama lingüística do contexto que o integrou (BAKHTIN, 2010, p. 150).

Embora o discurso citado preserve essas características, sua análise isolada acabaria por recair no mesmo erro da lingüística e de outras ciências, o reducionismo abstrato. Para chegar à enunciação verbal, devemos analisar o determinado contexto em que ela ocorreu, devemos analisar a construção desse discurso. “O discurso citado e o contexto narrativo

unem-se por relações dinâmicas, complexas e tensas. É impossível compreender qualquer forma de discurso citado sem levá-las em conta” (BAKHTIN, 2010, p. 154).

O discurso narrativo integra essa construção, transformando a enunciação citada em um tema do discurso. Um tema até então autônomo – citação do discurso de outrem – transforma-se assim em um tema do próprio tema.

A enunciação do narrador, tendo integrado na sua composição uma outra enunciação, elabora regras sintáticas, estilísticas e composicionais para assimilá-la parcialmente, para associá-la à sua própria unidade sintática, estilística e composicional, embora conservando, pelo menos sob uma forma rudimentar, a autonomia primitiva do discurso de outrem, sem o que ele não poderia ser completamente apreendido (BAKHTIN, 2010, p. 151).

Observa-se, dessa forma, uma relação ativa de enunciações – do tema citado ao tema da citação – quando se transmite narrativamente o discurso de outrem – mesmo que as construções usadas para tal sejam estáveis dentro da própria língua. Esse movimento de um discurso ao outro, dentro do mesmo discurso, é o que deve chamar nossa atenção. Bakhtin (2010), chamou esse movimento de “*reação da palavra à palavra*” (p. 151), e diz que esse é um movimento diferente do que acontece no diálogo. Pois as réplicas - no discurso narrativo - são gramaticalmente separadas e não se integram em um contexto único como no diálogo. Entende que não temos formas sintáticas que venham realmente suprir a construção de um diálogo. Mas se o diálogo se apresenta no discurso direto, supre algumas das necessidades que nos são privadas.

Para que se tenha um estudo fecundo do diálogo, necessita-se de uma investigação das formas de citação do discurso, tal que essas formas “refletem tendências básicas e constantes da *recepção ativa do discurso de outrem*, e é essa repetição, afinal, que é fundamental também para o diálogo” (BAKHTIN, 2010, p. 152). Documentos de discursos citados podem nos dar indicações não de processos psicológicos ou subjetivos fortuitos e passageiros da “alma” do receptor, mas sobre tendências sociais características da apreensão ativa dos discursos de outrem, e de suas manifestações nas formas de expressão da língua. Manifestando então agenciamentos coletivos de enunciação sobre o determinado tema, como o proposto nessa pesquisa do movimento da Reforma Psiquiátrica pelo viés de um usuário.

Transformando o construir da pesquisa em um movimento de criação estético-político. O diálogo nas entrevistas, e também fora delas, não se dá somente com um sujeito e sua história pessoal; se dá entre os diversos sujeitos das diversas histórias, que nos

constituem. Nessa relação dialógica de construção das narrativas criam-se outros modos de contar e de estar em meio ao movimento contemporâneo da Reforma Psiquiátrica.

## 2 PERCURSO METODOLÓGICO

Pensar em pressupostos metodológicos referentes à pesquisa em História Oral demonstra um impasse - pois nela habita o próprio paradoxo da metodologia. Possuem-se algumas pistas em como proceder, mas nenhum “manual metodológico” é realmente oferecido. É uma metodologia sem método, onde a principal dica que Alessandro Portelli (1997c) nos dá é: “ajam com educação” (PORTELLI, 1997c, p. 21). Utilizarei para essa explanação metodológica intercessores como Alessandro Portelli, Heliana Conde Rodrigues, Eduardo Passos e Regina Benevides, assim como Gilles Deleuze e Felix Guattari, principalmente no que tange às questões de *minoridade*.

A história oral oferece menos uma grade de experiências-padrão do que um horizonte de possibilidades compartilhadas, reais ou imaginadas. O fato de que essas possibilidades raramente estejam organizadas em [...] padrões coerentes indica que cada pessoa entretém, a cada momento, múltiplos destinos possíveis, percebe diferentes possibilidades e faz escolhas diferentes de outras na mesma situação. Esta miríade de diferenças individuais [...] serve para lembrar que, além da necessária abstração da grade das ciências sociais, o mundo real é mais semelhante a um mosaico ou *patchwork* de diferentes pedaços, que se tocam, superpõem e convergem, mas igualmente acalentam uma irredutível individualidade (PORTELLI, 1997a, p. 88 apud RODRIGUES, 2009, p. 195).

Rodrigues (2009) frisa que devemos distinguir palavras e conceitos de Portelli, para não cair em novos aprisionamentos conceituais. Ao mencionar *individualidade*, o autor entra em consonância com o pensamento de Gilles Deleuze e Félix Guattari, quando estes afirmam que os processos de produção de subjetividade dizem respeito a uma multiplicidade, não podendo ser reduzida e centrada na noção de indivíduo. Pois não se trata de um indivíduo reduzido somente a si mesmo, interiorizado, mas a uma individualidade que vive num mundo onde nada se reduz ao “uno”, na qual a multiplicidade se compõe com forças desarmônicas e não fixadas. Assim, existem “diagramas que incidem nas pedras do mosaico ou retalhos do *patchwork* no sentido de estabilizá-los; mas tais diagramas tampouco totalizam ‘um’ ou ‘o’ real social” (RODRIGUES, 2009, p. 196).

Por trabalhar com transcrições de entrevistas, coloca-se em prova o método da gravação e transcrição, sendo que alguns trechos possam passar por uma remodelação. Se necessário, é possível acrescentar palavras, complementar passagens textuais, inventar. Sobre essa proposição Portelli (1997c) vem propor que: “A mais literal tradução é dificilmente a melhor, e uma tradução verdadeiramente fiel sempre implica certa

quantidade de invenção. O mesmo pode ser verdade para a transcrição de fontes orais” (PORTELLI, 1997b, p. 27).

Nessa pesquisa foram utilizados gravador e um caderno de notas como diário de campo. Os elementos captados por esses dispositivos aparecem no corpo texto compondo uma narrativa. Sobre esse mesmo aspecto, velocidades da fala, volume, amplitude do som, carregam significados implícitos, impossíveis de serem enunciados em uma impressão.

O diário nos permite o conhecimento da vivência cotidiana de campo (não o “como fazer” das normas, mas o “como foi feito” da prática). Tal conhecimento possibilita compreender melhor as condições de produção da vida intelectual e evita a construção daquilo que chamarei “lado mágico” ou “ilusório” da pesquisa (fantasias, em torno da CIENTIFICIDADE, geradas pela “asséptica” leitura dos “resultados finais”) (LOURAU, 1993, p. 77).

Regras gramaticais e pontuações não são suficientes para expressar um silêncio profundo, uma alteração na fala, se um sorriso é irônico ou espontâneo. Pensando com Nietzsche (1998), as palavras sempre são figurações de estímulos e nunca podem expressar sua entidade de origem, sua essência – presumem igualações de um não-igual.

A pontuação indica pausas distribuídas de acordo com regras gramaticais: cada sinal tem um lugar, significação e duração convencionais. Estes quase nunca coincidem com os ritmos e pausas do sujeito falante, e, portanto terminam por confinar a fala a regras gramaticais e lógicas não necessariamente seguidas por ela (PORTELLI, 1997b, p. 28).

Nessa (re)invenção da narrativa da História Oral, alguns elementos devem ser percebidos na narrativa original – composta de inúmeras outras narrativas – para que se possa desmembrar, desmontar a narrativa *maior*. Oscilações nos tempos de relatos são expressivos, embora isso não pressuponha uma regra geral de análise.

Muitas histórias podem ser trazidas de diferentes formas, com diferentes compassos. Podem tornar-se histórias míticas, épicas, históricas e poéticas, ou assumirem todos esses papéis em determinados momentos, pois nossas fontes – geralmente de classes não hegemônicas – estão atreladas a tradições das narrativas populares, distintas da tradição escrita de classes abastadas.

De modo análogo, exatamente por dizer respeito a pessoas “comuns”, a “indivíduos isolados e obscuros”, que podem, “além disso, ser estranhos”, a História Oral não se concentra nas pessoas médias, mas não raro considera mais *representativas* aquelas que são extraordinárias ou incomparáveis (PORTELLI, 1997c, p. 17).

Independentemente do caráter que venha assumir essa narrativa, o que aparece como mote das entrevistas é a subjetividade – e suas produções – e é nesse aspecto que considero a História Oral como política, produzida como uma política intensivista. “Toda

produção de conhecimento, precisamos dizer de saída, se dá a partir de uma tomada de posição que nos implica politicamente” (PASSOS; BARROS, 2009, p.150). Adquirindo tons *minoritários*, transgredindo o caráter representacional e as palavras de ordem que compõem o que estamos acostumados a conhecer por História. Impõe novos limites para essa fronteira, para que, assim, novamente possam vir a ser transgredidos.

O método intensivista trabalha na alteração/transposição dos limiares, lá onde a forma deixa de ser o que lhe foi em algum momento naturalizado. Fazer vibrar esses limiares num processo de contágio com/entre, as formas, abrir o caso para suas intensidades, trabalhar nas misturas que o compõem e menos numa (suposta) pureza, parecem ser potentes índices clínico-políticos para que um caso (singular) não se dissocie de sua face coletiva (PASSOS; BARROS, 2009, p.167-168).

Nesse ponto, posso ser indagado – juntamente com outros representantes da História Oral – sobre a validade desses relatos – por não se adequarem aos renomados livros de História (ainda que hoje os livros de história estejam repletos de oralidade das quais não conhecemos as fontes). Responderia somente com a pergunta: “- Que verdade é essa?” O intuito da História Oral não é tratar de fatos “transcendentes a interferência da subjetividade; a História Oral *trata* da subjetividade, memória, discurso e diálogo” (PORTELLI, 1997c, p. 26).

Outro ponto a ser abordado dentro da proposta metodológica da História Oral é: “Quem diz o quê, em qual canal, para quem, com que efeito” (PORTELLI, 2001, p. 13). Sobre o primeiro questionamento, a História Oral pode dirigir-se a qualquer tema, sendo essa abertura uma de suas características que a distingue de outros modos de pesquisa histórica. Por ser *história oral*, dois pressupostos estão aí implícitos: que a *história* evoque narrativas do passado, sendo a *oralidade* seu principal meio de expressão. Assim, a implicação do historiador em como apresentar o material impõe, então, a questão dialógica como principal meio de trabalho, “referem-se simultaneamente ao que os historiadores *ouvem* (as fontes orais) e o que *dizem* ou *escrevem*” (PORTELLI, 2001, p. 10).

Naturalmente, há diferenças essenciais entre a recepção ativa da enunciação de outrem e sua transmissão no interior de um contexto. É conveniente levar isso em conta. Toda transmissão, particularmente sob forma escrita, tem seu fim específico: narrativa, processos legais, polêmica científica, etc. Além disso, a transmissão leva em conta uma terceira pessoa – a pessoa a quem estão sendo transmitidas as enunciações citadas. Essa orientação para uma terceira pessoa é de primordial importância: ela reforça a influência das forças sociais organizadas sobre o modo de apreensão do discurso (BAKHTIN, p. 152, 2010).

Novamente retorna a questão dialógica, pois a primeira pessoa a falar é o entrevistador, que tem um foco de estudo e crê que essa pessoa a ser entrevistada possa

ensinar algo sobre esse tema. Eis um ponto que diferencia a História Oral de uma autobiografia.

A base da autoridade é diferente: a autobiografia (especialmente se escrita para ser publicada) começa com a decisão da pessoa de escrever sobre si mesma; mas no caso da entrevista, a iniciativa é levantada pelo entrevistador, do qual deriva ostensivamente a legitimidade para falar. O direito de falar, em particular sobre si mesmo, não é assumido automaticamente, especialmente entre os grupos socialmente menos favorecidos, para os quais os historiadores se voltam mais frequentemente (PORTELLI, 2001, p. 18).

A principal diferença entre a entrevista de campo e uma conversa informal é a utilização das máquinas de registro. Podem ser filmadoras, gravadores de voz, ou até mesmo um bloco de anotações. Esses instrumentos provocam uma influência na percepção do entrevistado perante o entrevistador, eles são a prova de que aquelas palavras serão repetidas outras vezes, para outro público, e esses futuros canais de reprodução orientam o gênero do discurso do historiador.

Os principais “efeitos” buscados são – além de tentar “‘aprender um pouquinho’ e de conseguir algumas histórias” (PORTELLI, 1997c, p. 24) - fazer uma nova história, uma história dos movimentos. Transgredir a narrativa histórica/estórica, produzindo uma política da narratividade. Problematizar a própria implicação, modulação no trabalho de campo do pesquisador. Projeto estético.

Nesse sentido, podemos pensar a política da narratividade como uma posição que tomamos quando, em relação ao mundo e a si mesmo, definimos uma forma de expressão do que se passa, do que acontece. Sendo assim o conhecimento que exprimimos acerca de nós mesmos e do mundo não é apenas um problema teórico, mas um problema político (PASSOS; BARROS, 2009, p.151).

Esse procedimento da História Oral, como intercessora na inclusão da dimensão subjetiva – em pesquisa histórica – faz pensar em um rigor metodológico na criação de possíveis, dentro de um exercício crítico-clínico – “afirmar o protagonismo de quem fala e a função performativa [...] das práticas narrativas” (PASSOS; BARROS, 2009, p.156). Abre-se seu coeficiente de transversalização, tendo na transgressão a possibilidade de criação de novos territórios dentro de práticas cristalizadas.

O método, portanto, propõe uma ação sobre o caso, abrindo-lhe o coeficiente de transversalidade para comunicações extracódigo, fechando-lhe para as ameaças dos significantes sociais operadores de sobreencodificações. Agir sobre os coeficientes de transversalidade dos *casos*, eis a indicação metodológica. Trata-se, então, de uma operação complexa e mesmo paradoxal em que a transgressão como método se faz imediatamente também como a transgressão do método (PASSOS; BARROS, 2009, p.157).

Para abertura do coeficiente de transversalização, a desmontagem aparece como um procedimento metodológico da narrativa. Extrai-se, de um caso maior, inúmeros microcasos que ali se agitam. Ao invés de manter uma prática segregativa unilateral, o que se dá nas passagens, nos entres, deve vir à tona, revelando “n” intralutas e, assim, seu caráter político. Pelo processo de dissolvência, experimenta-se a desmontagem do caso, na molecularização do caso molar. A própria dissolvência acaba sendo uma afirmação paradoxal da qual não se pode abrir mão no processo clínico-político. “Queremos afirmar que toda propriedade de si guarda um fundo de impropriedade, de impessoalidade que faz da experiência clínica uma prática nunca completamente privada ou particular, mas pública, isto é, atravessada pela *polis*, pela política” (PASSOS; BARROS, 2009, p.162).

Como estratégia no método da desmontagem, Passos e Barros (2009) propõem a utilização de três preceitos apresentados por Gilles Deleuze e Felix Guattari, em *Kafka: por uma literatura menor* (2003). O primeiro preceito é de que narrar o caso se dê justamente pelo aumento do coeficiente de desterritorialização; o segundo procedimento implica que tudo seja político; e o terceiro de que se considere o caráter coletivo de escrita.

Sobre a primeira característica Deleuze e Guattari afirmam que “uma literatura menor não pertence a uma língua menor, mas antes, à língua que uma minoria constrói numa língua maior” (DELEUZE; GUATTARI, 2003, p. 38), sendo assim a língua é afetada por um forte coeficiente de desterritorialização. Será no aumento desse coeficiente que se fará “gaguejar” no/do caso individual. Com um aumento da potência de fazer vacilar a linguagem, no qual o caso individual acaba por se desindividualizar e encontra em sua pulverização o plano das forças que lhe é constituinte.

Mas, quando se trata de escavar por baixo das histórias, de rachar as opiniões e de atingir as regiões sem memórias, quando é preciso destruir o eu, certamente não basta ser um “grande” escritor, e os meios permanecem para sempre inadequados, o estilo torna-se não-estilo, a língua deixa escapar uma linguagem estrangeira desconhecida, para atingir-se os limites da linguagem e tornar-se outra coisa que não escritor, conquistando visões fragmentadas que passam pelas palavras de um poeta, pelas cores de um pintor ou os sons de um músico (DELEUZE, 1997, p. 129)

A segunda característica das literaturas menores, do processo de desmontagem, é que “tudo é político”. Passos e Barros (2009) sugerem que o caso individual é um índice singular de situações, que quando problematizadas, expõem um *ethos* político, ramificando o caso individual nesse mesmo plano. “O caso individual, desterritorializado, problematizado, indica suas ramificações no plano da *polis*” (PASSOS; BARROS, 2009, p.167).

Para finalizar, a terceira característica é de que tudo adquire valor coletivo. O comum remete a uma experiência coletiva, e qualquer um que nela se engaje, se engaja pelo que é impessoal. “O sujeito é ele próprio um agenciamento de enunciação, isto é, ele se constitui num plano de consistência por agenciamentos, ele só existe em face de certas engrenagens, de determinados agenciamentos” (PASSOS; BARROS, 2009, p.168). Não se refere mais a um uno “unitário” singularizante, mas sim a agentes coletivos de enunciação. Onde um lobo só não possa existir sozinho, mas qualquer assunto referente a ele acabe por referir à sua matilha.

### 3 CAVALGANDO COM GAUDÊNCIO

#### 3.1 Entre Jobim e Quintana

Sobrevoando o oceano, em uma tarde de Julho de 2011, fui agraciado com uma janela, que me possibilitou ter a bela visão do litoral catarinense. Havia deixado há pouco a Cidade Maravilhosa e, cerca de sessenta minutos depois, já avistava a ponte que liga a antiga Ilha do Desterro – rebatizada de Florianópolis, depois que Floriano Peixoto expulsou revoltosos da sua capital, da então batizada República Juliana – ao continente. Após mais alguns minutos, avisto os cânions que separam Santa Catarina do Rio Grande do Sul. O Parque Nacional dos Aparados da Serra, cânion do Itaimbezinho, região de tantas lendas, de índios, gringos e mestiços. Negrinho do Pastoreio, a galopar sem cela, campereando<sup>8</sup> cavalos perdidos, com velas de Nossa Senhora a iluminar seu caminho<sup>9</sup>.

Meu companheiro de viagem interrompe-me em meu devaneio, pedindo licença para olhar também pela janela. Conta-me do seu passeio à região dos cânions, e começamos ali uma pequena conversa que, embora parecendo inicialmente supérflua, acabou por muito me interessar. Essa era a primeira vez que avistava realmente os cânions – mesmo tendo morado muitos anos a poucas horas deles – e ainda é um passeio que gostaria de fazer. Em breve somos comunicados que, dentro de instantes, iniciáramos o processo de aterrissagem. Conversamos sobre desconfortos nas aterrissagens, e ele me contou da curva que o avião faz no Pão de Açúcar, e sobre a Baía de Guanabara, momentos antes de aterrissar no Aeroporto Santos Dumont. Até aquele momento nunca havia experimentado, mas algum medo de voar deixa-me um tanto reticente sobre curvas aéreas.

Ao aviso de “afivelar os cintos” nos calamos, e ele se voltou para sua namorada, que estava dormindo enquanto conversávamos, e eu voltei-me para a janela. O horizonte esboçava um desejo de fim de tarde, e alguns tons tornavam-se alaranjados, e abaixo dele, o Rio Guaíba. Tirando alguns meses que vivi em Porto Alegre, em função de meu estágio no Hospital Psiquiátrico São Pedro, nunca tive tanta proximidade desse rio quanto um porto-alegrense, que vive a vida à suas margens. Mas meus olhos encheram-se um pouco

---

<sup>8</sup> Percorrer os campos em busca de equinos ou bovinos perdidos.

<sup>9</sup> Lenda no Anexo I, desta dissertação, p. 149.

com suas águas enquanto o refrão, de uma velha milonga<sup>10</sup>, ecoou em meus lábios: - “Velho Rio Grande, velho Guaíba...”<sup>11</sup>.

O frio, que me preocupava fascinadamente, não havia estendido suas barbas esbranquiçadas nesse fim de tarde, mas dava ares que tão pouco a noite surgisse, fosse o necessário para que temperaturas baixas tomassem conta das paredes, calçadas, ruas e almas dessa cidade. Dirigi-me, de *Trensurb*<sup>12</sup>, à rodoviária, onde iniciaria a viagem Porto Alegre-Santa Maria, aproximadamente mais quatro horas, dessa vez por solo. Descubro uma rodoviária cheia de sexta à noite, e minha viagem de quatro horas, foi então transformada em oito horas. Chegando à plataforma indicada, fui tentar conversar com os motoristas para saber se, no caso de haver alguém não tivesse chegado a tempo, eu poderia embarcar no lugar dessa pessoa. Contudo, a fila de conversas com o motorista também estava cheia. Desisto e olho em volta procurando algum lugar pra sentar. Ouço um chamado: um colega de faculdade estava tomando um café, aguardando o momento de sua partida. Muito mais do que colega, encontrei um amigo que, há mais de seis meses, não via pessoalmente.

Ele estava em Porto Alegre, fazendo uma especialização em Terapia Cognitiva Comportamental e, nesse nosso encontro, compartilhamos um pouco nossas vidas nesse atual momento. Velhos conhecidos me acompanhavam nesse momento totalmente novo. Velhos amigos, velhos sonidos, velhos sabores, velho frio. Sim, nesse momento o frio já havia tomado conta, cortando os lábios, ressecando a pele, endurecendo os dedos. Dali duas horas meu amigo partiu, pois não mora em Santa Maria, mora em uma pequena cidade de imigração alemã, cercada de cidades de imigração italiana, região essa denominada Quarta Colônia ou Vale Vêneto – todas próximas de Santa Maria.

Começa meu retorno a Santa Maria e o frio perde espaço para o calor do ônibus, que forçou a tirar todas as roupas que havia posto, fossem de frio ou não, e o sono me permitiu uma viagem menos demorada. Cheguei por volta de uma hora da manhã e meu pai estava me esperando. Casaco, cachecol, boina, luvas, na tentativa de aliviar um pouco o frio em seu corpo. Cada vez mais me vejo nele, nas suas feições, traços, modo de falar e vê-lo da janela do ônibus permitiu-me uma breve viagem ao futuro, enquanto também, o passado me fazia costado.

---

<sup>10</sup> Ritmo gauchesco.

<sup>11</sup> Trecho da música: Pealo de sangue. Compositor e intérprete: Raul Ellwanger. Álbum: GAUDÉRIO. Gravadora: Som Livre-RBS, 1984.

<sup>12</sup> Trens Urbanos de Porto Alegre/RS

Minha mãe já estava a dormir quando cheguei, mas prontamente despertou, me deu um beijo, um abraço, perguntou-me sobre a viagem e pôs-se a dormir novamente. Havia uma pizza, preparada por eles, me esperando, pronta, para comer antes de dormir. Velhos sabores, cheiros, toques de pele. Fui dormir no meu antigo quarto, hoje transformado em escritório - embora conserve algumas fotos colocadas por mim, pôsteres de campeonatos conquistados pelo Internacional de Porto Alegre, pedras do lago Titicaca...

Ao encostar a cabeça no travesseiro, os versos finais da poesia Meu Pedido, do famoso poeta de poesia gauchesca, Jayme Caetano Braun<sup>13</sup>, brotaram em minha memória:

Sentindo a fumaça crua, que faz chorar de brinquedo,  
Meio arrepiado de medo, dos duendes da pampa nua.  
E o beijo da mãe charrua, mas doce que um caramelo,  
Naquele doce desvelo que de ternura se esvai,  
E a mão amiga do pai me esparramando o cabelo (BRAUN, 1993, Faixa 14).

### 3.2 “Churrasco e bom chimarrão”<sup>14</sup>

O sábado seguiu com alguns reencontros e o domingo iniciou-se com cheiro de carvão e carne. Do rádio ouviam-se milongas, chamamés<sup>15</sup>, chamarras e vaneiras, e aquele momento recriou-se para mim de tantos domingos com esta lembrança olfativa, auditiva, visual. Fazia tempo que nossa churrasqueira não era acesa, pois meus pais consideravam muito trabalho fazer churrasco somente para os dois e, desde minha partida para terras fluminenses, ela havia permanecido sem carvão, fogo e carne, como pôsteres colorados<sup>16</sup> em um escritório de gremistas.

Em algumas horas, chegaria segunda-feira, onde buscava encontrar na rua em frente a minha casa uma figura ímpar, que cuidava de carros durante anos na referida rua. Um senhor que geralmente usava um chapéu de palha, fazia seus cigarros e, nos dias de frio, vestia um pala. Tinha uma fala um tanto característica, voz grave e fala rápida a qual muitas vezes pouco se compreendia. Nossas vidas, além de se cruzarem quase que diariamente, tiveram um ponto no qual convergiam em algum sentido.

Já em vésperas de minha viagem para Niterói, por conta da entrevista de seleção do mestrado, participei como ouvinte de um ato no dia dezoito de maio, dia da luta anti-

---

<sup>13</sup> (1924 — 1999)

<sup>14</sup> Trecho da música É disso que o velho gosta. Compositora e intérprete: Berenice Azambuja. Álbum: ROMANCE DE TERRA E PAMPA. Gravadora: CHANTECLER, 1980.

<sup>15</sup> Ritmo gauchesco.

<sup>16</sup> Como são chamados torcedores do Sport Club Internacional de Porto Alegre, por ostentar a cor vermelha, oposta ao azul, de seu maior rival Grêmio Footbal Porto-alegrense.

manicomial, no qual profissionais de CAPS, ambulatórios, usuários, familiares, e demais presentes, promoviam um evento em praça pública. Era um dia chuvoso e frio pouco característico dos dias de Maio, aos quais, os antigos confiavam suas plantações e tropeadas ao “veranico de Maio” - um último calor antes de o inverno entrar rigoroso nas vidas desses povos.

Dentre tantas falas, depoimentos, instigaram que esse homem falasse sobre sua história, antecipando aos que ali estavam sua vida por hospitais psiquiátricos e também inúmeras fugas dessas instituições. Falou pouco, com sua pronúncia embolada, talvez ainda mais embolada devido ao grande número de pessoas - pensei – e, no pouco que contou, ratificou a fala de que já havia fugido muitas vezes. A profissional responsável pela organização do ato público complementou dizendo que agora ele não precisava mais fugir. Será? O que nos leva a não querer mais fugir? O que insiste e persiste em fazer fugir?

Aquele senhor, que tantas vezes me pediu cigarro, que tantas vezes trocamos conversas sobre o calor, a chuva, o frio. Que tantas pessoas desprezavam - ao trocar cuidados do seu carro por níqueis – e outras também ajudavam - dando-lhe almoço, cedendo sua casa, seu espaço de trabalho, para que utilizasse o banheiro. Pensei que esse senhor era o exemplo vivo de alguém que sentiu, na pele e alma, todo o processo de internação e da Reforma Psiquiátrica, e que hoje é um usuário do Sistema Único de Saúde. Esteve ali - durante minha formação, quando regresssei de meu estágio no Hospital São Pedro, quando abordei na monografia o tema da exclusão perante os loucos - o tempo todo, e agora que iria dar continuidade à minha pesquisa, em terras distantes, ele ainda se fazia presente, estranha presença – com seu chapéu de palha, pala enfiado, cigarro entre os dedos e bigodes amarelados.

No domingo, meu pai comenta que fazia um tempo que não o via mais por lá - a vigiar os carros de outrem - e minhas expectativas de ter atravessado cinco Estados em busca das histórias dessa vida aumentavam. Alguns anos antes, a instalação de parquímetros na cidade tinha deixado muitos cuidadores de carro impossibilitados de exercerem seu ofício. Será que algo do gênero teria acontecido? Estaria ele novamente internado? O inverno estava muito rigoroso, e nos dias de chuva, muito frios, ele não aparecia. Estaria se refugiando dessa estação?

Essas respostas não poderiam ser respondidas num domingo de churrasco com meus pais. Aguardar, somente aguardar e imaginar, era o que me restava naquele momento, enquanto saboreava uma carne assada, num domingo de frio, após ter a língua já

esverdeada de sorver o chimarrão. Esse estava sendo o fim de semana mais frio do ano, atingimos temperaturas por volta de um grau negativo, enquanto a sensação térmica rondava a casa dos cinco graus negativos. Tivemos a notícia de que um morador de rua havia falecido, na madrugada de domingo, por causa do frio.

Segunda-feira, a chuva parou, o céu abriu, e o sol exposto propiciou um dia agradável. No entanto, a rua estava repleta de carros e seu cuidador não estava lá. O mesmo se repetiu na terça-feira, e na quarta pela manhã. Por volta de um mês antes, meu pai o havia visto na rua. Por saber das minhas intenções de entrevistá-lo, o abordou, comentou sobre e perguntou se ele se lembrava de mim. Ao ter uma resposta positiva, explicou que eu estava no Rio, que estava pesquisando sobre a Reforma Psiquiátrica e perguntou se ele poderia colaborar com a pesquisa. Disse que não gostava muito de falar sobre isso, mas que, como seria para mim, abriria essa exceção, e deu-lhe seu endereço. Informações muito importantes, pois, no meu caso, não se tratava de simplesmente atravessar a rua. Era necessário verificar as promoções de passagens de avião, pensar em datas que não atrapalhassem tanto minhas atividades como aluno da Pós-Graduação, ou se teria que pensar novos rumos para pesquisa.

Os dias passavam e não o via na rua. Teria somente mais uma semana e meia e necessitava saber se minha viagem não teria sido em vão. Resolvi, então, procurá-lo em seu endereço, localizado em uma comunidade pobre com ruas desconhecidas, as quais, não estavam registradas nos mapas oficiais da cidade. Contudo, não sem experimentar certo desconforto em estar “invadindo” seu domicílio.

### **3.3 Eles passarão. [E] Eu [?] Passarinho[?]**<sup>17</sup>

Na quarta-feira, após o almoço, tomamos o rumo da Vila Jockey Clube - em busca de sua direção de morada. Após rodarmos um pouco, pedimos informações para alguns grupos de jovens pelas esquinas. Os quais não foram nem um pouco simpáticos - demonstrando um tom desconfiado por nossos questionamentos. Um senhor deu a orientação sobre a rua que buscávamos. A numeração das casas não seguia as sequências de numerações que estávamos acostumados a ver. Casas ímpares e pares do mesmo lado da calçada, números que aumentam e diminuem sem o menor constrangimento por não seguirem o traçado tradicional.

---

<sup>17</sup> Trocadilho com base na poesia de Mário Quintana intitulado “Poeminho do contra”. “Todos esses que aí estão/ Atravancando meu caminho,/Eles passarão.../Eu passarinho!” (QUINTANA, 1983, p. 28).

Em breve avistamos a casa com a numeração correspondente. Avistei seu pala estendido na cerca, oferecendo sua lâ, dessa vez, ao sol - após dias chuvosos. Tive a certeza: - “É aqui”! Paramos o carro, era uma casa relativamente grande, de alvenaria, de um só pavimento. Um cachorro – preso numa corrente, próximo ao portão de entrada - apressou-se em avisar que havíamos chegado. As portas e janelas frontais estavam cerradas, e não havia campainha. Tive que recorrer às palmas e a um antigo: -“Ô de casa!”. Embora o latido do cachorro encobrisse minha voz e a cada palma aumentassem alguns decibéis a força de seu aviso.

Uma senhora apareceu, saindo por uma porta lateral. Desejei-lhe boa tarde, e perguntei se ali era a residência de quem eu buscava. Ela confirmou o já presumido fato, e expliquei-lhe o motivo de minha aparição, numa tarde de quarta-feira de Junho de 2011. Contou-me que ele estava no Hospital Universitário, como fazia a maioria dos dias, e que no final da tarde deveria regressar. Regressei então no horário indicado e, novamente, o cachorro anunciou-nos. Novamente a senhora surgiu - pela porta da frente – e nos disse que ele não estava em casa, mas que estava próximo e pediria para seu neto – de aproximadamente 13, 14 anos – que fosse chamá-lo. Pediu que aguardássemos, sem convidar-nos para entrar. Dizendo ter coisas a fazer, a senhora novamente entrou.

Encostamo-nos ao carro, parado do outro lado da rua, em frente à casa dos administradores de uma igreja evangélica – presumi, pois a casa tinha conexão com a igreja no terreno ao lado. A dona da casa varria o pátio e nos cumprimentou; dando uma pausa em seus afazeres, comentou algo sobre o tempo. Não consegui prestar atenção, estava a imaginar como seria esse nosso encontro. Lembrar-se-ia realmente de mim? Aceitaria ele contar-me sua história? Conseguiria eu realizar uma entrevista do modo que desejava? O que ele fazia na ala psiquiátrica do HUSM todos os dias? Aceitaria preencher o Consentimento Livre Esclarecido exigido pelo Comitê de Ética em Pesquisa com seres humanos? Estas eram algumas das muitas indagações que me assaltavam naquele momento.

Após o término da breve conversa a vizinha entrou. Ficamos novamente na espera, meu pai e eu, e com ele dividi minhas angústias. Decidimos que se fosse acertada a entrevista, ele iria embora e eu voltaria de ônibus. Já havíamos observado uma parada de ônibus logo em frente, e percebemos que a maioria dos ônibus que regressavam ao centro da cidade por ali passava. Ficamos em silêncio observando crianças que brincavam numa rua próxima.

O neto da senhora, dona da casa, regressou, e disse que ele estava no “Cachorrão”<sup>18</sup> e que em breve retornaria. Conferi as horas, o gravador, o dinheiro da passagem da volta, e, por não ter mais o que conferir, resolvi acender um cigarro.

### 3.4 Blau e Gaudêncio

Ao lembrar sua figura chegando, de chapéu, pala – com sua lã, oferecendo seu calor a seu legítimo dono –, botas de borracha embarradas pela rua sem asfalto, e pelas histórias que ouviria, não deixo de imaginar a figura de Blau Nunes. O vaqueano de João Simões Lopes Neto<sup>19</sup>, narrador dos *Contos Gauchescos e Lendas do Sul*. Sem pedir licença, com as palavras do próprio João Simões Lopes Neto, faço sua apresentação:

Patrício, apresento-te Blau, o vaqueano.

- Eu tenho cruzado o nosso Estado em caprichoso ziguezague. Já senti a ardência das areias desoladas do litoral; já me recrei nas encantadoras ilhas da lagoa; a Mirim; fatiguei-me na extensão da coxilha de Santana; molhei as mãos no soberbo Uruguai, tive o estremecimento do medo nas ásperas penedias do Caverá; já colhi malmequeres nas planícies do Saicã, oscilei sobre as águas grandes do Ibicuí; palmilhei os quatro ângulos da derrocada fortaleza de Santa Tecla, pousei em São Gabriel, [onde] a forja rebrilhante que tantas espadas valorosas temperou, e, arrastado no turbilhão das máquinas possantes, corri pelas paragens magníficas de Tupaciretã, o nome doce, que no lábio ingênuo dos caboclos quer dizer os campos onde repousou a mãe de Deus...

- Saudei a graciosa Santa Maria, fagueira e tranqüila encosta da serra, emergindo do verde-negro da montanha copada o casario, branco, como um fantástico algodão em explosão de casulos.

- Subi aos extremos do Passo Fundo, deambulei para os cumes da Lagoa Vermelha, retrovim para a merencória Soledade, flor do deserto, alma risonha no silêncio dos ecos do mundo; cortei um formigueiro humano na zona colônial.

- Da digressão longa e demorada, feita em etapas diferentes, estes olhos trazem ainda a impressão vivaz e maravilhosa da grandeza, da uberdade, da hospitalidade.

- Vi a colméia e o curral; vi o pomar e o rebanho, vi a seara e as manufaturas, vi a serra, os rios, a campina e as cidades; e dos rostos e das auroras, de pássaros e de crianças, dos sulcos do arado, das águas e de tudo, estes olhos, pobres olhos condenados à morte, ao desaparecimento, guardarão na retina até o último milésimo da luz, da impressão da visão sublimada e consoladora: e o coração, quando faltar ao ritmo, arfará num último esto para que a raça que se está formando, aquilate ame e glorifique os lugares e os homens dos nossos tempos heróicos, pela integração da Pátria comum, agora abençoada na paz.

E, por circunstância de caráter pessoal, decorrentes da amizade e confiança, sucedeu que foi meu constante guia e segundo o benquista tapejara Blau Nunes, desempenado arcabouço de oitenta e oito anos, todos os dentes, vista aguda e ouvido fino, mantendo seu aprumo de furriel farroupilha, que foi, de Bento Gonçalves, e de marinheiro improvisado, em que deu baixa, ferido, de Tamandaré.

Fazia-me ele a impressão de um perene tarumã verdejante, rijo para o machado e para o raio, e abrigando dentro do tronco cernoso enxames de abelhas, nos galhos ninhos de pombas...

<sup>18</sup> Alcinha dada a pequenos bares, lanchonetes por servirem cachorros-quentes, “Xs”, e outros lanches.

<sup>19</sup> (1865 – 1916)

Genuíno tipo – crioulo – rio-grandense (hoje tão modificado), era Blau o guasca sadio, a um tempo leal e ingênuo, impulsivo na alegria e na temeridade; e dotado de uma memória de rara nitidez brilhando através de imaginosa e encantadora loquacidade e floreada pelo vivo e pitoresco dialeto gauchesco.

E de trotar sobre tantíssimos rumos; das pousadas pelas estâncias dos fogões a que se aqueceu; dos ranchos em que cantou, dos povoados que atravessou; das coisas que ele compreendia e das que eram-lhe vedadas ao singelo entendimento; do pêlo-a-pêlo com os homens, das erosões, da morte e das eclosões da vida, entre o Blau – moço, militar – o Blau – velho, paisano -, ficou estendida uma longa estrada semeada de recordações – casos, dizia -, que de vez em quando o vaqueano recontava, como que estende no sol, para arejar, roupas guardadas ao fundo de uma arca.

Querido digno velho!

Saudoso Blau!

Patrício, escuta-o. (NETO, 1998, p. 13-15).

Fazendo uso dessa magnífica apresentação, pego emprestado seu nome, que não será Blau Nunes - como o narrador de Lopes Neto. Por nosso acerto para a manutenção de sua privacidade nomeio-lhe então de Gaudêncio Sete Luas – música de Luiz Coronel e Marco Aurélio Vasconcelos<sup>20</sup>. Apresento então, a música, razão de seu rebatismo:

A lua é um tiro-ao-alvo,  
E as estrelas, bala e bala!  
Vem minuano e eu me salvo,  
No aconchego do meu pala...  
Se troveja a gritaria,  
Já relampeja minha adaga,  
Quem não mostra valentia,  
Já na peleia se apaga.  
Marquei a paleta da noite  
Com o sol que é ferro em brasa,  
E o dia veio mugindo,  
Pra se banhar n'água rasa.  
Pra me aquecer, mate quente,  
Pra me esfriar, geada fria,  
Não vai ficar pra semente,  
Quem nasceu pra ventania.

Assim, patrício, apresento-te Gaudêncio.

Escuta-o.

### 3.5 Velhos conhecidos, novos encontros

Gaudêncio chegou, enfim, até nós. Cumprimentou-nos como velhos conhecidos e convidou-nos para entrar. Meu pai agradeceu dizendo que teria que ir ao mercado, que estava somente esperando-o comigo. Perguntei se ele lembrava da conversa que haviam

<sup>20</sup> Interpretada por Leopoldo Rassier e Lúcia Helena, sendo a segunda colocada no festival 2ª Califórnia da Canção Nativa, 1972, em Uruguaiana/RS.

tido há alguns meses. Gaudêncio disse que sim e prontamente falou que tinha machucado o braço – no mesmo dia que conversaram – no posto de saúde, por ocasião de ter tropeçado numa escada, apressado para não perder a hora de retirar seus medicamentos.

Os dois se despediram com a frase de meu pai: -“Vou deixar o guri conversando contigo aí”, e assim partiu. Entramos em sua casa, pelo portão da garagem, pois por ali desviávamos do cachorro que estava preso e com raiva de mim, adentrando em seu território. Convidou-me para sentar, sentou e, a senhora dona da casa – a quem chamarei de Bibiana - sentou na sala conosco. Apresentei-me, então, como psicólogo e pesquisador. Conteí sobre minha pesquisa e o porquê de ter vindo falar com ele. Bibiana mais atenta que Gaudêncio. Os dois concordaram em participar, um exteriorizando verbalmente que sim, outro deixando explícito corporalmente que eu ali poderia permanecer. Expliquei sobre a necessidade de utilizar o gravador – Gaudêncio demonstrou não gostar, mas acabou concordando, quando enfatizei que seria um ponto crucial na minha pesquisa –, sobre o Consentimento Livre Esclarecido. Combinamos que regressaria com as entrevistas transcritas, pesquisa encaminhada, para que juntos experimentássemos a construção desse texto.

Pedi então que me contasse sobre sua vida. De onde é; com quantos anos tinha tido contato com hospitais psiquiátricos; se o tratamento dado hoje é diferente do antigo... Ele então me interrompe e começa a contar que, com 14 anos, foi internado. O gravador estava desligado; o interrompi, pedindo que esperasse e, após ligar, repeti sua frase anterior, sentindo a primeira dificuldade em não compreender sua fala. Necessitava entender o que me dizia, repetir algumas de suas frases incompreensíveis foi uma estratégia utilizada – principalmente quando o assunto era referente à sua história de tratamento psiquiátrico – e direcionar perguntas referindo ao campo de pesquisa, também.

Nesse instante, ao ligar o gravador para entrevistá-lo, me vi tomado por questões da instituição-pesquisador – a preocupação com a localização do aparelho para melhor captar sua fala, preocupação com o trabalho de transcrição das entrevistas, prazos e burocracias presentes na academia. Não somente Gaudêncio “estranhou” o gravador, mas principalmente o pesquisador. A quem desconserta?

Esse primeiro movimento “entrevistador/entrevistado” modificou um pouco a relação, e a conversa que tínhamos nos momentos fora-entrevista. Talvez, a arborescência tenha surgido, com algumas raízes na instância de continuar a pesquisa; no investimento – financeiro, logístico, psíquico - para aquele encontro acontecer; na expectativa de realizar a primeira entrevista da pesquisa. Mas - como citado na introdução dessa pesquisa - das

arborescências podem surgir rizomas, e algumas modulações aconteceram em momentos das entrevistas.

Pedi então que repetisse e ele começou a me contar:

– Com 13 anos estava fazendo tratamento no Hospital de Caridade...

– O Sr. começou então com 13 anos, começou a fazer tratamento para o estômago e depois começou já no psiquiátrico também?

– É...

– Desculpe perguntar, mas quantos anos tu tens?

– 56.

– 56?

– 56, *to coroa* já...

– Tá *coroinha* já? Hahahaha.

– *To véio*...

– Não, não tá tão velho, não! E daí *bueno*, começou então com 14, mas o quê que...

Por que é que começou esse tratamento?

– Porque o Dr. Tomazi, que me tratava pra úlcera, me falou que eu era “super-dos-nervos”.

– Que era o quê dos nervos?

– Super-dos-nervos.

– Ah é? E por quê? O que acontecia pra ele falar isso?

– Ah isso aí... É de família...

– É de família já?

– Todo mundo, os irmãos... Barbarizaram Formigueiro.

– Ele também tem “problema”?

– Uhum... - Respondeu vagamente, acenando sua cabeça em um sinal afirmativo.

– E daí tá, com 14 anos *tu começou* a freqüentar “lá fora”, o psiquiátrico... - Tem-se o costume de referir-se a “lá fora” para o campus da UFSM (Universidade Federal de Santa Maria), por ser no bairro Camobi - afastado do centro da cidade.

– E até hoje, meu médico é o Dr. Cirilo, que é morto, foi o primeiro médico que tinha em Camobi, na universidade.

– E como que era naquela época o tratamento lá?

– Naquela época eu nunca tinha baixado ainda, agora já baixei muito, umas 5, 6 baixas mais.

Estranho um pouco a palavra “baixa”, que se refere a “baixa hospitalar”. Repito, então, a pergunta como uma forma de confirmação.

- Naquela época o Sr. não tinha baixado ainda?
- Não. Só vinha de mês em mês, vinha de Formigueiro para pegar remédio aí.
- Ah, porque *tu morava* em Formigueiro?
- Sou de Formigueiro.
- Claro. Com uns 14 anos isso? E *despues* como que foi?
- E depois continuei fazendo tratamento. Faço até hoje.

Nessas falas de Gaudêncio, podemos pensar em algumas características histórico-políticas importantes na orientação psiquiátrica brasileira – os lembretes à história.

### 3.5.1 Lembretes à História: Higienismo e Eugenismo

Desenrolar a linha histórica do movimento eugênico em nosso país poderá jogar alguma luz sobre nossa atualidade, não para nos revelar a fatalidade de um destino, um desígnio que já existia em germe do passado, mas para apontar o ilimitado campo de possibilidades no qual novas práticas e novos modos de existência possam ser desenvolvidos (LOBO, 2003, p. 1).

Gaudêncio nasceu no ano de 1955, tendo já um irmão mais velho, em uma cidade do interior do Rio Grande do Sul. Disse ter tido seu primeiro contato com o Hospital Universitário da Universidade Federal de Santa Maria aos 13, 14 anos, por ser “super-dos-nervos” e já possuir um histórico familiar.

A orientação de práticas psiquiátricas brasileiras, na década de 50, era baseada em preceitos higienistas e muitas vezes eugenistas. Lobo (2003) afirma que não tivemos no Brasil ações eugênicas radicais como, por exemplo, na Alemanha Nazista de Hitler; entretanto, vivenciamos ações nas quais “as mortes ocorrem até hoje pelo descaso das autoridades públicas quanto ao abandono dos doentes e deficientes e do extermínio mais ou menos clandestino de crianças, delinqüentes e homossexuais” (p.5). Mesmo sem contarmos com um tribunal eugênico, não ficamos impunes a práticas médicas de vigilância e exclusão.

Essas práticas tinham seu principal respaldo na Liga Brasileira de Higiene Mental (LBHM), fundada em 1923 no Rio de Janeiro, por Gustavo Riedel - liga espelhada na Liga de Higiene Mental norte-americana - tendo como principais ferramentas os testes psicológicos, com bases teóricas importadas de tal instituição e país. Trata-se aqui de pensar a emergência histórica de uma nova forma de controle dos corpos.

No Brasil, as práticas psiquiátricas nesse período eram marcadas por propostas de higienização. O trabalho desenvolvido baseava-se na adaptação do indivíduo ao meio social, fazendo da educação escolar e higiênica a formadora de hábitos sadios para a sociedade. Assim como também havia aqueles que propunham uma posição eugênica, por bem dizer, radical, defendendo purificação da raça, esterilização, “exclusão dos ditos degenerados (leprosos, loucos, idiotas, epiléticos, cancerosos, nefrolíticos, tuberculosos, prostitutas e vagabundos), incluindo, entre estes, os deficientes mentais” (SOUZA; BOARINI, 2008, p. 288).

Comparada à ação inquisitorial, a medicina social instituiu no Brasil, a partir do século XIX, um mecanismo de poder totalmente novo, e isto bem antes do surgimento de um novo tipo de Estado mais aparelhado e capaz de levar a cabo as transformações de ordem econômica, como a industrialização, por exemplo (LOBO, 2003, p. 2).

A LBHM, em 1925, lança seu estatuto, marcando suas metas e formas de atuação:

a) prevenção das doenças nervosas e mentais pela observância dos princípios da higiene geral e especial do sistema nervoso; b) proteção e amparo no meio social aos egressos dos manicômios e aos deficientes mentais passíveis de internação; c) melhoria progressiva nos meios de assistir e tratar os doentes nervosos e mentais em asilos públicos, particulares ou fora deles; d) realização de um programa de Higiene Mental e de Eugenia no domínio das atividades individual, escolar, profissional e social (BRASIL, 1925, p. 223).

Em um artigo de 1954, publicado no *Jornal Brasileiro de Psiquiatria*, do Instituto de Psiquiatria da Universidade do Brasil (vol. III, nº 4), intitulado “Normalidade – neurose – psicose – psicopatia”, a Dra. Iracy Doyle defende a idéia de idade mental, dizendo que as psicopatias, neuroses e psicoses são formadas por uma imaturidade psicológica, pelo emocional.

Existem, infelizmente, muito indivíduos emocionalmente, imaturos, e o pior é que a sociedade não exerce controle algum sobre as suas exibições de imaturidade. Impõe-se estabelecer métodos e processos capazes de evidenciar a imaturidade emocional grosseira entre os adultos, do mesmo modo que se faz em relação à debilidade mental, para que não se permita aos imaturos ocupar postos de responsabilidade (DOYLE, 1954, p. 397).

Dando sequência ao seu artigo, cita como o condicionamento e a escola poderiam proporcionar a normalidade, ou seja, a maturidade mental:

Podemos ser condicionados em todos os sentidos – no sentido do bem e no sentido do mal, construtiva ou destrutivamente. Podemos até ser condicionados a comer espinafre e gostar; a matar o semelhante e ficar orgulhoso; a insultar uma minoria racial, política ou religiosa, e sentirmo-nos perfeitamente justificados. Porque o espinafre ficou associado à satisfação materna, e à aprovação por parte dos adultos; a morte do inimigo aos elogios militares e medalhas de guerra; a

descortezia a uma minoria à idéia de coesão e solidariedade para com a maioria do grupo social. Em todos os casos, trata-se de condicionamentos estabelecidos pela educação. Na verdade, o ser humano pode-se tornar o que os educadores resolvam fazer dele. Desse modo, a maturidade só é obtida quando existem condições capazes de condicioná-la, isto é, quando as atitudes que as integram forem as premiadas pelo processo educacional (DOYLE, 1954, p. 399).

Essas teorias, publicadas um ano antes de Gaudêncio nascer, demonstram o pensamento da época, sobre doença mental, sociedade, higienismo, que perduraram na década seguinte.

No entanto, não resta dúvida de que a propaganda eugênica atingiu muitos mais indivíduos negros e mestiços e todos os pobres, que sempre foram responsáveis por sua própria miséria moral e material, e a partir do século XIX, passaram também a ser os responsáveis pela degeneração da espécie (LOBO, 2003, p. 4).

Em 1962 – seis anos antes de Gaudêncio ser atendido em um centro de referência mental mais especializado (Hospital Universitário) –, foi publicado um artigo de I. Cunha Lopes no *Jornal Brasileiro de Psiquiatria* (vol. XI, nº 3 e 4) intitulado “Aspectos eugênicos e psico-higiênicos na constituição da família”. Diz que “a psico-higiene completa a obra do patrimônio hereditário eugênicamente insuspeito na constituição da família e assegura o bem-estar e a felicidade do lar” (LOPES, 1962, p. 257). Frisa que a higiene mental deva acompanhar o indivíduo desde a fase pré-concepcional, onde eventuais “condições disgênicas podem ser surpreendidas” (LOPES, 1962, p. 257).

Enumera os males que o álcool, o trauma, a sífilis, podem acarretar na evolução ontogenética dos seres humanos. Faz referência às intoxicações no ato da pré-concepção, colocando o álcool na primazia de criador de taras perigosas. Ratifica a influência da lesão alcoólica sobre as chamadas “células sexuais”.

Assim, aos pais bebedores cabe toda a responsabilidade das conseqüências de sua intoxicação alcoólica no ato da procriação. É conhecida a cínica passagem que Diógenes lança em rosto de certa personagem estúpida: – “Jovem, teu pai estava embriagado quando tua mãe te concebeu” (LOPES, 1962, p. 258).

Gaudêncio referiu a sua infância como trabalhando nas lavouras de arroz – sempre em áreas alagadiças – independentemente de intempéries de tempo, nadando em rios em função do trabalho, mesmo no inverno. Seu irmão mais velho e companheiro, que segundo ele “barbarizava Formigueiro”, também era considerado com “problemas mentais”. Não é de causar estranhamento, que uma criança nascida e criada em uma família pobre, que fugisse aos padrões de bom comportamento, que fugisse da “normalidade” – apregoada pelos higienistas – fosse considerada desviante, ou enquadrada como “doente dos nervos”.

Devemos pensar ainda que se aos 14 anos, foi atendido em Santa Maria, deve ter passado parte da sua infância, com outros diagnósticos feitos por especialistas em Formigueiro, que devido à condição do caso foi encaminhado ao Hospital Universitário. É importante frisar a distância e isolamento da sua região, frente aos grandes centros produtores de conhecimento, sendo que os ideais higienistas e eugênicos podem ter por ali se instalado – tardando a sair – e possíveis mudanças teóricas tenham demorado a chegar. Pode-se questionar se estes ideais não prevalecem em pensamentos e práticas de profissionais atuantes ainda hoje no Brasil e no mundo.

Enquanto o indivíduo urbano de classe média tem à sua disposição infovias onde pode trocar textos, imagens e sons, movimentar a conta bancária e comprar tudo que quiser, até óvulos pela internet para gerar bebês perfeitos [21], à imagem e semelhança de seu narcisismo, isolado em casa, sem contato físico ou com outras pessoas, na solidão virtual de seu telemundo, dois terços da população encontram-se abaixo da linha da pobreza. Eis a lógica “neo”-liberal da globalização das elites mundiais, que incorpora o “neo”-darwinismo que não mais precisa da esterilização dos degenerados ou dos fornos crematórios do nazismo. Trata-se da seleção natural pelo extermínio das periferias por conta da insalubridade e da violência, da morte prematura de mundos ignorados pelo primeiro mundo das infovias - de continentes arrasados, como a África, pela fome, pelas doenças e pelas guerras (LOBO, 2003, p.6).

### 3.5.2 Seguindo a prosa

Bibiana, que até então somente nos acompanhava, interveio pontuando um possível rumo para a pesquisa:

– Gaudêncio, conta assim ó... Ele foi segurança de banco...

Na nossa conversa anterior, tinha sido comentado que ele havia trabalhado nessa função. Como estava pensando em deixar que ele contasse, respondi vagamente:

– É, pois é...

Bibiana, então precisa e pontual, toma as rédeas da conversa:

– Ele trabalhou. Às vezes eu fico preocupada assim, por tudo que ele é hoje e o que ele foi um dia na vida, né, ele foi assim ó, ele...

Gaudêncio então a interrompe:

– Cuidava *os banco* em Porto Alegre.

Com medo de perder os detalhes da conversa e de sua vida, indago sobre sua idade.

---

<sup>21</sup> Sobre bancos de óvulos e banco de espermas: existe uma produção de Antonin Artaud, de 1948, que se refere também a este tema. Este texto foi escrito pós Segunda Guerra Mundial, e retrata – sob a visão do autor - um pouco da política externa norte-americana, demonstrando-se atual em algumas críticas, se as pensarmos com as novas roupagens que vem se transvestindo, como da Guerra ao Terror, por exemplo. É intitulado “Para acabar com o Julgamento de Deus”, e encontra-se em sua totalidade no Anexo II, p. 155 desta dissertação.

– É mesmo? Mas daí quantos anos o Sr. tinha... Quando foi lá pra Porto, quando...

– Devia ter uns 23, 24 anos...

– 23?

– Eu morei em Santa Rosa na casa da minha irmã e trabalhava na construção civil. E lá deu uma briga num bar lá, *me balearam eu...* Quase perdi a vida. Meu irmão matou um e quase matou mais quatro, num entrevero de bala.

– E o Sr. tinha o quê? 24?

– Tinha 22 anos, me balearam tudo! Caí! O estômago e intestino....

Gaudêncio, então, demonstra-se ao mesmo tempo entre angustiado e eufórico. Faz-se um silêncio. Uma tensão estabelece-se no ar pela expectativa da história que estaria por vir... Sentindo um leve formigamento no estômago, o indago:

– E foi feia a coisa?

– Foi feia a coisa!

Ainda sem saber o que havia ocorrido, novamente então, trago o assunto da briga que estava em suspenso.

– E por quê que deu esse entrevero?

– Eu levava o encaminhamento para o tratamento lá, o médico de Santa Maria tinha me dado o encaminhamento para o tratamento pro posto de saúde em Santa Rosa. Eu não dava muita bola pros amigos e gostava de tomar uns tragos.

Minha ansiedade torna-se plena. Gaudêncio parece perceber e dar voltas. Sinto que ele também está ansioso, mas que nessa ansiedade há um sentimento de plenitude, uma espécie de “ferver o sangue”. No entanto, trata-se de uma fervura minimamente controlável, que não chegava ao ponto de se queimar – como quando se espera uma chaleira chiar um pouco até que a água atinja a temperatura certa para o café, ou chimarrão, antes de ferver.

– E por que deu o entrevero lá?

Gaudêncio me olha e respira, preparando-se para contar seu caso.

– No bar, eu quebrei o nariz dum rapazinho lá. *Nós tava* lá em baixo tomando cerveja e tomando conhaque com meu colega de serviço da construção... Em Santa Rosa. Daí, quase me mataram cara, no entrevero. Eu e meu irmão, *seco* as balas, atiro umas 4,5 bala num canto, aí fechou o revolver na palma da mão e dava de plancha<sup>[22]</sup> na cabeça e

---

<sup>22</sup> Plancha ou prancha, é a lateral de um objeto, geralmente uma arma branca. Quando se refere a um golpe com a lâmina, diz-se de “talho”. Ao chegar a Santa Fé, o Capitão Rodrigo Cambará, em “O tempo e o vento”

nos ouvido dos vagabundos. E o pega era lá em baixo. E uma hora dessas ele erra e cáí junto. Hahaha

Era um contar, entre contar e encenar. E o acontecido parece então ter sido constituído em meus olhos. Acompanho sua risada para que desse seguimento a sua fala.

– Aí, um cara ergueu o facão pra abrir ele no meio, e o barrigudão, o Deiger nosso amigo, tava tomando uma cerveja no bico, quando levantou o facão ele *pá!* Grudou a garrafa no meio e derrubou. Aí meu irmão tinha deixado cair o revólver dele que tava seco, seco sem bala, engatinhava... Achou o revólver. Aí veio um tal de Nerson, marginal famoso da Vila Planalto. Veio e se atracaram, revólver seco no revólver seco, tipo espada. E eu tava baleado e ainda me picaram ainda... Fui lá pra rua, aí depois que terminou a briga com *os marginal*, me largaram na taipa, na sarjeta, *os vagabundo, os marginal*. Aí, eu tava na rua, ia *na* minha cunhada pra ela me levar num médico. Mas não não, vou agüentar por aqui mesmo. Aí, veio minha irmã: - “E aí Gaudêncio?”. - “Dois *tiro* me pegaram”, me doía, me balearam aqui e me doía lá em baixo da bexiga. Tu *vê* né? Daí, me levaram, e dizia: - “Sobe aqui, sobe aqui, sobe aqui”. Diz meu irmão e um colega dele, que Zé o apelido também. Daí, me mandei lá pro Hospital de Caridade. Consegui subir na paviola; quando foram me botar na maca pra me levar pra sala de operação, me endureceu as penas, perdi os movimentos, depois que começou a esfriar, perdi os movimentos.

Gaudêncio pára e então respira. Parecia estar consumido pelo relembrar dessa história. Incito que conte mais, aproveitando o gancho de “subir na paviola” e “sala de operação”.

– Isso quando tu *foi* fazer a cirurgia?

– Quando me botaram na maca pra fazer a cirurgia.

– Ah, quando te botaram na maca.

– Me botaram na maca; depois, fui pra sala de operação. Aí, me levaram; fiquei 16 dias na UTI, 16 a 20. Os colegas do meu irmão achavam que eu não ia me salvar, aí: -“Se ele não se salvar já deixei uns 2 ou 3 lá...”. Hahahaha

– Tá, daí o Sr. ficou 6 dias na UTI, daí saiu...

– 16 dias! Fui direto pra enfermaria, pro quarto.

– Mas aí, o quê que deu?

– Fiquei mais 2 dias internado, baixado. Quando melhorei, aí que foram me tirar à bala, dali 12 dias, ficava *catucando* entre a carne e o coro, perto da espinha, perto da coluna, atrás das costas. Quase que me pega na coluna, aí já era Gaudêncio *véio*...

Falou sua última frase enquanto levantava a blusa na parte das costas para mostrar a cicatriz. Percebo também que está com uma faca na parte de trás das calças, faca essa que o acompanhou em todas as entrevistas, exceto a última.

– Certo né, por pouco não pegou na coluna.

– Por pouco, milímetros. Aí depois... Eu trabalhava na construção civil aquela época. Passou os 3 *mês* que eu tinha sido baixado, fui me apresentar pra trabalhar, já tava com aviso. Aí veio o Zé, um amigo meu, dos meus colegas de serviço, e outro o Araújo, e disse: - “Bah Gaudêncio, não sei por que tu não tá trabalhando *com nós* rapaz, o engenheiro *mandou nós* escolher um servente pra trabalhar *com nós*, de vereda nos *lembramo* de você”. Queria que eu ajudasse de ponta a ponta, eu era enjoado na torquês, nos meus *pontinho*.

Bibiana parece cansar-se dessa história, estava impassível enquanto conversávamos. Pontua:

– E quando tu *trabalhou* em Porto Alegre, no banco lá Gaudêncio, *tu era* segurança, foi depois disso?

– No banco, foi quando eu descí, eu descí pra lá. Desci de Santa Rosa a “corte” pra Porto Alegre, foi buscar gente em Santa Rosa. É que naquela época eles foram a Santa Rosa buscar gente pra levar guarda, os inspetores de polícia. Eu tinha deixado meu endereço pra ele num banco, pra um guarda dum banco, onde que eu morava, pra ele me encontrar no CTG [Centro de Tradições Gaúchas] Sepé Tiarajú, aí ele: -“Vou levar eles lá, vai ser por mim agora buscar gente aqui”. De Porto Alegre o inspetor, daí me levaram, me chegaram: -“Tá pronto *vivente*? Quer viajar *com nós* agora nove horas?”. - “*Viagem!* Qual é o...”? - Nem sei se acertei preço ou não, nem perguntei o preço.

Bibiana interrompe novamente:

– Tá e depois de que tu *trabalhou* no banco é que tu foi pra... Pra... Tu *foi* preso? Depois disso?

– E depois do banco fui preso.

Bibiana aparece diversas vezes e de diversos modos na pesquisa. Apresenta-se como pontuadora, amarradora, dona-de-casa, entre outros tantos. Na convivência dentro de sua casa, com sua família, seu marido, seus cachorros, netos e benzedeira. Atuando como

intercessora na composição dessa narrativa. Intercessão criada pelo diálogo, ferramenta primordial da História Oral.

O essencial são os intercessores. A criação são os intercessores. Sem eles não há obra. Podem ser pessoas – para um filósofo, artistas ou cientistas; para um cientista, filósofos ou artistas – mas também coisas, plantas, até animais, como em Castañeda. Fictícios ou reais, animados ou inanimados, é preciso fabricar seus próprios intercessores. É uma série. Se não formamos uma série, mesmo que completamente imaginária, estamos perdidos. Eu preciso de meus intercessores para me exprimir, e eles jamais se exprimem sem mim: sempre se trabalha em vários, mesmo quando isso não se vê. E mais ainda quando é visível: Félix Guattari e eu somos intercessores um do outro (DELEUZE, 1992, p. 160).

Por tratar-se de um diálogo, pressupõe-se que o narrador é implicado, assumindo posições e analisando posteriormente suas próprias modulações durante o percurso. “O narrador é agora uma das personagens e o *contar* da história é parte da história que está sendo contada. Isto implicitamente indica um envolvimento muito mais profundo, político e pessoal, que aquele do narrador externo” (PORTELLI, 1997b, p. 38). Bibiana conta também essa história.

A inserção da reflexividade do pesquisador insere um caráter dialógico na escrita da narrativa, sendo que sua produção se dá pelo que os entrevistados dizem, mas também pelo que os historiadores fazem com esse material, com sua presença no campo de pesquisa, a maneira como será exposta essa história. “A especificidade do que é relatado para um historiador trata-se de um *tempo crítico* em que uma história de vida é explicitamente demandada” (RODRIGUES, 2009, p. 198).

Não há como estabelecer uma real posição dialógica nas entrevistas com “neutralidade” – pregada por grande parte de pesquisadores sociais. Não contamos sobre nossas vidas para alguém sem posições a declarar, com uma atitude totalmente passiva. Como querer que pessoas comuns falem sobre si próprios, sobre temas estabelecidos – geralmente pouco abordados – para um entrevistador sem reações?

Isso ilustra o fato que os documentos de história oral são sempre o resultado de um relacionamento, de um projeto compartilhado no qual ambos, o entrevistador e o entrevistado, são envolvidos, mesmo se não harmoniosamente (PORTELLI, 1997b, p. 35).

Muitas vezes Bibiana riu, contrapôs-se a Gaudêncio e a mim, tornando-se totalmente parcial. Mesmo quando há essa relação parcial estabelecida, as pessoas podem vir a não falar sobre o tema em foco. Alessandro Portelli (1997c) propõe que se mantenha flexível a pauta de trabalho, pois muito daquilo que não queremos ouvir pode despertar futuras descobertas que superam as expectativas no trabalho proposto. Os conteúdos que os

entrevistados abordam são atravessados por suas relações pessoais, diálogos e questionamentos sobre si próprios.

Bibiana acabou modificando o discurso de Gaudêncio com algumas de suas intervenções - o que Bakhtin (2010) sugere como uma mudança no “discurso interior”. No discurso interior, próprio, é onde se efetuam as apreensões das enunciações do discurso de outrem, e onde também ocorre sua apreciação, ou então, a orientação ativa daquele que fala. “Esse processo efetua-se em dois planos: de um lado, a enunciação de outrem é recolocada no contexto de comentário efetivo [...]; na situação (interna e externa), um elo se estabelece com a expressão facial, etc. ao mesmo tempo prepara-se a *réplica (Gegenrede)*” (BAKHTIN, 2010, p. 154). Essas operações, da réplica que se pensa e do comentário que se efetiva, organicamente se fundem e em nenhum momento se isolam. Os dois planos se exprimem e são objetivados no contexto englobado pelo discurso citado.

Toda a essência da apreensão apreciativa da enunciação de outrem, tudo o que pode ser ideologicamente significativo tem sua expressão no discurso interior. Aquele que apreende a enunciação de outrem não é um ser mudo, privado da palavra, mas ao contrário um ser cheio de palavras interiores (BAKHTIN, 2010, p. 153-154).

Toda atividade é interferida pelo discurso interior em conjunto com a apreensão do discurso exterior. “A palavra vai à palavra” (BAKHTIN, 2010, p. 154). O discurso se modifica pela interferência do discurso de outrem – o processo dessa narrativa também se modifica pela interferência do discurso no leitor. Por este motivo, algumas vezes trago na pesquisa a primeira pessoa do plural, considerando o leitor também incluído.

Talvez, com medo de pressioná-lo no primeiro encontro - a contar que foi preso – e, percebendo que Gaudêncio ficou em silêncio após a pergunta de Bibiana, resolvi retomar a conversa para o tema da saúde mental. Aqui a instituição pesquisador se fez presente, talvez, como estratégia de prosseguimento das entrevistas. Gaudêncio traz, então, que mensalmente comparecia ao psiquiatra (em diversas clínicas de Porto Alegre), no tempo que trabalhou de vigia, para buscar seus medicamentos. Quando perguntei o motivo do tratamento, prontamente respondeu: “– Da cabeça e dos nervos...”. Referiu-se a uma passagem de sua vida na qual havia tirado férias do seu trabalho na guarda e fazia biscates na construção civil. Foi chamado, desta feita, pela sua mãe, para que retornassem – ele e sua irmã – a Formigueiro, após a morte de seu pai.

– Daí chego em Porto, chego em Formigueiro, convidei meu irmão pra ir na minha madrinha, o Jesus. Ela morava em Faxinal. E eu tinha um inimigo, que tinha me cortado

aqui, com um golpe de facão. Pode ver a falha no osso que tem aqui ó, pode botar a mão. Essa emenda de osso que tem aqui me cortou quase por baixo da vista.

Faz menção para que eu passe a mão na marca do corte. Percebo a falha no osso, no lugar da cicatriz.

– Foi quase na *fonte* [região têmporo-frontal]! Se dá na fonte, já era o Gaudêncio *véio*. Aí se *encontremo* com o vagabundo, e ele puxo do facão: - “Tchê, como que vem”? E aí eu me *estorei*: -“Olha bicho *véio*, hoje tu não me corta de novo”! – aí ele tentou me *agredi* no facão, meti-lhe a bala. Com um 38 preto, cano reforçado, de repetição. Se aparece com um revólver daquele lá na mão diz: - “é muito covarde”.

– E daí tu passou ele na bala?

– Passei-lhe a bala! Hahaha

– Matou e fugiu! – Bibiana complementa entre humor e denúncia.

– *Deitei o cabelo*, como diz o *véio*!

– Foi pra Porto, daí?

– Fugi da polícia, não *sô* bobo. Me pegarem em flagrante me cagarem de pau!

Hahaha.

Bibiana com seu tom irônico contrapõe, propondo que Gaudêncio não é louco para tudo:

– Pra isso não é *loco*!

– E daí tu foi pra Porto fugido, né?

– Fui. Eu já morava lá.

– Sim, isso foi nas férias, que *tu tava* de biscate, ou não?

– Férias da guarda.

Sem entender direito suas idas e vindas, tento estruturar o pensamento.

– *Tu era* da guarda, tava trabalhando, daí *tu foi* pra Faxinal, quando tava em Faxinal, encontrou lá o vivente?

– Uhum.

– Que depois virou “*desvivente*”. Haha. E daí, lá em Porto? Tu voltou pra Porto pra não te pegarem em flagrante e voltou a trabalhar de novo?

– Não, não, daí foi assim. Daí eu chego, levantei 6 horas da manhã, escuro ainda, lavei toda minha roupa e botei na cerca. Tudo embarrado de atravessar terra lavrada que eu tinha fugido. Na descida de São Sepé, fui pegar o ônibus na descida grande em São Sepé.

Sem saber como reagir ao fato do assassinato, com medo de perder o vínculo que estava se estabelecendo em nossa primeira entrevista, trato do caso com certa graça – do

mesmo modo que Gaudêncio tratou. Bibiana então intervém, amarrando a situação da entrevista. Conduz a entrevista para o foco em questão. A quem desconcerta?

– Tá, e daí Gaudêncio, como é que foi? Te pegaram onde? Em Porto Alegre? Conta.

– Fui me, aí primeiro foi assim, aí tive na guarda. Meu cunhado me aconselhou de entrada, ele trabalhava em posto de gasolina, lá bem pertinho da firma que eu trabalhava: - “Olha Gaudêncio, que rabo *tu arrumou* pra ti. Mas faz assim ó, vai na firma e pede pra fazer um acordo, pra *ti pegá* um dinheiro”. E eu ainda disse pra ele assim: - “Mas bah cara, hoje eu to pensando que eu *vô* fica preso”.

– Os “*home*” já tinham ido falar contigo?

– Aí eu fui, falar com o Liquinho. Liquinho era um baixinho, barrigudinho, apelidado de liquinho (de esquentar almoço). Aí eu falei pra ele: - “Ó cara, eu quero falar com o tenente pra *nós fazer* um acordo aí. Que eu perdi meu pai, *faz uns 4 mês* que morreu meu pai, e minha mãe tá sozinha, eu quero, eu vou voltar pra casa”. Aí, ele disse: - “Não, eu, eu vou falar com ele. O tenente mandou te dizer que hoje ainda pode fazer isso aí contigo, fazer esse acordo contigo. Mas vem amanhã, abre amanhã, vem amanhã”. Aí, quando eu vi os *homezinhos* da guarda botando, botando atrás de mim. Num *Fuca* amarelo com a coisa aquela, a marca do...: - “O Gaudêncio”! - “Quê que houve”? - “O tenente quer falar contigo, diz que é pra *tu ir* lá pra falar contigo”! - “Quê que houve”? - “É tem uma festinha aí, pra *tu ajudar nós* a buscar um barril de chope”. E ali eu não fiquei desconfiado ainda, que era um gancho que iam *faze* pra mim. Aí, cheguei lá e o tenente disse assim: - “O Gaudêncio, quê que houve que *tu vai embora*”? - “O que aconteceu foi o seguinte, eu perdi, *faz 4 mês*, que eu perdi meu pai, e a minha mãe tá sozinha, e eu vou voltar pra casa com ela”. - “Tá, então *nos dá* uma mãozinha, pra *nós buscar* um barril de chope, depois nós *acertamo* isso aí contigo”. Aí ele disse: - “Pega, pega esse carro maior aí” - e foram buscar lá.

– Foram pegar um carro maior?

– Foram pegar um carro maior, pegaram a Kombi. Aí, foram nuns 3, 4... 3, um motorista mais 3 guardas, aí na Kombi, e eu. Daí, quando eu *tava* chegando, eu conhecia bem ali, já conhecia. Aí, na Cristóvão Colombo, conhecia a Brahma, já tinha prestado serviço ali umas 4 *vez*. Quando chego perto da Brahma, eles voltaram. Aí eu senti qual era o gancho. Mas não me assustei. Mas fiquei bem despreocupado, fiquei tranquilo. Porque pro espírito é bom não se *enervar* por *poca* coisa.

Gaudêncio para e respira fundo. Parecendo não querer falar mais. Bibiana então retorna ao foco da conversa, o intimando a contar:

– E aí, Gaudêncio?

– Aí me levaram, encostaram a Kombi no casarão cinza. Aí daí *descemo*, desceu o tenente junto e foi lá pra falar com os *home* que era pra eu descer. E chega o tenente pra mim, me disse assim: -“O Gaudêncio, desce ai que os *home* quer falar contigo”. Daí foi o seguinte, eu pra não ficar preso, não confessei não *sô* bobo. Perguntaram pra mim: -“Vem cá Gaudêncio, por acaso *tu ando* cortando um cara lá, ou matando? Matando ou cortando”? - “Não senhor, pelo contrário, esses tempos me fizeram uma espera lá, e me deram uma pazada, uma paulada na cabeça, quase me mataram”. - “Mas *tu não ando* cortando ninguém ou matando”? - “Não, não cortei, não matei ninguém”. Já tinham passado um rádio pra ele lá. Daí, no dia seguinte, me levou lá pro gabinete dele, o inspetor, aí passou um rádio lá, passaram um rádio e não deu nada, e tava só um branco lá, um inspetor branco. Antes tinha um negrão, que veio falar comigo também. Aí o branco disse assim pra ele: -“Que *tu acha? Vamo* liberar ele então, se não fez nada pra ninguém. Não *matô* ninguém, foi cortado e quase mataram ele lá em Formigueiro”. E quase me mataram mesmo lá em Formigueiro, os *vagabundo*, com uma pazada que me deram na nuca. E caiu ele e um tal de Luis, cunhado dele. *Agarrei ele* “a unha”, nem peguei no revólver, tava num coro em volta da cintura... *Agarrei ele* “a unha”, *segurei ele* assim e travei ele, aí veio o Luis e *pá*, uma pazada na cabeça quase me mataram, fiquei assim ó, não podia equilibrar o pescoço.

Após novo silêncio, Bibiana impassível dispara, trazendo o nome do sujeito.

– Como é que eles sabiam Gaudêncio que *tu tinha* matado o finado Derli?

– ã?

– Como é que sabiam que *tu tinha* matado ele?

– Quem sabia?

Tento intervir para prosseguir com a história. E Gaudêncio mostra-se fugidio.

– Tinham passado um rádio lá né?

– ã?

– *Tu falou* que tinham passado um rádio lá...

– Quem?

– Não... *Tu falou* agora a pouco que tinham passado um rádio lá, te perguntando se não era tu que tinha cortado ele, dado tiro...

– Foi, *eles perguntou*...

– Tá, daí falaram que iam te liberar: - “*Vamo liberar já que não foi ele...*”.

– Daí, me liberaram: -“Terça-feira *tu vem* aí *prá nós saber* direito isso aí”. O negrão passou outro rádio e não deu nada também, aí me disseram: - “Tá liberado, pode ir embora... terça-feira *tu vem* aí *pra nós resolver* isso aí direito”! Mas eles me encarregaram de ficar na guarda, me apresentaram pro tenente, tenente responsável pela cadeia. Mas foi bom eles me *apresentar*, porque eu tava trabalhando, trabalhava com isso. Daí, não me revistaram, de 38 na curva, botei na curva do quadril – pra não deixar volume - e eu de manga de camisa, e não me revistaram cara! Quando saí de lá: - “Tá liberado pode ir embora”! Tava esquecendo a identidade e me disseram: - “Pegue seu documento”! Aí eles: - “Tá aqui”! Quando atravessei a Cristóvão Colombo, que tava na esquina apertei o passo. Aí cheguei lá no meu cunhado e disse pra ele: - “Eu não te disse que eu ia ficar preso cara? Não fiquei por milagre, levei sorte ainda, me saí bem”. Senão já tava na cadeia lá em Porto Alegre, cadeia braba.

– No “central” lá...

– É.

– E quanto tempo depois?

Perguntei deixando a entender que queria saber sobre como ele foi preso. Estava com medo de tocar diretamente no assunto, e Gaudêncio parecia não querer entender.

– ã?

– Quanto tempo depois dessa conversa que *tu teve* com eles?

– Aonde?

– Em Porto. Lá... Que tu falou que não te revistaram, te deram tua carteira e *tu saiu...*

– Ah, isso na delegacia. O “casarão branco”, “cinza” já na delegacia, daí bem na hora passei no meu cunhado e disse pra ele: - “Aí, não te disse que eu ia ficar preso lá cara? Não fiquei preso porque me saí bem...”. Não confessei. Que matei ninguém ou não matei. O ladrão, o corno, o bandido, covarde, me deu uma paulada na cabeça, quase me matou, me deu uma pazada na nuca.

– Tá, mas porque que te fizeram essa espera?

– Por bandido, não tinha nada com o vagabundo. Acho que foi só porque o tal de Dimas, primo dele, *me peguei* no braço com ele e queria me bater depois, pra *apartá*[separar]. Daí veio um *jaguar*, um tal de Garibaldi, e boto pilha, disse assim: - “Dexa dexa dexa dexa dexa *nóis*. Dexa *nóis*”.

– E *tu foi* pra *apartar* a briga?

– ã?

– E *tu foi* pra apartar a briga?

– Fui pra *apartá*. Nem lutei contra ele...

– E acabou sobrando pra ti?

– ã?

– E acabou sobrando pra ti?

– Acabou sobrando pra mim. Hahaha. Nunca mais me meti em briga, *apartá* briga de ninguém.

Bibiana, parecendo cansada dos rodeios, intervém pontualmente.

– Tá Gaudêncio, mas conta como é que descobriram que tu e o Jesus mataram o defunto?

– Quem matou fui eu, não foi o Jesus.

– Tá mas e como é que descobriram que vocês tinham matado ele?

– Tava na vista. Eu que me aponteí. Eu me vim de Porto Alegre.

– Tá mas daí... Ah... Passaram rádio... Como é que *tu foi* preso em São Sepé então?

Foi preso em Formigueiro...

– Oi?

- Não foi em Formigueiro que te prenderam?

– *Bueno*, me prenderam... Lá... Nem me prenderam, eu que me apresentei. Em

Formigueiro.

Sem entender e querendo participar da conversa, pergunto:

– Mas em Formigueiro foi por causa desse *causo* aí...

– De Porto Alegre, Alvorada, Formigueiro...

Bibiana sem papas na língua explica:

– O defunto que ele matou...

– Mas foi por causa desse cara aí que tu “passou-lhe a bala”?

– Hm.

Lá em Porto Alegre, tu *te liberou* então, e depois *voltou* pra Formigueiro? Foi isso?

– Não, naquela época que me liberaram voltei pra Porto Alegre. Fiquei um tempo lá, depois adoeci. Andava na rua lá, mexendo em lixo, *pousando* em baixo das *moita*...

– Tinha perdido o trabalho?

– *Faqueei* meu cunhado que me quebrou o nariz, com um soco. Eu saí pra rua e ele saiu de atrás de mim, e me lembrei duma *serrinha* que eu tinha na cintura, pequeninha

assim. Faquinha de serra. E ele veio, se atraco eu mim, e eu saí costurando ele na ponta da faquinha, pra lá e pra cá.

– Teu cunhado?

– Acerto uma facada no meu cunhado, e ele só *grito*: - “Ai Gaudêncio”! Não matei porque não quis, senão acerto mais umas facadas. Era meu amigo, eu gostava dele, de *prozeá* com ele, mas o que estragou foi a cachaça.

Bibiana com seu humor, por bem dizer, ácido:

– Imagina se ele fosse teu inimigo, né? Se o inimigo tava cagando numa picada, morreu com as calças na mão, e ele matou o miserável. E aí quanto a defesa é doente. Coitado, que pecado.

– Quem *tava* com as calças na mão?

– O defunto.

– Qual defunto? Hahaha.

– Esses Sete Luas vou te contar...

– Vou te contar mais uma coisa que não te contei ainda...

Tinha medo que depois de todo esse relato Gaudêncio mudasse de idéia quanto o prosseguimento da pesquisa. Queria retomar o contrato para ter garantias de poder voltar a vê-lo.

– Me conta, mas assim ó, eu to falando hoje aqui contigo...

– De quando eu *trabaiava*...

– Mas eu quero saber se eu posso vir mais vezes aqui, porque estória não vai ser pouca pelo que eu *tô* vendo... Tem problema de eu vir mais vezes conversar contigo?

Bibiana então interrompe.

– Ele te conta 10 dias, e cada dia ele conta diferente. A vida dele aqui ó. A vida dele ele te conta desde criança, do início assim ó.

A memória vai se tornando fluida, móvel, oscilando entre presente-passado – diferentemente do pesado esteio de sustentação de um sujeito apriorístico. Utilizando a narrativa como o campo de expressão da memória, há permanentes transformações do que é lembrado em função da oscilação na relação passado-presente, e oscilação em função de relatos públicos. Variando de o que se escolhe para relatar/lembrar e como se dá sentido a essas memórias, que possam vir a se modificar com o decorrer do tempo.

Gaudêncio provavelmente nunca tenham tido sua vida exposta ou apresentada dessa forma. Relatos individuais ou familiares geralmente vêm na vida cotidiana, fragmentados, com influências externas, diferentemente de uma narrativa organizada e coerente - como

estava sendo proposto o trabalho. Percebo o comentário de Bibiana, mas respondo que não tem problema. Gaudêncio segue me contando sobre seus diversos trabalhos em várias cidades do Estado. Desde montar postos de gasolina até trabalhar em minas de carvão. Esses trabalhos todos foram após cumprir sua pena. Havia entendido que Gaudêncio havia cumprido pena no Presídio Central de Porto Alegre, considerado hoje em dia o pior presídio do Brasil, em termos de superlotação, violência, deterioração física e desrespeito aos Direitos Humanos. Como ele já havia dito: “cadeia braba”.

Gaudêncio e Bibiana me corrigem e explicam que ele cumpriu parte da pena no presídio de São Sepé, sendo posteriormente transferido para um Manicômio Judiciário em Porto Alegre, apelidado de Manico. Gaudêncio pede licença e vai ao Banheiro. Bibiana aproveitando sua ausência sussurra: “- Ele que era doente, tava como louco, ficava lá com assaltante...”. Gaudêncio volta do banheiro e conta:

– Cheguei em Porto Alegre, dali dois dias continuei trabalhando dentro da firma. E depois, fiz eles *me pagar* umas *hora-extra*, botei na justiça, fiz toda uma greve e botei na justiça. Aí eles fizeram um acordo lá me deram 40 pila, 40 mil aquela época.

– Aham.

– Aí fui embora, me *passaram a muleta*, tentei numa firma de refrigerante, mas não me quiseram porque eu tinha processo, por causa daquele *jaguara* do Derli.

Bibiana conta sua versão da história:

– Aí, pelo que eu sei que ele fez, foi no trevo de São Sepé, porque eu já morava em Santa Maria na época. Mas parece que tinham pegado o irmão dele, mas aí claro, como o irmão não tinha feito, realmente tinha sido ele que tinha feito. Aí ele se apresentou pra *aliviá* pro irmão. Porque daí ele teve a consciência do que tinha feito, e que tinha que pagar pelo que ele tinha feito, e não o outro, coitado. Não foi assim Gaudêncio?

Tem-se aqui a reafirmação de Bibiana como figura ética no andamento da entrevista. Ela conta que Gaudêncio não permitiu que o irmão fosse acusado por um crime que não havia cometido. Afinal, não se pode ser louco pra tudo.

– ãamm.

– Isso é o que a gente sabe, porque eu já morava aqui naquela época.

Após um silêncio entre os três, ratifiquei nosso acordo, expliquei que levaria o material para uma revisão dele. Também esclareci a questão do anonimato preservado e do Termo de Consentimento Livre Esclarecido, que posteriormente fiz a leitura e assinatura em frente à Bibiana. Gaudêncio então, fala sobre sua infância trabalhando na lavoura, cortando lenha: “- Passei trabalho cara!”. Digo a ele que conheço a região por meu pai ser

de lá e possuímos então parentes nas proximidades, sendo a mesma região onde algumas vezes passei férias quando novo – para tentar vivenciar um pouco as lidas do campo. Um novo silêncio acontece, então volto a questioná-lo sobre sua saída da prisão.

– Eu saí da cadeia fui direto à guarda, dali dois dias fui direto à guarda. Daí que eu *botei eles* na justiça, teve a história da greve e me botaram pra rua. Pediram acordo na justiça, *os advogado* fizeram acordo e me pagaram 40 mil naquela época. Comprei uma casinha perto da prefeitura, primeiro comprei um terreno na faixa de Taquara. Aí quando tinha 3, 4 *prestação* atrasada e eu não tinha condições de pagar. Aí numa *pixiguera*. Lá em Cachoeirinha, me embebedei numa cancha de bocha, cheguei e botei na mesa pra eles. – “É hoje que nós *dá* um jeito de qualquer jeito, bicho véio”. – “Não, to a um tempão que não recebo o resto”. – Aí veio outro que também tava no negócio: - “O quê que tu *gritou* que eu não entendi”? Me chamou e disse: - “O Gaudêncio”? Eu fui lá e disse, falei com ele que segunda-feira era pra eu trazer o dinheiro, meu amigo falou: - “Bah, aquele cara tá com um baita dum 38 na cintura. Se vocês ia meter”? – “Nem se *arrisquemo* a querer gritar com ele” - os caras da imobiliária disseram. Hehehehe

– Falando de ti?

– ã?

– Falando de ti? Que tu estavas com um baita 38?

– É, outro meu amigo disse: - “*Tu ia* contra um 38”? – Me devolveram meu dinheiro. Passaram pra outro, passaram pra outro o terreno, venderam pra outro.

– O terreno que era teu?

– Que eu tinha comprado.

– Sim, que tu tinhas comprado.

– Não tinha papel ainda, por enquanto não tinha nada, tudo frio.

– Tu não *pagou* as prestações e te tomaram o terreno?

– Eu tinha dado 9 mil e *poco* aquela época. A sorte é que foi lá meu amigo e *apavorou eles* antes: -“Meu camarada tá com um baita 38 na cintura, e tu sabe, ele é bandido já matou um...”.

– Daí te devolveram o dinheiro, ou não?

– ã?

– Te devolveram o dinheiro?

– Devolveram hahahaha.

– Tá certo...

Bibiana lança uma questão a Gaudêncio:

– Mas Gaudêncio, quando *tu matou, tu matou* de susto, ou matou por que...?

– Matei de raiva! Que ele me deu um corte bem na minha cabeça, gritou que ia me matar...

– Porque podia ser de susto. Aquela vez que o Omar matou teu primo, acho que foi de susto...

Gaudêncio ri um sorriso amarelo. Ficamos todos em silêncio. Acho que é hora de me despedir.

– Tá cansado tchê?

– ã?

– Tá cansado?

– Não.

Bibiana comenta:

– Não é fácil o Gaudêncio...

Gaudêncio então me pergunta:

– Tu não *morou* na Paul Harris ali?

Paul Harris é o nome da rua onde Gaudêncio é cuidador de carros, praticamente em frente a minha casa. Ele então me pede detalhes de onde eu morava, e diz nunca mais ter me visto passar. Então conta que lhe “gatearam” os amigos moto taxistas, que tinham um ponto na rua, e que emprestavam o banheiro para ele. Agora urina na rua quando necessário e por isso perdeu a vontade de cuidar carro. Falei que o havia esperado por lá, mas que a espera havia sido em vão, e que, por isso o busquei em seu endereço. Pergunto se ele esta cansado, e Bibiana diz: “- Mas amigo não é assim que tu *acha*, né...”. Após essa frase e um curto silêncio Bibiana então indaga sobre meus estudos. Explico brevemente que estou no mestrado e informo o teor da pesquisa. Eu estava cansado, pensando nas transcrições, na hora de voltar para casa, mas eles queriam continuar. A quem desconcerta?

Gaudêncio então comenta que em função de ter cometido assassinato não pode mais trabalhar de carteira assinada.

– Mas lá na central da polícia, em Ipiranga, fui e me mandaram pegar o atestado de bons antecedentes. Aí eu fui, custaram a me atender e eu era o primeiro da fila, e eu fiquei no fim por último. E eu pensei, será que eu vou, vou ficar preso? Será que eu vou ficar preso? Daí, chego um: -“O Gaudêncio!” -“Ô...” -“Olha, tu tá com um *pobrema* aí, *tu tem* um processo. E *tu vai* ter que mandar cancelar, até terminar esse processo”.

– E eu não sei como mandar cancelar. Pra mandar cancelar tem que ter um advogado.

– Sim.

– Sozinho o cara não cancela nada. E agora que já to velho nem *vo* me estressar com isso.

– Tá, certo! *Tu vai* voltar aí?

– Vou, agora vou voltar... *Vo* te incomodá!

– Que horas *tu vai* voltar pra cá?

– Vou voltar mais ou menos esse horário assim...

– Tá...

– Ficamos assim, cinco e meia, seis horas, pode ser?

– É, umas cinco e meia, seis horas tá bom.

– Tá, daí assim, semana que vem eu vou vir mais umas vezes, e vou tentar trazer escrito, o que *tu falou* pra eu ler pra ti...

– Hum... Tá gravado isso aí?

– Tá, tá gravado. Daí eu trago escrito pra tu ver se quer tirar alguma coisa, botar alguma coisa... Daí assim, sem ser nesse domingo, no outro eu volto lá pro Rio...

Terminamos nossa conversa, com a leitura do consentimento, explicação, apontamento mais detalhado dos meus dados, como telefones (de Santa Maria e de Niterói), acertamos que voltaria com alguma transcrição. Na despedida, Bibiana sugeriu que ele me acompanhasse até o ponto de ônibus, por eu não ser conhecido na vila. Fumamos um cigarro, a noite já tinha voltado e o frio já tomava conta novamente. Contou-me mais sobre sua infância e juventude, sobre as dificuldades do trabalho no campo, nas lavouras de arroz. O ônibus chegou logo e me despedi com a promessa de voltar no dia seguinte.

### 3.6 “Era a “dura”, numa muito escura viatura”<sup>23</sup>

Gaudêncio mudou-se do interior para a capital, Porto Alegre, com 22 anos, para trabalhar como vigilante particular – título que ostenta até hoje. Nessa entrevista e em conversas posteriores, contou que até essa idade tinha mudado constantemente de cidade, sempre atrás de trabalho. Trabalhos como “peão” da construção civil, cortador de lenha em acampamentos isolados, minas de carvão, tendo se envolvido em algumas confusões em

<sup>23</sup> Trecho da música *Acorda amor*. Compositores Julinho da Adelaide (Chico Buarque); Leonel Paiva. Intérprete: Chico Buarque. Álbum: *Chico 50 Anos: O Político*. Gravadora: UNIVERSAL, 1994.

que ele – e geralmente seu irmão – acabavam, muitas vezes, por ver o “sol nascer quadrado”.

Nosso país enfrentava uma ditadura militar desde 1964. O primeiro atendimento de Gaudêncio na ala psiquiátrica do HUSM ocorreu por volta de quatro ou cinco anos depois do golpe militar – quando tinha por volta de 13, 14 anos. Considerei que os propósitos eugênicos e higienistas tenham sido mais influentes na busca de um tratamento diferenciado no HUSM - referência na região central do estado -, quando pré-adolescente, do que por influências políticas da Ditadura. Sendo que, a partir das passagens de sua vida que virão, torna-se necessário buscar as relações políticas que o golpe de Estado proporcionou.

Necessitamos então um pequeno regresso para entendermos as circunstâncias que propiciaram a eclosão do golpe de Estado, sua permanência e o posterior abalo da Ditadura – e assim pensarmos nas circunstâncias em que se deram muitas passagens na vida de Gaudêncio. Cecília Coimbra (2000) nos conta que durante o último governo de Getúlio Vargas<sup>24</sup> – que durou de 1951 até seu suicídio em 1954 – uma tentativa de golpe já havia sido desmantelada pelo próprio ato dramático e derradeiro de Vargas.

Uma comparação com os padrões existentes no período 1945-64 certamente ajudaria bastante na compreensão do problema. Também nesse período a heterogeneidade social provocava a emergência de diversas formas de manifestação social: de operários industriais, de posseiros, de assalariados agrícolas, de consumidores contra a carestia, de grupos mobilizados pelo tema do nacionalismo, etc. No entanto, a diversidade tendia a inscrever-se em registros unificadores, que ordenavam os diferentes movimentos atribuindo-lhes lugares diferentes. Eles ganhavam sentido através do discurso estatal, segundo a versão dominante, getulista. Ou, então na contrapartida comunista, através da unificação operada pelo partido (SADER, 2001, p. 198).

Seu governo populista encorajava a mobilização das massas, “mas em um contexto em que as energias acabavam sendo capturadas e capitalizadas pelos diferentes poderes” (COIMBRA, C., 2000, p. 3). Sem base de apoio entre os conservadores e setores de esquerda, aliado a forte abertura ao capital estrangeiro – principalmente provindo dos Estados Unidos da América –, houve uma forte desnacionalização da economia brasileira, o terreno encontrava-se propício para a eclosão do golpe.

Tramou-se a deposição de Getúlio através de campanhas que levantaram, nos quartéis e nos segmentos mais conservadores da sociedade brasileira, o fantasma da política trabalhista então vigente. O golpe de Estado já se encontrava a caminho, comandado pelos chefes militares, quando foi freado pelo gesto dramático de Getúlio: o seu suicídio (COIMBRA, C., 2000, p. 3).

---

<sup>24</sup> (1882 – 1954)

É importante frisar que ao final dos anos 50, foi revisto o conceito de “defesa nacional” na Doutrina de Segurança Nacional. Seu foco foi deslocado para os “inimigos internos”. A antiga doutrina de defesa das fronteiras a possíveis ataques externos foi abandonada. “Esta revisão apoiava-se na bipolarização do mundo advinda com a chamada ‘guerra fria’” (COIMBRA, C., 2000, p. 10). Encontrávamos de um lado os comunistas e a União Soviética, de outro os afirmadores da democracia, os Estados Unidos da América.

Outras tentativas de golpe ocorreram antes da posse de Juscelino Kubitschek<sup>25</sup>, em 1956, todas desmanteladas por grupos defensores da legalidade constitucional e nacionalistas, dentro das próprias forças armadas. Os golpistas saem do cenário político, mas se voltam para a preparação de outra tentativa de tomar o poder.

Durante o Governo de Juscelino (1956/1960) alguns setores golpistas ocuparam a cena: em fevereiro de 1956, com o levante de Jacareacanga, e em dezembro de 1959, com a rebelião de Aragarças. Esta última foi liderada pelo então tenente-coronel João Paulo Moreira Burnier, que se caracterizaria, após o golpe militar de 1964, como torturador de presos políticos, sendo apontado como um dos assassinos do desaparecido político Stuart Angel Jones (COIMBRA, C., 2000, p. 3).

Juscelino, com o lema “50 anos [de progresso] em 5 [de governo]” e com a construção de Brasília, deixou a seu sucessor, Jânio Quadros<sup>26</sup>, um país altamente endividado com o capital externo. Jânio Quadros renunciou seu mandato em 25 de Agosto de 1961, devido à falta de apoio político e graves problemas econômicos no país. Seu Vice-presidente João Goulart<sup>27</sup>, ou Jango – defensor do nacionalismo getulista -, regressava de uma viagem à China. No avião, Goulart foi informado de que não deveria regressar ao Brasil sob a ameaça de ser derrubado pelos militares, por considerarem que um governo de tendência socialista poderia propiciar um golpe de estado comunista. O avião então muda de rota, pousando em Montevideú/Uruguai, a espera de desdobramentos políticos.

O então Governador do Estado do Rio Grande do Sul, Leonel Brizola<sup>28</sup> cunhado de Jango – inicia no RS um movimento que ficou conhecido como “Campanha da Legalidade”, servindo como um foco de resistência, impulsionando movimentos semelhantes no país. Essa campanha defendia o cumprimento da Legislação, clamando pela posse garantida ao Vice Presidente.

---

<sup>25</sup> (1902 – 1976)

<sup>26</sup> (1917 – 1992)

<sup>27</sup> (1919 – 1976)

<sup>28</sup> (1922 – 2004)

Com transmissões feitas do porão do Palácio Piratini (Porto Alegre/RS), a população é convocada a sair às ruas e pegar em armas, sob constantes ameaças dos militares de invasão à capital e contra a vida de Leonel Brizola. A Brigada Militar distribuiu armas à população e ambos se amotinaram em frente ao Palácio. Tropas do exército em todo o Estado se dividem. É dada a ordem de bombardeio ao Palácio Piratini por caças da Aeronáutica, mas a empreitada é desmantelada em função de apoio ao movimento da “Campanha da Legalidade” por militares daquela guarnição. Outro regimento marcha contra os amotinados (cerca de 30 mil pessoas), mas acaba unindo-se a ela.

No entanto, foram os sargentos, sobretudo os da FAB, aqueles que tomaram as atitudes mais incisivas para evitar a deflagração da guerra civil. Na base aérea de Canoas, no Rio Grande do Sul, o comandante permaneceu fiel aos ministros militares, junto dos oficiais-aviadores. Dispondo dos modernos jatos ingleses *Gloster Meteor*, de duas turbinas e alto poder de fogo, a ordem de Brasília era a de decolagem imediata para o bombardeio do Piratini. Os sargentos, insubordinados, deram-se as mãos em volta dos jatos para impedir a entrada do pilotos. Mais decididos esvaziaram os pneus e desarmaram os aviões. O comandante e os pilotos, embora contrariados, decolaram em um avião de passageiros para fora do estado. Como alternativa, os ministros militares recorreram a outra base aérea. Por falta de informações mais precisas, não se sabe a exata localização da base. No entanto, ela dispunha de uma frota de aparelhos P-15, os “Netunos”, aeronaves caça-submarinos, equipadas com um torpedo, foguetes e duas torres de metralhadoras, com autonomia de vôo de 28 horas - indicando, assim, estar muito ao norte do Rio Grande do Sul. Os sargentos, assustados com as ordens, cortaram alguns fios dos aviões e desligaram outros. Sabendo que isso pouco adiantava, instalaram ninhos de metralhadoras na cabeceira da pista, com o objetivo de danificar os pneus dos aviões durante a decolagem. Os “Netunos”, no entanto, não decolaram (FERREIRA, 1997, p.12-13).

O Governador de Goiás, Mauro Borges Teixeira, une-se ao movimento e tem a capital Goiânia sobrevoada por caças. Com medo de um derramamento de sangue, Jango toma posse em um regime parlamentarista, onde as atribuições de governo são deslocadas do cargo de Presidente da República para o Primeiro Ministro, em 7 de setembro de 1961.

Nesse entremeio de constantes mudanças políticas, a profissão de psicólogo foi reconhecida pela Lei Federal nº 4119, em 27 de agosto de 1962. Scarparo e Hernandez (2007) pontuam que “devido ao contexto histórico no qual surge a formação em psicologia, inúmeras barreiras ideológicas e institucionais foram enfrentadas” (SCARPARO; HERNANDEZ, p. 165, 2007). Um forte enfoque clínico, baseado no intra-psíquico, centrado no indivíduo, regeram a primeira década de atuação e formação profissional.

Desde 1962, embasado até mesmo na própria legislação que regulamentou o ensino e a prática em Psicologia, foram demarcadas três grandes áreas de atuação: a clínica, a escolar e a industrial. Em conseqüência disso, os cursos de Psicologia passaram a reproduzir na organização de seus currículos disciplinas que contemplassem essas três áreas (FERREIRA NETO, 2010, p.132).

Dentre essas três áreas, a clínica estabeleceu-se como a mais nobre. Marcando o imaginário social e os currículos de formação - contribuindo assim para a identificação profissional com tal prática. O aumento de carga horária em disciplinas com esse enfoque norteou o ensino. Teorias individualizantes, algumas ainda arraigadas no higienismo e eugenismo. Modificando esse viés nos fins dos anos 70, como veremos posteriormente devido as grandes mudanças sociais, políticas e históricas no cenário nacional.

De 1962 a 1964, o país passou por uma rápida expansão dos movimentos sociais e de lutas populares, com Jango apoiando algumas bandeiras trabalhistas. Em janeiro de 1963, através de um plebiscito nacional, Goulart retoma as prerrogativas anteriores do cargo de Presidente da República, derrubando o parlamentarismo – negociado dois anos antes com os militares.

A efervescência política neste período e a insatisfação das classes conservadoras com a tendência socialista de governo levaram os militares a tomarem o poder em 31 de março de 1964, apoiados pelos Estados Unidos da América (EUA), que mantiveram navios de guerra na Baía da Guanabara no dia do golpe. Jango renuncia e se exila no Uruguai, onde, mais tarde, veio a falecer por causas ainda não descobertas.

Eleito pelo Congresso Nacional, Humberto de Alencar Castello Branco<sup>29</sup> foi o primeiro presidente militar do Brasil, de 1964 a 1967. Scarparo e Hernandez (2007) pontuam que seu primeiro discurso teve tons democráticos, entretanto, no início de abril, foi decretado o “Ato Institucional número 1”, ou como é conhecido, o AI-1, instrumento para cassar e reprimir opositores ao regime. Cassou parlamentares, estabeleceu eleições indiretas para presidente, dissolveu os partidos políticos. Foi implantado o bipartidarismo, representados pelo Movimento Democrático Brasileiro (MDB) – oposição – e Aliança Renovadora Nacional (ARENA) – controlado pelos militares. A repressão aumentava cada vez mais.

Em abril de 1964 foi criado o Grupo Permanente de Mobilização Industrial (GPMI), instrumento para adaptar o poderio bélico das forças armadas à nova doutrina de segurança, que já considerava deflagrada a "guerra revolucionária" contra o "inimigo" infiltrado em todo o país. Congregavam-se militares e industriais para ampliar e modificar o sistema de segurança do Estado brasileiro (COIMBRA, C., 2000, p.11).

O Serviço Nacional de Informação (SNI) foi criado, em junho de 1964, para a operação e produção de informações. Coimbra (2000) entende que ele teria um funcionamento piramidal, sendo a base maior composta por interrogatórios em câmaras de

---

<sup>29</sup> (1897-1967)

tortura e no ápice, o Conselho Nacional de Segurança (CNS), composto pelo General Presidente, sendo o Secretário-geral o diretor da Casa Militar da Presidência da República.

Em outubro de 1965 foi decretado o AI-2, que passou a restringir direitos civis e políticos. Dentre algumas medidas do AI-2 pode-se destacar a possibilidade do Presidente da República decretar estado de sítio por 180 dias, a intervenção do Poder Executivo sobre o Poder Judiciário, onde a Justiça Militar passou a julgar os crimes considerados “contra a segurança nacional”, regidos pelo Código da Justiça Militar.

Em contrapartida ao endurecimento repressivo, a oposição ganhava cada vez mais força. Houve uma retomada nas atividades da União Nacional dos Estudantes (UNE) em 1966. Aconteceram muitas manifestações em diversas capitais do país, apoiando movimentos grevistas operários e outros movimentos sociais.

O meio cultural criou momentos ímpares com diversas produções, como os festivais de Música Popular Brasileira em espaços universitários, consagrando cantores como Chico Buarque, e músicas como “Pra não dizer que não falei de flores”, de Geraldo Vandré. Diversas revistas políticas e jornais, como o jornal “O Pasquim”, que contava com a participação do cartunista Henrique de Sousa Filho, ou Henfil<sup>30</sup>, tornavam-se espaço de contestação política sobre a realidade nacional. Surgiu o Cinema Novo, o movimento Tropicalista com Gilberto Gil, Caetano Veloso e “Os Mutantes”. Todas essas manifestações artístico-culturais eram marcadas por posicionamentos políticos a favor da liberdade de expressão e contra o sistema opressor.

No RS, no ano de 1971, surge a Califórnia da Canção Nativa - um festival de música gaúcha. Também sofrendo censura prévia, tornou-se um pólo de resistência política por via das manifestações culturais. Sediada na cidade de Uruguaiana/RS, chegou a contar com um público de 60 mil pessoas em algumas edições e emplacou músicas eternizadas na cultura local. Temos como exemplo a música “Não podemos se entregar pros home” – letra do poeta santa-mariense Humberto Gabbi Zanatta e música de Francisco Alves e Francisco Scherer, interpretada por Leopoldo Rassier em 1982 – que sobretudo, valoriza o passado belicoso e libertário do povo gaúcho, tendendo ao duplo entendimento de “home” – no sentido de força, de interjeição, ou, no sentido de “polícia”, como costumeiramente são chamados no sul do país.

Assim, por exemplo, em *Tema de marcação*, poema de Luiz Coronel, o lunar é propositadamente confundido com “uma estrela”, para que o herói da resistência

---

<sup>30</sup> (1944 – 1988)

guarani<sup>31</sup> fosse (ou seja) dissimuladamente identificado com Che Guevara. Em 1975, os textos de festivais sofriam censura prévia. O poema em questão concorreu, musicado por Marco Aurélio Vasconcellos, na quinta edição do Califórnia da Canção Nativa do Rio Grande do Sul, primeiro e maior festival de músicas nativistas do Estado (LOPES, 2009, p. 31-32).

Em 1967 assume o poder o Marechal Arthur da Costa e Silva<sup>32</sup>, governando até 1969. Seu governo foi marcado por diversas manifestações e greves por todo o país.

[...] em março de 1968 a polícia reprimiu uma manifestação de estudantes, matando o secundarista Edson Luiz, no Rio. Era a faísca que faltava. Nos meses seguintes alastraram-se, nas principais capitais do país, as manifestações de estudantes, intelectuais, operários. Em julho, no Rio de Janeiro, ocorreu a Passeata dos Cem Mil, e em outubro o célebre congresso clandestino da UNE, em Ibiúna (SP), foi estourado pela polícia, quando cerca de 700 estudantes foram presos (COIMBRA, C., 2000, p. 6-7).

A cúpula militar em crise, dividindo-se. Carlos Lacerda<sup>33</sup>, político forjado na afirmação da postura contra o governo de Getúlio Vargas, contra a posse de Jango e a “Campanha d Legalidade” - quando então era governador do extinto Estado da Guanabara - e apoiador do Golpe Militar de 1964, mudou seu posicionamento político e tornou-se parte da Frente Ampla de Oposição. “Que recebeu o apoio de Kubitschek e do próprio Goulart – ambos também cassados e o último no exílio” (COIMBRA, C., 2000, p. 6) – contra os militares chamados de “Linha Dura”.

A repressão agia, em 1968, de forma cada vez mais violenta, com o apoio de grupos paramilitares [...]. Foi denunciado no próprio Parlamento o envolvimento e a utilização de uma tropa de elite da Aeronáutica (o Parasar) na prática de missões criminosas. O Ministro da Aeronáutica, o tristemente famoso brigadeiro Burnier, desmentiu o fato, mas vários oficiais do Parasar confirmaram, tendo sido presos e afastados de suas funções (COIMBRA, C., 2000, p. 7).

Em 13 de dezembro de 1968, deu-se o chamado golpe dentro do golpe - a edição do AI-5 - que surgiu visando incrementar a repressão policial. Grupos de jovens militantes de esquerda organizam uma série de ações para fundar uma oposição armada. Em 1969, uma junta militar nomeia o general Emílio Garrastazu Médici<sup>34</sup> como Presidente da República. Foi implantada por ele a reforma universitária definindo medidas que dificultassem a formação de grupos que pudessem organizar-se a ponto de promover ações e pensamentos

---

<sup>31</sup> Após a assinatura do Tratado de Madri, em 1750, o índio Sepé Tiaraju liderou a resistência guaraníca contra a invasão das coroas de Espanha e Portugal nas reduções jesuíticas dos Sete Povos das Missões, no RS. Conta a lenda, que Sepé Tiaraju carregava um sinal de nascença na testa, em forma de um lunar. Quando morreu em batalha, sua alma subiu aos céus e seu lunar virou estrela, tornando-se um santo popular. Na cidade de São Sepé, RS, Gaudêncio esteve preso dois anos cumprindo pena por assassinato.

<sup>32</sup> (1899-1969)

<sup>33</sup> (1914 – 1977)

<sup>34</sup> (1905-1985)

coletivos. Em 1967, uma prévia do endurecimento foi anunciada com a nova Lei de Imprensa e de Segurança Nacional. “Quanto à Lei de Imprensa, restringia profundamente o direito de crítica e previa condenações de até 10 anos para os infratores de seus dispositivos penais” (COIMBRA, C., 2000, p. 6).

[...] Durante o então conhecido “governo da junta militar”, ocorre um fato histórico marcante: grupos de esquerda (o MR-8 – Movimento Revolucionário 8 de outubro e a ALN - Ação Libertadora Nacional) seqüestram o embaixador dos EUA no Brasil exigindo, em contrapartida, a liberação de 15 presos políticos. A exigência é atendida e, além da liberação dos companheiros, os ativistas conseguem difundir em rádios e jornais do país um manifesto contra a ditadura, captando visibilidade nacional e internacional à luta contra os militares. Em 1969, o líder da ALN morre pelas mãos das forças de repressão (SCARPARO; HERNANDEZ, 2007, p. 167).

Sustentando o lema do desenvolvimento e da segurança nacional, o governo Médici (1969 – 1974) foi marcado pela repressão e pelo “milagre econômico”. Obras faraônicas impactantes como a Transamazônica, a Ponte Rio-Niterói, impunham uma imagem de estado forte que sobrepujavam as lutas populares e denúncias de tortura.

No nosso caso, apesar da implantação, em 1964, de um governo de força, somente a partir do AI-5 é que a tortura se tornou uma política sistemática do Estado. Na verdade, muitos opositores políticos foram torturados naquela primeira fase da ditadura militar, mas foram casos pontuais. A vitória dos militares da chamada “linha dura”, que ficou conhecida como o golpe dentro do golpe, instituiu o terrorismo de Estado, que utilizou sistematicamente o silenciamento e o extermínio de qualquer oposição ao regime. O AI-5 inaugurou também o governo Médici (1969-1974), período em que mais se torturou em nosso país (COIMBRA, 2001, p. 13-14).

Para que a tortura funcionasse – e até hoje funcione – foram necessários muitos pontos de uma rede. Médicos, advogados, legistas, psicólogos, entre outros profissionais, colaboraram com seus saberes e práticas. “Algo deve ser aqui colocado sobre alguns profissionais ‘psi’ que apoiaram/respaldaram a patologização de muitos que lutaram contra a ditadura militar, em nosso país, classificando-os como ‘carentes’, ‘desestruturados’ e, portanto, doentes” (COIMBRA, 2001, p. 16). Além daqueles que encobriam versões oficiais de mortes como suicídio, atropelamentos, e outras causas “naturais”.

Sustentando uma imagem pública de tranquilidade, e de crescimento, o clima de ufanismo era bradado aos quatro-ventos: “Brasil, ame-o ou deixe-o!”. A classe média teve um *boom* de crescimento e consumismo, embalados pela modernização do Brasil.

Foi o início do reinado da Rede Globo, da aldeia global, que se fortaleceu gradativamente naquele período, produzindo/fortalecendo subjetividades então hegemônicas: formas de pensar, sentir, perceber e agir condizentes com o regime. Tais processos traduziam-se na importância dada ao consumismo, à necessidade de se ascender socialmente; “subir na vida” tornava-se a palavra de ordem. Foi produzida uma aceitação quase unânime das regras do sistema: a

população passava a aceitar passivamente que compete ao governo a resolução dos problemas; a ela, compete trabalhar e/ou estudar e não se imiscuir em política (COIMBRA, C., 2000, p.8).

Com o elevado crescimento econômico, a classe média e alta da população adentrou aos padrões do capitalismo industrial. Segundo Ferreira Neto (2010), essas duas classes experimentaram alguns processos de subjetivação vividos pelas sociedades industriais modernas, “caracterizados por uma alta valorização da interioridade psicológica, o que as transformaram em ávidas consumidoras dos serviços psicológicos prestados pelos profissionais psicólogos” (FERREIRA NETO, 2010, p. 132). A política era entendida como pertencente ao governo, então as competências pessoais deveriam estar voltadas à ascensão social, fosse pelo trabalho ou pelo estudo.

Contudo, o autoritarismo militar não foi causa direta da construção da cultura psicológica e individualista no Brasil. [...] Essas novas “identidades privadas” se modelaram dentro dos parâmetros hedonistas de valorização do corpo e do psiquismo, típicos das sociedades de consumo desenvolvidas e democráticas. De qualquer maneira, todo esse contexto fertilizou a sobrevalorização da intimidade psicológica, realçando a importância social dos profissionais “psi” (FERREIRA NETO, 2010, p.133).

O campo psicológico teve, então, esse crescimento e, geriu-se por alguns fatores - como esses mencionados anteriormente – uma cultura psicológica hegemônica sobre a vida privada. Manifestando seu vocabulário próprio, seus critérios de “normalidade”, no dia a dia das pessoas. Há uma psicologização do cotidiano. Coimbra (2004) realça que duas categorias foram assim produzidas nessa época: a do drogado e a do subversivo, ambas ligadas à juventude.

O drogado já é prontamente diagnosticado como um doente, com costumes e hábitos desviantes que são moralmente nocivos. Tornando-os então, presas fáceis para aqueles que queriam destruir a juventude e incutir-lhe idéias subversivas – assim postulavam os militares. Incutindo-os além da imagem de drogados o estigma de subversivos. Como subversivo, entendiam aqueles que possuíam grande periculosidade e tendências à violência, tornando-se uma ameaça à política vigente. Não somente contra o regime, mas contra a família, a moral, a religião, a civilidade. Sempre ratificando o saber e prática dos militares.

A ação desta rede de funcionamento da repressão não se restringiu apenas ao nosso país. “Nos golpes militares ocorridos na Bolívia (1972), no Chile e Uruguai (1973) e na Argentina (1976), estiveram presentes oficiais e policiais brasileiros, participando ativamente de torturas e interrogatórios” (COIMBRA, C., 2000, p.13). Algumas ações

conjuntas, como a Operação Condor, ocorreram entre os serviços de informações desses países, sempre com suporte e influências norte-americanas<sup>35</sup>.

A violência e repressão eram tantas, que no ano de 1974, nenhuma morte foi registrada. A alcunha de “desaparecido” era oferecida as famílias como única informação sobre seus entes. Até hoje existem casos não esclarecidos de desaparecidos, temos a “Guerrilha do Araguaia” como um grande exemplo. Uma “Comissão da Verdade” foi aprovada neste ano de 2012, pela Presidenta Dilma Roussef, com o intuito de trazer à tona muitas dessas histórias, mas mantém a anistia protegendo torturadores e responsáveis por crimes como morte, ocultação e vilipêndio de cadáveres.

Somente em julho de 1975, com o assassinato de José Ferreira de Almeida e, em outubro, de Wladimir Herzog, jornalista e diretor da TV Cultura, que ganhou repercussão nacional e internacional, é que se iniciou a “oficialização”, ou seja, o reconhecimento das mortes até então ocultadas. Oficialização que se apresentava encoberta de diversas formas: suicídios, como no caso Herzog, atropelamentos, acidentes de carro, e feridos/mortos em tiroteios. Neste último caso, as mortes eram justificadas pelos chamados “autos de resistência”, recurso utilizado até os dias atuais, para mascarar assassinatos cometidos por agentes do Estado, na ocasião, dos opositores, e hoje, de pessoas originárias de setores empobrecidos. E, naquele período, como resistência às violências perpetradas pela ditadura, surgiram movimentos e entidades, articuladas em diversos estados do país, a favor da Anistia e da liberdade de presos políticos (COIMBRA; VITAL, 2006, p.2).

Em meio às lutas dos movimentos sociais, emergiram lutas pelos direitos humanos. Idéias dos pensadores europeus do “Maio de 68” chegaram ao Brasil - influenciando algumas ações até então instituídas pelos movimentos de resistência - e mostraram a possibilidade de mudar a realidade através de outras formas de atuação, inventando-se novas práticas de fazer política. Coimbra (1999) sugere que algumas cicatrizes das perdas ocorridas com o golpe, e principalmente com o AI-5, acabaram por produzir críticas aos modelos adotados anteriormente de resistência.

Trata-se, com relação às resistências, de uma 'linha' anônima que não emerge dos sujeitos, é tecida ao acaso, mas que os afeta, arrasta, atravessa, e também os constitui, delineando movimentos não previstos e inusitados. É neste sentido que Foucault afirmava que as resistências/revoltas não podiam ser concebidas como ações de heróis, que as ações revolucionárias não são autoria de personagens ilustres que a história factual dignifica. Ao contrário, elas são efeitos nas práticas

---

<sup>35</sup> Até hoje a Colômbia mantém laços estreitos com os Estados Unidos da América, que no seu discurso de defensor da democracia, faz girar sua economia bélica executando guerra contra as drogas e contra as Forças Armadas Revolucionárias da Colômbia (FARC) – supervalorizando o discurso de tratar-se de uma narco-guerrilha, enfraquecendo assim seu caráter político. Aumentando sua influência no continente após grandes vitórias esquerdistas na América do Sul – como a eleição de presidentes como Evo Morales, Lula e Hugo Chávez – no começo do século XXI. Tenho notícias de fontes orais, que passaram por sessões de tortura durante a ditadura, com equipamentos cedidos pelo exército dos Estados Unidos da América, sendo esse uma espécie de fio metálico, que era introduzido na uretra do torturado, disparando choques elétricos no órgão sexual.

anônimas, de existências desqualificadas e ordinárias que afrontaram poderes constituídos colocando em xeque os regimes de opressão (HECKERT, 2004, p. 45-46)

Alguns membros da Igreja fundaram a “teologia da libertação”, repensando certas roupagens que o marxismo havia adquirido, como, por exemplo, o movimento sindical e a luta armada.

Desde o início dos anos 70 uma comissão conciliar coordenava atividades de evangelização entre a população mais pobre da zona sul [de São Paulo], englobando cerca de 80 paróquias, em que a catequese tradicional já se vinculava aos temas da libertação e ao estímulo à participação coletiva. Padres, freiras e leigos usavam o método Paulo Freire para aulas de alfabetização, promoviam reuniões de casais em que chamavam a atenção para um novo sentido da existência humana, organizavam cursos profissionalizantes onde também opunham a necessária dignidade do trabalhador ao individualismo amoral da sociabilidade capitalista. Vinculavam assim o cristianismo à idéia de uma existência comprometida com a luta pela justiça social, com a solidariedade, com a participação consciente na vida coletiva (SADER, 2001, p. 203).

Muitos grupos surgiram nessa época como focos de resistência e luta pelos direitos humanos contra a impunidade que tomava conta do regime. Eram grupos fragmentados dentro do cenário nacional. “Só que tal fragmentação não foi vista como sinal de insignificância ou inviabilidade. Recusando os modelos apriorísticos para definir a realidade, eles se perguntaram sobre o significado dessa realidade, do modo como ela se apresentava” (SADER, 2001, p. 197).

Alguns desses grupos “ainda hoje, persistem na disposição de resistir, apontando para as lutas em prol dos direitos humanos em cima das condições concretas de existência daqueles que continuam sendo marginalizados” (COIMBRA, 1999, p. 3). Temos como exemplo o Grupo Tortura Nunca Mais (GTNM), que luta contra essa prática ainda hoje recorrente.

A partir das denúncias de ex-presos políticos de que notórios torturadores estavam ocupando cargos públicos, em 1985 foi fundado - por ex-presos políticos, familiares de mortos e desaparecidos e pessoas sensíveis à causa dos direitos humanos - o GTNM/RJ que tem como um de seus principais objetivos a luta pelo esclarecimento do que ocorreu na ditadura militar. Assim, as circunstâncias dos desaparecimentos e mortes entram definitivamente na agenda dos movimentos sociais; outros GTNM e Associações de Mortos e Desaparecidos foram criados no Brasil durante os anos 90 (COIMBRA; VITAL, 2006, p. 3).

A elevação do preço do petróleo em 1973 e 1979 – aliada ao financiamento externo do qual o país era dependente – acarretou uma grave crise financeira no país, acabando com o chamado “milagre econômico”. As classes altas e médias da população sofreram profundas alterações em seus modos de subjetivação, acrescentando às classes pobres um

agravamento vital de suas condições de sobrevivência básicas, tais como, alimentação, saúde e moradia.

No ano de 1974, assistimos à crise do milagre econômico: aumento alarmante da inflação e do desemprego. A insatisfação coletiva se manifesta, apesar da repressão imposta pelo regime. Na figura do general Ernesto Geisel (1974-1979), começa um processo lento e progressivo de abertura política rumo à democracia. A oposição começa a ganhar espaço. Mas algumas medidas não agradam a uma parcela de militares, que começam a promover ataques clandestinos e assassinatos aos membros da esquerda. Em 1978, Geisel acaba com o AI-5. No final dos anos 70 (1978), ocorre a vitória do MDB, fato que acelera o processo de redemocratização no Brasil (SCARPARO; HERNANDEZ, 2007, p. 169).

O movimento pela Anistia foi determinante para esse processo de democratização. Uniu a Ordem dos Advogados do Brasil, setores da Igreja Católica, movimento das mulheres, sindicatos, Associação Brasileira de Imprensa, entre outros. Esses movimentos sociais que eclodiram entre 1975 e 1985 tinham uma ação direta de caráter reivindicatório. Possuíam autonomia e oposição ao regime sem estarem contaminados por vícios de políticas partidárias. “Os movimentos sociais desse período, entre outras contribuições, trouxeram novos discursos e práticas de afirmação de outros modos de ser e de viver” (FERREIRA NETO, 2010, p. 133).

O que talvez seja um elemento significativo, que diferencia os movimentos sociais da década de 70, é que eles não apenas emergiam fragmentados, mas ainda se reproduziam enquanto formas singulares de expressão. Ou seja, embora tenham inclusive mecanismos de coordenação, articulação, unidade, eles se mantiveram como formas autônomas de expressão de diferentes coletividades, não redutíveis a alguma forma “superior” e sintetizadora (SADER, 2001, p. 198).

A percepção de que tudo é político, foi uma das ampliações trazidas por esses movimentos. O político passou a ser contextualizado e problematizado no cotidiano e em todas as esferas das relações, sejam públicas ou privadas, nas relações de gênero, entre médicos e pacientes, fornecedores e consumidores. A Psicologia não ficou inerte na construção dessas novas práticas.

Entrecruzando-se ao movimento da Reforma Sanitária – em seus embates pela afirmação da saúde como direito do cidadão e dever do Estado, aliada aos outros movimentos sociais que reivindicavam democratização e fim do regime militar - no final dos anos 80, destaca-se o chamado Movimento dos Trabalhadores de Saúde Mental.

O manifesto lançado pelos trabalhadores de Saúde Mental, em 18 de maio de 1987, elevou as críticas ao modelo psiquiátrico à sua última instância, a fim de “‘marcar uma ruptura’, ao definir que ‘não basta racionalizar e modernizar os serviços nos quais trabalhamos’” (LOBOSQUE, 2001, p. 15). Clamou pelo fim dos hospitais psiquiátricos e

seus mecanismos de opressão. Se, por um lado, essas lutas se diferenciavam em relação às suas bandeiras, por outro se aproximavam pela intensa movimentação de diversos setores sociais numa aposta na potência/inventividade do coletivo.

Entretanto, esses protestos sem programação prévia, eventuais, que não eram formulados nos seios dos partidos e das lideranças de esquerda, expressavam novas formas de luta, que surpreendiam não só intelectuais, mas até mesmo o aparato repressor. Nessas revoltas era difícil, quando não impossível, identificar quem as provocou ou iniciou. Eram revoltas anônimas (HECKERT, 2004, p.103).

Em 1979 é nomeado presidente, o General João Baptista Figueiredo<sup>36</sup>, que governa até 1985. Gradualmente, diante das pressões por liberdades políticas – que já repercutiam internacionalmente - e pelo esfacelamento total do modelo econômico, se caracteriza como um governo de transição. Ele decreta a Lei da Anistia no mesmo ano, possibilitando que exilados e presos políticos retornem ao Brasil. Scarparo e Hernandez (2007) propõem que nos bastidores a repressão continuava a agir clandestinamente, promovendo crimes e atentados à artistas, revolucionários, intelectuais, que até hoje permanecem impunes.

Também em 1979, a lei do pluripartidarismo é aprovada. Alguns partidos novos como o Partido dos Trabalhadores (PT), e o Partido Democrático Trabalhista (PDT) são criados. O regime militar, já desgastado, fomenta movimentos políticos e sociais que favorecem a abertura política.

Em conexão com esses movimentos sociais, o avanço das oposições, as ondas de greves no ABC paulista (1978 e 1979), a aprovação da Lei da Anistia, entre outros fatos, assinalaram a derrocada final do regime militar. Em 1985, após uma intensa mobilização popular reivindicando eleições diretas para presidente, foi eleito, por meio do Colégio Eleitoral, o primeiro governo civil. Inicia-se a “Nova República” e o processo de redemocratização da vida política brasileira. É convocado o processo constituinte onde os diversos segmentos da sociedade brasileira encontram um fórum amplo de participação institucional. E não é por acaso que o *slogan* do novo governo preconiza: “Tudo pelo Social”. E a Psicologia também foi instada a responder a essa nova conjuntura (FERREIRA NETO, 2010, p. 133).

Com a mudança de cenário de atendimento de profissionais da área “psi” – passando da clínica individual a atendimento a setores mais pobres da população – pela entrada em outros campos de atuação, principalmente com o surgimento da psicologia social comunitária e movimento de saúde mental, desconstruiu-se a concepção tradicional de clínica como modelo principal de trabalho dos psicólogos. O movimento de luta por uma sociedade sem manicômios, não apenas joga luz sobre o problema, como proporciona

---

<sup>36</sup> (1918 – 1999)

uma lenta modificação, com novas formas de intervenções e compreensões sobre a loucura e a saúde mental.

Um setor através do qual podemos acompanhar as mutações do fazer “psi” é o da saúde mental. Esta se configurou nos últimos 20 anos como um campo de assistência, produção teórica e intervenção social de grande inventividade, no contexto da Saúde Pública no Brasil. Tendo como objetivo inicial a reversão do modelo de atenção ao portador de sofrimento mental de caráter hospitalocêntrico em direção a uma assistência ambulatorial, foi radicalizada, a partir de 1987, pela palavra de ordem “Por uma sociedade sem manicômios”, numa nova perspectiva que ampliava o projeto de assistência para incluir uma micropolítica de transformação do lugar social do louco e da loucura e desinstitucionalizar não só o manicômio concreto, mas a própria noção de doença mental, enfim, uma proposta de intervenção na cultura (FERREIRA NETO, 2010, p. 135).

Com o surgimento de novos partidos políticos, a redemocratização tornou-se eminente. Com o movimento das “Diretas Já”, surgido em 1984, a luta por eleições diretas e populares para presidente ganhou maior expressão nacional. Em 1985, o então deputado Tancredo Neves<sup>37</sup> que pertencia a Aliança Democrática (grupo de oposição formada pela Frente Democrática e o Partido do Movimento Democrático Brasileiro), é eleito pelo Colégio Eleitoral como Presidente da República. Tancredo adoece e morre antes de assumir, passando o cargo para o então Vice-Presidente, José Sarney. Durante seu governo, em 1988, é aprovada a nova constituição, garantindo alguns direitos civis fundamentais à cidadania brasileira. “É também em 1988 que a Prefeitura de Porto Alegre experimenta um governo popular, de esquerda, através do representante Olívio Dutra, do Partido dos Trabalhadores” (SCARPARO; HERNANDEZ, 2007, p. 170).

Com o advento das eleições municipais, no começo dos anos 90, algumas cidades se destacaram em tentativas de elaborar novas práticas referentes à loucura. Uma delas foi Santos/SP, onde o município interveio num hospital psiquiátrico particular, superlotado e violento, levando à extinção dessa instituição, construindo uma rede de serviços substitutivos extra-hospitalares<sup>38</sup>.

Se podemos dizer que, a história do SUS em Santos coincidia com a história do SUS no país, dela se desviava radicalmente para garantir avanços no processo de descentralização com: a destinação de recursos financeiros do orçamento municipal para a saúde; na compreensão de que o município deve assumir integralmente a gestão do sistema local; na vontade política de enfrentar e vencer os obstáculos que garantam a saúde como direito do cidadão; e no esforço permanente em formar equipes de saúde aliançadas com os movimentos de expansão da vida no território, entendendo que a viabilidade do SUS está diretamente relacionada com a criação de canais efetivos de controle social e participação popular (VIEIRA, 2009, p. 92).

---

<sup>37</sup> (1910 – 1985),

<sup>38</sup> A este respeito ver Lancetti, A. Clínica peripatética. São Paulo. Editora: Hucitec, 2006.

Essas novas práticas psicológicas acabam por influenciar a formação profissional, deslocando a antiga proposta curricular que mantinha um enfoque basicamente clínico, industrial e escolar. A preocupação agora é a construção do maior número de habilidades profissionais, suprimindo assim a demanda de mercado. É assinalada a ligação entre ensino, extensão e pesquisa, tornando dessa forma, a produção de conhecimento em maior destaque do que a reprodução de conteúdos dados.

Caímos então no paradoxo, como nos aponta Ferreira Neto (2010), de abrir o conteúdo curricular às diversas demandas do mercado de trabalho, mas entender a docência como uma função estritamente instrumental – com uma transmissão clara e atualizada, próximos de um “adestramento” (FERREIRA NETO, 2010, p. 138) – perdendo-se assim o caráter reflexivo e crítico da formação.

Se a desconstrução da clínica clássica trouxe à tona uma diversidade de “práticas emergentes”, no momento presente essas tendem a serem recapturadas pelos parâmetros onipresentes de eficiência estabelecidos pelo mercado, acarretando as conseqüências inevitáveis de ênfases tecnicistas e embotamento da crítica na formação. Não podemos ignorar que o mercado mundial é realidade presente na qual estamos inseridos e da qual dependemos, mas isso não deve ter como conseqüência necessária o entendimento que nossa relação com o mercado deva ser de submetimento sem alternativas. O mercado, evidentemente, não pode ser ignorado, mas podemos estabelecer com ele uma relação crítica (FERREIRA NETO, 2010, p. 138).

Surgiram também outros discursos contrários aos direitos humanos, relacionando-os a um aumento considerável da violência no país. As classes altas e médias influenciadas pelas mudanças nas práticas repressivas que iam sendo pouco a pouco deixadas para trás - já que os considerados “inimigos internos” das décadas de 60 e 70 já haviam sido superados -, se movimentavam em prol da manutenção do aparato repressivo. “Não é difícil entrever nesses discursos contra os direitos humanos e sobre a insegurança gerada pelo aumento da criminalidade um diagnóstico de que tudo está mudando para pior, de que ‘os pobres querem direitos’ e ‘que se quer dar direitos até para bandidos’” (CALDEIRA, 1991, p. 62 apud COIMBRA, C., 1999, p. 3).

Esses discursos se apresentam entrelaçados à emergência de um discurso neoliberal, condizentes com o paradigma da insegurança presentes no que Deleuze (1992) aponta como sociedade de controle<sup>39</sup>. Esse modo de funcionamento produz subjetividades

---

<sup>39</sup> Gilles Deleuze (1992) afirma que a sociedade de controle surgiu após crises e reformas institucionais, pós Segunda Guerra, constituí-se de uma moldagem autodeformante, que continuamente transveste-se com outras práticas. As empresas vieram a substituir as fábricas e a instituição-escola adquire um caráter de formação permanente. Esta sociedade de controle produz indivíduos ondulatórios que, em um feixe

de homens endividados, resultado da precarização das relações de trabalho, que constrói um “assalariado agradecido” por possuir um contrato de trabalho por tempo determinado e sem estabilidade. Não se trata de dívida financeira apenas, mas sim na produção de uma subjetividade sempre em falta com algo que se constitui como referente. Dívida com informações atualizadas, dívida com a moda, ou seja, em dívida com os modos de vida vigentes.

Com relação à Doutrina de Segurança Nacional, hoje, dentro da nova ordem mundial, dos projetos neoliberais vigentes em escala planetária, os "inimigos internos do regime" – aqueles tratados como tais – passam a ser os segmentos mais pauperizados e não mais somente os opositores políticos. São todos aqueles que os "mantenedores da ordem" consideram "suspeitos" e que devem, portanto, ser vigiados e, se necessário, eliminados. Grupos de extermínios - nascidos sob o beneplácito do regime militar e dele fazendo parte - funcionam hoje para estes fins, financiados por comerciantes e empresários, e com auxílio de muitos dispositivos sociais, como a mídia, e têm fortalecido subjetividades que produzem juizes e autores como sujeitos necessários à "limpeza" do corpo social, considerado enfermo. Estes enfermos são percebidos como perigosos e ameaçadores. A modernidade exige cidades limpas, assépticas, onde a miséria - já que não pode ser mais escondida e/ou administrada - deve ser eliminada. Eliminação não pela sua superação, mas pelo extermínio daqueles que incomodam os "olhos, ouvidos e narizes" das classes mais abastadas (COIMBRA, C., 2000, p. 16).

Um raciocínio linear é produzido como causa e efeito, taxando marginalidade e pobreza como potencialmente perigosos. A mídia sensacionalista produz na população uma imagem do criminoso típico, produz também zonas e locais esquadrihados como perigosos. Pessoas pobres - geralmente negras e moradores de subúrbios e/ou favelas representam esses estereótipos –, sob o efeito de uma espécie de culpabilização, tornam-se responsáveis por seus fracassos e sucessos.

É importante lembrar que, naquele passado recente, o opositor político foi seqüestrado, torturado, isolado, assassinado, ocultado e enterrado como indigente, perpetuando-se assim a tortura sobre seus familiares e amigos. Hoje, as mesmas práticas são aplicadas aos pobres em geral, aos excluídos, aos também chamados “perigosos”, que são aniquilados como simples objetos. O extermínio dos subalternizados tem sido plenamente justificado como uma necessária “limpeza social”, aplaudido pelas elites e por muitos segmentos médios de nossa sociedade. Como no período da ditadura militar, também hoje, nesses tempos neoliberais, o “inimigo interno” deve ser não somente calado, mas também exterminado (COIMBRA, 2001, p. 17-18).

Algumas pistas então começam a ser esboçadas no que tange aos momentos da vida de nosso protagonista. Seu primeiro – e único – emprego, onde foi assinada sua carteira de trabalho, aconteceu quando tinha por volta de 23, 24 anos, como “Vigilante Particular” na

---

contínuo, tem um funcionamento orbital. Acompanha assim a mutação do capitalismo que não mais vende produtos acabados ou matérias primas, mas sim negocia ações e serviços.

capital gaúcha. O ano era 1978, 1979 e o clima era de total insegurança com relação a roubos de bancos. Estratégia essa muito utilizada por “guerrilheiros urbanos” para arrecadar fundos para suas lutas. Talvez muitos assaltos a banco sem “fins políticos” tenham sido atribuídos a esse motivo. Contou-me certa feita:

– Daí lá em Porto, eu cuidava dos *banco*, metalúrgica, depósito, casa de burguês, residência, trabalhei 4 anos na guarda.

– 4 anos.

– E tenho exame de guardinha até hoje! Tava bem na guarda!

O estereótipo do subversivo era velho conhecido seu. O “super-dos-nervos” supervalorizou-se pela “ditadura da Psiquiatria” - que nesse período viveu seus piores momentos – aliado à militarização crescente do país pela ditadura militar, que capturava qualquer movimento que diferisse do instituído por ela. Gaudêncio vivenciou esses anos repressivos, muito bem engrenados pelas diversas práticas/saberes que o constituíam. Descreveu por bem dizer, uma vida nômade, estando enraizado agora, aos 56 anos, na cidade de Santa Maria. Partiu de sua terra, Formigueiro – onde já trabalhava nas lavouras de arroz –, para a fronteira com o Uruguai, por volta de 1974 - 1975, quando tinha 16 anos.

- Trabalhei até na divisa da Argentina.

– Trabalhou na fronteira?

– Hum.

– Trabalhou de quê?

– Com uns *uruguaio*, na divisa do Uruguai pra *cortá* lenha. Eu, um irmão meu, “Peitudo” e o finado João, e um guri do Pedruca, *nós tudo* no acampamento. E eu me cortei tirando uma fita da metalúrgica, de aço inoxidável, com um gurizinho dele, o facão raspo ele tiro a carne e o, o...

– Ficou só o osso?

– Não, no miúdo... Até nem vou te contar muita coisa...

Demonstrou um certo incômodo e lhe questionei sobre isso.

– Não? Tá incomodado de falar?

– Daí... Daí nós paramos no acampamento, tinha um dia que um buscava água, no outro dia era outro que ia buscar. Aí chego o dia do guri do Pedruca busca a água, daí... Muito se encheu o Jesus. –“Quer água aí”? –“Não, obrigado”. Daí eu peguei o Pedruca com o facão - um *amansa-loco* que tava ali – *se botô* no Jesus. Jesus só tava com uma adaguinha assim...

– O piá foi buscar água...

– Não quis ir. Daí o Pedruca se revoltou contra o Jesus. E eu tava deitando, dali a *poco* veio com um gato Tramontina na mão, um Tramontina que tinha debaixo do travesseiro, e bate num caibro, tinindo, ia dar na cabeça, ia dar na cabeça dele... Aí o João *atacou* [nesse caso, o atacou é no sentido de separou], o finado João...

– *Atacou tu?*

– Atacou a briga...

– Atacou a briga...

– É... Depois no outro dia era *nhenhhenhenhe*. E assim, eles foram, nós fomos lá nas vendas das “Areia Branca”, lá perto do Uruguai, por ali...

– Hm?

– *Nós fomo* lá, *compremo* uma de cana, *tomemo* uma de cana, eu comprei uma lanterna e uma caneca que eu não tinha, o Jesus compro uma gaita-de-boca em *sucia* com o finado João, compro um facão, nem sei que marca era... Aí, *fomo* pro acampamento, o Jesus *passo* a mão no peito do curió e chamo no facão...

Gaudêncio encenava a situação embora sentado. Nesse momento, de desferir o golpe, mostrou ser um golpe com o lado do facão. Pergunto:

– No *planchaço*?

– No *planchaço*. Aí, o João não quis ajudar ele, o Jesus tinha dado uma *daguinha* pra ele, a *daguinha* que ele tinha ele deu pro João, atrás dele: -“Dá aqui essa *daguinha* que eu vou dar pro Gaudêncio”. Aí, me deu a adaga e disse: -“Ó, *tamo* alinhado”. *Se fomo* pra casa do patrão, Pedruca, Luis, Luis Gancho, o negrão Luis Gancho.

– Hum... Mas porque começou o *entrevero* eu não entendi agora.

– Por causa da água que *os guri* não foram buscar.

– Ah, por causa da água.

– Eles não *quis* buscar água. Daí *se foram* pra casa do patrão, *nós fomo* pro acampamento. E o Jesus sumiu, foi lá pros campos de futebol vê se achava comida, e nós não *tinha* mais água pra trabalhar no outro dia. Daí, foi, foi assistir jogo primeiro, ah foi antes, e foi antes. Aí Jesus disse: - “Se esses *filha-da-puta* se vem *tu se bota* de facão!” Aí, dito e feito, tava deitado em volta da *cambona* [espécie de chaleira rústica], tava na *cambona* preparado café. Depois levantei, fiz o fogo, esquentei a *cambona* pra fazer o café.

– Uhum.

– Aí, eu... O guri começou a puxá no fogo, puxá, apagando o fogo. -“Mas esse piá!” Aí, *prendi no pontapé*, pelas *cambona*, tição. E era tição e brasa pra tu que é canto no acampamento. -“Mas vai *queimá* o guri! - “Mas não tem pra ti também bicho véio” - pro

Pedruca – “Tu quer já tem pra ti”. Aí ele disse: -“Mas que isso rapaz, pra que isso, vai fica feio nosso acampamento”. Daí, quando chamaram a polícia, e era uns 3, uns 3 *brigadiano*.

– Mas o piá se queimou ou não se queimou na *cambona*?

– Queimo nada. Nós *era* ruim contra o Pedruca, *nós não tinha* medo dele, cortava ele a facão.

– Mas vocês chegaram a *se atracar*?

– Não, não *cheguemo*. Tinha medo de *pegá* ele a facão e *cortá* tudo.

– E daí, chegaram os *brigadianos* no acampamento, é isso? 3 *brigadianos*...

– Chegaram os 3 *feioso*. Chegaram e passaram a algema em todo mundo. Em mim e no Jesus, meu irmão. Aí, tava lá o finado João e o outro cara, ajeitando a mochila tipo bicho, jogando tudo que é coisa pra trás. Pegou a lanterna e disse: - "isso aí fica contigo". - “Não isso aí é do Gaudêncio, não *vo* leva porque é dele”.

– Nas tuas coisas?

– Minha lanterna.

– Hm...

– Os *brigadiano* mandaram ficar pra eles. -“Isso aqui é do Gaudêncio, ele que vai levar a lanterna dele”. Aí, eu disse: -“Me tira a algema pra *mim* ajeitar as coisas aqui, ou tu vai deixar minhas coisas aqui?”. Aí, me desalgemaram, ajeitei minha mochila tranqüilo, tudo bem arrumadinho. Aí, depois nos levaram lá pra Aceguá, pra cadeia de Aceguá. Uma cela livre, duas camas pra deitar, e nós com nossas *mochila*, acolchoado. Nos *deitemo* e dormimos quase a noite toda. E disseram ainda pra nós: -“Não vou largar vocês dormir no hotel, na pensão. Temo medo *vocês ir* lá e *matá* a velhinha”. Hahahaha

Seu trabalho de “cortar madeira” era em um acampamento isolado, próximo a “Praia das Areias Brancas” – uma extensão de areia branca e fina que serpenteia o pampa às margens do Rio Santa Maria –, na cidade de Rosário do Sul. Uma confusão aconteceu e logo a Brigada Militar interveio. No auge da repressão, qualquer reunião de pessoas poderia ser considerada como subversiva. Com o “teje preso” decretado, foram levados à delegacia onde ele, e seu irmão, passaram a noite. O policial, num tom amistoso, falou que não os liberaria com medo de que eles assassinassem a idosa dona do hotel (“comedores de criancinha?”).

Depois disso rodou por outras cidades em busca de trabalho. A maioria deles braçais e algumas vezes isolados – como em minas de carvão –, sempre marginalizados pela maioria da população. Paralelamente a isso fazia seu tratamento medicamentoso, buscando mensalmente seus remédios em postos de saúde.

Ao mudar-se para Porto Alegre viu sua vida se transformar. O estereótipo de “subversivo” não lhe cabia mais. Possuía um emprego com carteira assinada e um trabalho com ares policiaiscos. Toda a carga desqualificadora imposta até então, voltou-se agora como qualificação de trabalho. “A disciplina fabrica corpos submissos e exercitados, corpos dóceis. A disciplina aumenta as forças do corpo (em termos econômicos de utilidade) e diminui essas mesmas forças (em termos políticos de obediência)” (FOUCAULT, 2004, p. 119). Gaudêncio estabeleceu-se em uma cidade do entorno da capital e, como me disse, “estava bem de guardinha”.

Em um período de férias, de volta a sua cidade natal, encontrou um desafeto e, com a arma de propriedade de seu empregador, assassinou-o em um momento de “legítima defesa”. Entre 1982 e 1984 cumpriu parte da pena na cidade de São Sepé. Nos últimos cinco meses foi transferido para o “Manico” (manicômio judiciário) em Porto Alegre. Novamente em liberdade perdeu seu emprego, e, suas condições de vida tornaram-se, por bem dizer, paupérrimas. Vivendo na casa de uma irmã, brigou com seu cunhado e passou um tempo vivendo nas ruas como mendigo.

Durante esse período, que durou cerca de cinco anos, passou por diversas internações, sendo elas compulsórias ou não. Nesse momento as lutas anti manicomiais viviam seu ápice, mas para Gaudêncio seus efeitos somente foram sentidos posteriormente.

A I Conferência de Saúde Mental em 1987 evidencia a necessidade desta ampliação ao constatar que, muitas das dificuldades vivenciadas pela perspectiva sanitária quanto a incorporação de suas propostas reformistas nas políticas oficiais [...]. Aliada ao II Encontro Nacional dos Trabalhadores de Saúde Mental que teve como lema: “Por uma Sociedade sem Manicômios”, a I Conferência de Saúde Mental traz novos rumos e tensionamentos à trajetória sanitária que tinha como foco uma transformação apenas do sistema de saúde. Vemos neste momento uma crítica radical, de clara inspiração basagliana, que produz como nova e fundamental estratégia a ampliação do próprio MTSM [Movimento de Trabalhadores de Saúde Mental] no sentido de ultrapassar sua natureza exclusivamente técnico-científica. Neste sentido, aponta-se para a necessidade do envolvimento da sociedade na discussão e encaminhamentos das questões relacionadas à loucura e à assistência psiquiátrica. Temos então a incorporação dos usuários e seus familiares como agentes críticos dos processos a serem transformados discutindo-se a invenção de novos dispositivos e tecnologias de cuidado diversificados que rompam com o modelo asilar e suas práticas de exclusão e violência (VIEIRA, 2009, p. 95).

Vivendo na rua e sendo constantemente internado, sentia os resquícios da ditadura - preenchendo novamente os critérios dos “novos inimigos” do Estado, os marginalizados. Em um processo trabalhista contra a antiga empresa conseguiu algum dinheiro e comprou um terreno, não chegando propriamente a se estabelecer por muito tempo. Sustentava-se com pequenos bicos em cidades da região. Não tinha mais condições de pagar um

advogado para “limpar sua ficha”. Jurado de morte na comunidade onde morava, mudou-se para Santa Maria em meados da década de noventa. Morou primeiramente na casa de um amigo da família, que o acolheu e o ajudou a arranjar trabalho.

Já em Santa Maria foi diversas vezes internado no HUSM. Por volta dos 40 anos tinha ainda força física para bicos em obras e assim dava seu sustento, realizando obras também para o dono da casa. Após esse amigo falecer encontrou a família de Bibiana. Por serem conhecidos de Formigueiro decidiram por recebê-lo em casa.

No começo dos anos 2000, conseguiu seu benefício de auxílio-doença. Auxiliado por profissionais da área de saúde que, provavelmente, atuavam com base no pensamento de que “tudo é político” - essência da reformas dos fins dos anos 70 - e por profissionais formados na nova concepção de ensino da psicologia, voltados agora para o atendimento no campo social. Em um dado momento de nossas conversas o inquiri sobre seu trabalho e sua renda hoje em dia.

– To *encostado*, o Dr. disse que eu to aposentado... Encostado...

Bibiana se contrapõe:

– Gaudêncio, não é *encostado*, Gaudêncio. Teu benefício é uma aposentadoria. É definitivo, mas é um benefício, Gaudêncio. Assim, não é uma aposentadoria por tempo de serviço, é assim ó: é um auxílio doença no caso, mas é definitivo. É que nem a minha, a minha é...

– Mas agora é definitiva, faz mais de 7 anos que eu to recebendo...

– É que nem o meu, é definitivo, mas é por doença...

– É a mesma que a minha, porque é por problema de saúde também...

– A única diferença é que *tu não recebe* o décimo e que eu recebo o meu.

– Como é?

– *Tu não recebe* o décimo, *recebe*?

– Não...

– E o meu eu recebo, e no caso se eu piorar vai aumentando meu benefício, mais uma parte de auxílio.

Já impossibilitado fisicamente de exercer trabalhos braçais, novamente nomeou-se como vigilante – agora de carros, numa rua no centro da cidade. E foi ali que se deu nosso primeiro encontro, no vai e vem das calçadas. Há uns dois anos, Gaudêncio foi indicado para um dos serviços substitutivos propostos no hospital (HUSM). Forçando-o a se ausentar de segunda a quinta-feira do seu trabalho costumeiro na rua. Hoje, às sextas-feiras, Gaudêncio vai trabalhar vigiando carros e reclama da gorjeta, mas retorna na

semana seguinte. Talvez, não mais só em busca dos níqueis que lhe ofertam em troca de seu trabalho. Talvez sim, pelo “*buenas tardes*”, pelo auxílio, até mesmo as birras e desaforos das pessoas que por ali passam – conhecendo-o ou não. As músicas que surgem do cotidiano, das mulheres que ali circulam. O sopro de vida que insiste em esvoaçar por entre a rua, os carros e a calçada.

### **3.7 Mais força da camisa de força**

No dia seguinte, cheguei no horário combinado e Gaudêncio não estava lá. Esperei-o do lado de fora de sua casa. Em alguns minutos ele apareceu, caminhando mal, mas tentando manter a força em seus passos. Ao vir falar comigo, percebi que estava babando um pouco, ao apertar minha mão o senti trêmulo e sua dicção estava muito pior.

Percebi logo os efeitos das medicações de que ele havia feito uso. Eu jamais o tinha visto assim. Aquilo mexeu muito comigo. Ontem estávamos juntos, ele demonstrava estar bem – com sua dificuldade de dicção corriqueira. Percebê-lo naquela “camisa-de-força-química” causou-me muita revolta, mas acredito que essa tensão, tenha também deslocado aquela instituição-pesquisador que citei no começo da primeira entrevista trazendo talvez, a cena à instituição do profissional psicólogo implicado com aspectos da saúde mental.

Sem saber direito como começar, retomo alguns pontos trazidos no nosso primeiro encontro. Tentando manter uma fala que deixasse espaços para que ele continuasse suas narrativas, mas sua resposta veio curta e grossa: “– Hmm, e agora quê que tem mais?”. Respondo-lhe que poderá me falar o que desejar. Ele volta a comentar sobre seus trabalhos: “– Construí um colégio também”. Gaudêncio hoje “estuda” no serviço substitutivo do qual faz parte.

Aponta novamente que em nenhum desses trabalhos conseguiu carteira assinada. Após uma pausa onde se sentia uma tensão entre nós ele exterioriza: “– Não sei, não sei o que te contar mais... Tem que parar, falar agora e ver...”.

Cada vez mais essa tensão estava evidente. Estava realmente indignado em vê-lo naquele estado, onde parecia que falar e pensar estavam sendo tarefas muito difíceis e dolorosas, irritando assim também nosso protagonista. Quase a contra gosto, falou para eu entrar e dessa vez nos dirigimos a outra sala – de jantar - que também tinha um sofá, onde nos sentamos. Com aflição de percebê-lo assim, resolvo ir direto ao ponto, como Bibiana fez entrevista passada. Pergunto sobre a questão da Reforma Psiquiátrica hoje, questionando-o sobre o serviço substitutivo do qual é usuário:

– Mas, me conta como é que é? Como é que é que o Sr. chegou no “clube” lá, no Clubinho?

– No Clubinho?

– É... Como é que é pro Sr... Ir lá... O que vocês fazem?

– É aula de matemática, fazer conta, português, geografia... Em geografia eu não passo quase nada, mas no português, às vezes, passo...

– E... Dão aula lá então? É isso?

– É as *enfermeira* dão aula no lugar da professora. Foi embora.

– A professora não vai?

– Não, essa aí ela foi embora. Em Porto Alegre.

Gaudêncio responde vagamente e fica em silêncio, desconversando. A raiva daquela situação não me permitiu deixar passar.

– E... Como é que o Sr. entrou no grupo?

– Isso aí foi a Dra. que mandou eu entrar no grupo. Perguntou: -“Tem uma *vaa*, uma vaga pro Gaudêncio aí”? – “Têm, têm, têm, têm...” – diz o enfermeiro – “O Gaudêncio aqui é bem recebido”! E arrumou uma vaga pra mim...

– Tá, e aí, vocês tem aula manhã e tarde? Como que é?

– É a aula é de manhã, mas de tarde passam umas *continhas*, mas hoje não passaram nada.

– Não? Ficaram fazendo o que?

– Aí chega a parte da tarde elas passam as *conta*. A dona Lígia, enfermeira, que tá passando a conta no lugar da professora... Aí fiquei lá, acertei quase todos...

– O quê?

– Acertei quase todas as *contas*... Não sô muito burro...

– Hahaha Não, não pode ser, né? Já fez tanta coisa na vida, não pode ser burro.

Essa foi a primeira resposta que me veio à mente. Estava desconcertado ao saber que sua equipe de ensino era composta por enfermeiras. Estive com ele um dia antes, não apresentava sinais de delírio, surto ou algo do gênero. Disse ter ido à unidade, ter feito *contas* e agora se encontrava daquele modo. Enquanto pensava sobre isso um certo silêncio se fez entre nós. Interrompido por sua queixa:

– É... Mas quando eu caminho *vêio*, me dói, me parece que tá me travando as *perna*...

Gaudêncio se levanta. Dá alguns passos e volta, me mostrando como estava “travado”, reclama algo que não compreendo e diz:

– É caminhar, caminhar dói.

Além da sua visível dificuldade de fala acentuada pela alta carga medicamentosa, a rua em frente tornou-se absurdamente barulhenta, tornando cada vez mais impossível compreendê-lo naquela situação.

– Não consigo ouvir nada por causa da rua...

Gaudêncio diz algo referente à suas pernas.

– Te “trava” as pernas?

– Não sei se é canseira, ou o quê que é...

Lancei-lhe a pergunta que me rondava a mente:

– Mas será que não são os remédios que te travam as pernas?

– No mínimo, não duvido.

Questiono se ele já ficou internado no HUSM respondendo que diversas vezes. Lista então as diversas clínicas e hospitais psiquiátricos que passou pelo Estado. Relata que sua primeira internação foi quando trabalhava de vigia em Porto Alegre.

– E como que era aquela época a internação? É diferente do que foi hoje, das de hoje? É mais ou menos parecido, como que é?

– Como... Que tu quer dizer?

Gaudêncio demonstra que não é visível para ele essa mudança.

– O tratamento que eles dão lá dentro, se os profissionais que atendem...

– Eu lá no São Pedro sempre fui muito bem cuidado... No Manico fui muito bem cuidado quando eu tive lá.

– E o quê que o Sr. diz que é bem cuidado? A comida?

– É, tudo bom! O trato e tudo. O trato das pessoas...

– Mas se era bom porque que *tu fugiu*?

– ã... Pela liberdade né...

– Porque *tu ficava* preso lá?

Silêncio onde só se ouvia sua respiração ofegante, maior que o barulho de qualquer carro, ônibus, cachorro... Percebo algo vermelho em sua mão.

– Machucou a mão seu Gaudêncio?

– Aqui? É tinta...

– Ah, é tinta...

– Nós tava pintando umas *porcariazinha* duns *cartazinho* lá... Aí deu nisso aí...

– Quando olhei ligeiro achei que tivesse machucado.

Outro silêncio tenso, de respiração ofegante se estabelece. Retomo a questão novamente sobre os tratamentos, que naquele momento estavam expostos em nossa frente:

- Então, antigamente *tu acha* que os tratamentos eram iguais ao que são hoje?

- Eram... Agora mesmo *tava* conversando com a Dra., Dra. Cristina, lá do Clubinho, que quando eu *tava* no São Pedro, no Hospital São Pedro, na Clínica Madalena quer dizer, eu dava banho, era eu que dava banho *nos atrofiado*, na Vila Madalena...

- Tu que dava banho? No Hospital São Pedro?

- Não, na Madalena. No Hospital São Pedro eu me dava bem também. Tinha o Lucas, um enfermeiro que me mandava dar banho num *cagado*. Me botou água e eu enfiei a mão no cu dele. Hehehehe. E era merda, com água...

- Bom, eu me lembro que ano passado, quando teve o dia da luta contra os hospícios, os manicômios, o Sr. *tava* lá na praça lá...

- É? Quê que eu *tava* fazendo lá?

- Oi?

- Quê que eu *tava* fazendo lá?

- Tu estavas lá... Deu teu depoimento, falou um pouco... Tu não te lembras disso?

- Com quem?

- Com o pessoal do Clubinho lá...

- Nem me lembro mais...

- Não?

- Não to lembrado... Pode ser, quando *vê*... Fui fazer um passeio...

Senti-me sem chão nesse momento. O ponto que havia desencadeado a idéia de entrevistá-lo foi tratado com um passeio na praça. Talvez, por isso, quando deu seu depoimento tenha falado tão pouco, justamente por não saber o que estava fazendo ali. Esse pensamento gerou uma fagulha, que gerou o incêndio das proposições a seguir.

- Porque antigamente eles deixavam preso no hospital né? Ou não? Tanto que o Sr. fugiu né por causa da liberdade. Era bem tratado, mas não te davam liberdade... É isso?

- É isso aí mesmo.

- E hoje?

- Hoje tem liberdade mais ou menos...

Um novo silêncio, dessa vez maior que todos. Penso ter sido muito forte em minhas perguntas e sinto nele um ar incomodado. Desconcertado com a situação proponho uma mudança de tema na entrevista.

- E como que o Sr. acabou vindo parar em Santa Maria?

– Meu irmão me trouxe aí...

– Teus irmãos te trouxeram?

– Meu irmão!

– Ah, teu irmão.

Grande silêncio novamente.

– E aqui, o Sr. começou a trabalhar?

– *Biscateá!*

– Biscate né...

– *Virá* terra, trabalhar no calçamento... O seu Lair veio aí, um véio muito bonachão, na casa dele... Fiz uma peça pra ele...

– Fez uma peça pra ele?

– Tudo rebocadinho, tudo... Eu hoje não me presto mais a fazer isso... Tenho bico-de-papagaio na coluna...

– Essa dor nas pernas que *tu me falou*...

– Hmm... E tu? O quê que anda fazendo agora?

– Eu estou estudando né... Me formei aqui e *to* estudando como que funcionam esses hospitais psiquiátricos, como funcionavam, como funcionam hoje...

– Hm.

– Por isso que estou vindo aqui falar com o Sr.

– Qual é o médico? O quê que tu vai ser? Psiquiatra?

– Eu sou psicólogo, já sou psicólogo. Agora estou estudando pra ser mestre em psicologia. Por isso que eu *to* te perguntando esse negócio de hospital e tal, porque eu quero saber como era, como é que é hoje, então... E o Sr. toma muito remédio?

– Um punhado... Todo dia.

– Todo dia tem que tomar?

– Todo dia...

Fica mais um tempo quieto e comenta quando Bibiana entra no recinto, mudando os rumos da conversa.

– Hahahaha essa é a chefe...

– A chefe?

– A dona da casa é a chefe.

Bibiana então responde:

– Hum?

– Que *tu é* a chefe! E esse bonezinho aí, bonezinho do Dari, bonezinho do Dari esqueceu aí?

– Boné do Dari?

– Hum...

– Boné do Pedro, Gaudêncio... Que Dari...

– ã?

– Boné do Pedro, *daonde é* que o Dari usava um boné desse aqui?

– Ele usava...

– Não usa Gaudêncio, *tu deve* estar sonhando com o Dari...

– Mas o Dari usava esse bonezinho...

– Acho que o Dari morreu e tá desencarnando na tua cabeça...

– Dari morreu? Dari... Até o filho dele mataram, vai fazer uns dois meses não?

Porque que mataram o filho dele? O quê que deu? Não prenderam ninguém?

– Não prenderam, não deu nada. Traficante que mata traficante não dá nada...

Nessa fala Bibiana traz à tona os novos inimigos da segurança pública nacional. Não tão novos assim, pois desde épocas eugenistas e higienistas os drogados, loucos, anormais, já vêm sendo vítimas de exclusão perante a sociedade e de inclusão nas máquinas normalizadoras. Levanto a questão: será que essas práticas não são extremamente recorrentes nos dias de hoje? Seres humanos podem ser descartáveis?

– Ah é?... O quê que eu tenho que dizer mais pra ti?

– *Tu quer* que eu desligue, eu desligo... Se o Sr. tá incomodado de conversar, podemos parar por aqui também. Não quero incomodar o Sr. Se quiser que eu pare, pode dizer, se lhe tiver incomodando eu paro.

– *Paramo!* Já deu pra dizer bastante coisa né?

– Quer dar um tempo paramos com a conversa...

– Vamos dar um tempo então...

Depois de desligado o gravador fomos para fora de casa e Bibiana nos acompanhou. Ao sairmos pela porta da frente da casa, o cachorro que insistia em não gostar de minha presença ladrou, e a dona da casa o repreendeu. Descobri então que não se tratava de um cachorro e sim de uma cadela, que há poucos meses estava na casa, tinha por nome Madona. Gaudêncio me pediu um cigarro e ficamos conversando enquanto nos dirigíamos para a parada do ônibus.

Contou-me que o pessoal do Clubinho o tinha aconselhado a ir à prefeitura, em busca de um programa de moradia, desenvolvido por lá, provavelmente tratando-se do

serviço de Residências Terapêuticas. Disse-me que tem muita vontade de morar sozinho, e quando isso ocorrer deve adquirir um revólver para sua segurança. Reclamou do pessoal do Clubinho que o impede de andar com sua “peixeira grande” quando vai ao Hospital.

Quando me disse que o pessoal do Clubinho o tinha indicado para essa vaga de moradia perguntei como era o pessoal de lá, me respondeu dizendo que o “Clubinho é tudo um bando de loco, mas locos de vivos...”. Interessante esse comentário, pois, talvez a estratégia de ser um louco vivo, seja melhor do que por acabar sendo um louco morto. E ainda que, não somente ele, mas os outros usuários também são assim. Em diversas situações diz que lá eles paqueram, brincam e riem. Sim, muito melhor poder ser “louco de vivo”.

Reclamou, novamente, de suas pernas “entrvadas” e do “bico-de-papagaio”. O ônibus chegou e ele fez o sinal de parada por mim, nos despedimos desejando-nos um bom fim de semana, com um trêmulo aperto de mão.

### **3.8 Novos amigos, antigos encontros**

No dia seguinte nos encontramos na rua em frente a minha casa. Perguntei sobre a vaga de moradia que o tinham aconselhado a buscar na prefeitura, disse que havia ido, mas nada tinha resolvido. Contou-me que naquele dia as atividades do Clubinho encerravam mais cedo e por isso podia exercer seu ofício de vigilante na rua. Mostrei onde era finalmente minha residência.

Meu pai me aguardava para irmos ao banco resolver questões referentes a transferências de conta de Santa Maria para Niterói. Despedi-me e tomei rumos do banco. Quando estava próximo à outra esquina, escuto chamados e barulhos de passos muito fortes. Ao mirar para trás, Gaudêncio vem correndo me chamando. Uma senhora que estava entre nós ficou paralisada ao ver aquela figura correndo atrás dela. Veio me pedir cigarro, pois o dele estava acabando. Dei-lhe alguns cigarros, e a senhora – com um olhar entre alívio e reprovação – ultrapassou-nos e seguiu – par e passo - seu caminho.

### **3.9 Desencontro (?)**

No nosso quarto encontro atrasei-me aproximadamente 40 minutos do horário que costumava chegar. Quando bati palmas em frente à casa – Madona anunciou minha chegada – Gaudêncio apareceu à porta, e veio até o portão, onde me encontrava. Disse que

já estava se preparando para dormir, tomando seu café noturno. Voltou a reclamar de suas pernas.

Perguntou-me o que mais teria para me dizer, se já havia me dito tudo. Questionou-me sobre as transcrições. Disse que era um trabalho demorado, em função dos barulhos de fundo, cachorro, ônibus, entre outros. Perguntei se poderia voltar amanhã, tendo a resposta de que se eu achasse “carecer” que então voltasse. Fumamos um cigarro juntos e ele me contou que havia passado o fim de semana com um amigo seu, numa vila próxima. Ao acabar o cigarro ficamos sem assunto. Estava decepcionado por sua negativa. Despedimo-nos, e fui sozinho - dessa vez - ao ponto de ônibus. Gaudêncio entrou.

Percebi que logo após eu chegar ao ponto, Gaudêncio voltou ao portão, ficou me observando um pouco e novamente entrou. Dentro de poucos minutos saiu de casa novamente e veio ao meu encontro. Chegando à parada me pediu mais um cigarro e perguntou como eu estava - como se iniciássemos outra conversa, como se há tempos não nos víssemos.

Perguntou-me quando iria conseguir uma mulher para ele. Eu ri. Contou de uma vez que foi com um amigo seu num *chinaredo* – um prostíbulo no seu linguajar. Disse que o amigo pagou tudo para ele por ele se sair bem no “ferro branco”, e, questionou-me quando eu pagaria para ele. Disse não ter dinheiro para tal empreitada e ele falou que era pra pedir para meu pai então. Novamente rimos. O ônibus chegou e nos despedimos entre risos, com um “até amanhã”.

### 3.10 “Nua está a lua” <sup>40</sup>[?]

Cheguei no horário de sempre e Gaudêncio não havia chegado do Clubinho. A casa estava fechada e o esperei na calçada do outro lado da rua, para que Madona não se cansasse de latir. Chegou em breve passando reto por mim, o chamei. Parou, olhou para mim e me chamou pelo nome, pediu que eu entrasse.

Ao chegar, foi direto ao seu quarto – fora da casa - e me disse para não reparar a bagunça. Era um quarto no fim da garagem, de tijolo sem reboco, sem forro, com um banheiro – ao qual foi rapidamente quando chegou. Acompanhou-nos outro cachorro que

---

<sup>40</sup> Trecho da música Luíza. Compositor e intérprete: Tom Jobim. Álbum: *SONGBOOK TOM JOBIM*. Disco 5. Gravadora Lumiar Discos, 1996.

pouco se importou conosco - somente nos seguiu com calma - eu ainda não sabia da existência dele. Ao lado de sua cama uma mesa com um cinzeiro e seus medicamentos. Um punhado, todos misturados. Ao sair do banheiro pediu que entrássemos para a casa, por ser mais confortável para nós dois. Juntos praticamente não cabíamos de pé ao lado de sua cama. Entramos, eu havia trazido um pedaço da nossa primeira entrevista transcrita – aproximadamente dez folhas escritas à mão. Ao sentarmos percebi que o Consentimento Livre Esclarecido que havia deixado com ele, estava no chão, meio amassado ao lado do sofá. Começamos a conversa com ele reclamando das pernas novamente. Explicita seu caminhar como “pateando” por andar com as pernas duras como de um pato.

E assim leio a transcrição de nossa entrevista, no qual Gaudêncio muito se empenha em ouvir, ratificar certas coisas e corrigir algumas outras. Em meio a essa re-leitura o inquiri sobre algumas coisas. Num dado momento em que ele se refere aos remédios que buscava mensalmente nas clínicas e postos de saúde, pergunto se até hoje ele toma muita medicação, ao que me responde afirmativamente. Então lhe pergunto:

– Quais são os remédios que tu tomas? Tu sabes todos os nomes?

– Se eu sei os nomes?

– É.

– É mais que uma dúzia de remédio...

– Uma dúzia de remédio?

– Mais ou menos... Primeiro o Akineton... Risperidona... Lítio...

– Lítio também?...

– Akineton já disse né?

– Qual?

– Akineton já falei?

– Já...

– Tem esses, esses, pra tratamento de baixar a pressão. Tomo um de cada, um de cada, eu não sei o nome... Vitamina...

– Toma umas *vitamina* também?

– Tomo umas *vitamina*, que fortalece as pernas...

São receitados a ele três anti psicóticos que como efeitos colaterais podem provocar: ansiedade, agitação, delírios, euforia, excitação, alucinações, insônia, transtornos ocasionais de memória, ataxia, midríase, taquicardia, bradicardia, boca seca, constipação (Akineton); diarréia persistente, tontura acentuada, vômitos ou náuseas severas e persistentes, visão prejudicada, fraqueza generalizada, câibras, tremores intensos,

dificuldade para andar, pulso irregular, grande desconforto, sudorese de pés e pernas (Carbolitium). A Risperidona apresenta geralmente queda da pressão arterial por alterações dos batimentos cardíacos, além de efeitos motores como tremores e contrações involuntárias, alteração do desejo sexual e no ciclo menstrual feminino. Alterações que muitas vezes coincidem, outras vezes concorrem entre si. Para controlar as reações colaterais, mais um punhado de remédios lhe são receitados – para pressão, vitaminas (pela baixa imunológica, também efeito da alta carga medicamentosa), entre outros tantos que não sabe o nome e muito menos para o que servem. Fui testemunha de reclamações sobre muitos desses efeitos, assim como dos próprios efeitos, que o deixam totalmente submetido a uma “camisa de força química”.

Embora hoje as situações sejam diferentes das enfrentadas na década de 80, começo da de 90 – onde a violência e privação da liberdade eram imperiosas –, percebemos uma docilização subjetivada no personagem principal dessa nossa história. Disse-me ele: “eu sou doente”, “me ajudam, me dão remédio”, – ele, por ser doente, deve frequentar somente o hospital. Também expressa que há vida no serviço substitutivo ao qual frequenta, pois são loucos sim, mas loucos de vivos. Ele trabalha e sempre trabalhou, correu o estado em busca de empregos. Não é vagabundo, em todas as entrevistas afirma isso veementemente. Acaba sugerindo então que “CAPS é lugar de vagabundo”.

Pode-se perceber também que não somente em Gaudêncio essa docilização psiquiátrica se faça presente. Ao mesmo tempo em que percebemos que a instituição hospitalar (esse serviço substitutivo é ligado à ala psiquiátrica do HUSM) segue suas práticas mantendo as mesmas definições de horário e espaço ainda presentes. Sua autonomia não é favorecida somente com aulas de matemática, “porcariazinha de cartazes”, paquera com as enfermeiras – que trabalham também como professoras – mesmo que aí estabeleçam-se relações de amizade. Sempre a vida encontra espaços, linhas de fuga para sua vazão. Embora favorecido com seu benefício mensal pago pelo governo, sua vida segue condicionada a frequentar o hospital de segunda a sexta-feira, enquanto seu trabalho informal é reduzido a uma tarde por semana.

- E *tu sabe* que até me fez bem o, como se diz? O Manico.
- Ah, *tu acha* que te fez bem? E do Manico *tu não fugiu*?
- Do Manico eu não cheguei a fugir.
- E *tu fugia* e ia pra onde?
- Ia pra minha casinha, ia direto pra minha casinha...
- Em Alvorada?

– Ia pra minha casinha, tava que era um brejo, pegava carona com carroceiro, na 43, em Alvorada. Pedi carona pra ele. Primeiro passo por esse lugar, “tem um pasto aqui”, e eu: -“Óia, pega.”

– Pegar o quê?

– Pasto.

– Ah sim...

– *Tu anda logo que eu tenho rodeio* [trabalho, muitos afazeres] lá na minha casa em Alvorada, tenho uns *pasto* bom pra ti...

– E essa casa era aquela que *tu tinha* comprado com teu trabalho, que depois mandaram te tirar... Foi?

– Foi...

– Tá, tu falou que *fugiu* umas 3 vezes do São Pedro?

– São Pedro?

– *Tu não era fácil*... Não queria ficar de jeito nenhum...

– Hahaha.

– E *tu acabou* vindo pra cá depois...?

– Foi a finada Tia Pequena, Tia Armena, que me concedeu depois, disse: -“Vai lá, vai lá, vai lá Gaudêncio, que o Zézinho pode te ajudar, ganha bem”... Daí, eu tinha um dinheiro ainda, parecia que tinha hum mil e *poco*. Da minha casinha, que minha irmã vendeu... *Me falou pro meu irmão*, que iam me matar, que eu ia morrer lá, vendeu. O vizinho meu...

– Fico com medo de te matarem lá?

– Tinha um que foi, que foi... Como é? Uma cilada de vizinho, fizeram pra mim um dia antes. Minha irmã se apavorou que eu ia morrer lá...

– Queriam te matar por quê?

– Os *vizinho* assim: -“Vem se meter com minha mulher”! E eu me...

– Vem o que com minha mulher? Amante?

– Que necessidade que eu tinha de mexer com mulher, *rapá*...

– E *tavam* querendo te passar a bala lá daí?

– *Chego* pra mim: -“Ô Gaudêncio”! Daí eu pulei uma tranca que eu tinha, tinha duas janelas, as duas sem tranca. Tirei a terra do tapete...

Bibiana dirigindo-se a mim pergunta:

– Pra quê que serve isso pra ti?

– Eu...

– Pra quê que serve isso pra ti?

### 3.10.1 Reverberações metodológicas

Como estar preparado para esta pergunta? Não se tem uma resposta pronta para esse questionamento, e em nenhum momento almeja-se simplesmente responder a esta questão. Tentar conhecer um pouco da vida de Gaudêncio, problematizando a Reforma Psiquiátrica, é um processo que deve se dar no próprio movimento, na criação, na invenção. Penso na História Oral como ferramenta intercessora na criação da história, que venha transgredir a própria história. Não com a finalidade de nessa transgressão fixar outro marco, mas criar uma possibilidade de novas transgressões.

Gilles Deleuze (1996) nos convida a experimentar outros modos de pensar, que variam dos deslocamentos continentais às migrações populacionais: “(...) a forma estética já não se confunde com a comemoração de uma partida ou de uma chegada, e sim com a criação de caminhos sem memória” (DELEUZE, 1996, p. 17). A História Oral vem propiciar a emergência da presença de outros modos de subjetivação no movimento de criação da história. Passos e Barros (2000) propõem que “um conceito-ferramenta é aquele que está cheio de força crítica. Ele está, portanto, cheio de força para produzir crise, desestabilizar. É assim que entendemos a idéia de ‘intercessor’” (PASSOS; BARROS, 2000, p. 10).

Tento explicar esse método paradoxal onde não se tem realmente um ponto a chegar, somente um ponto a partir, que também pode transmutar-se em diversos pontos. Nesse momento Bibiana torna-se entrevistanda e entrevistadora. Pego de surpresa explico dos objetivos da pesquisa, falo brevemente sobre o que é a Reforma Psiquiátrica. Bibiana novamente interpela:

– Como que começou a evoluir a doença?

– A doença... E o tratamento, como foi, o que modificou... Só que vou fazer isso contando a história dele, compondo uma narrativa. Por isso, eu trouxe aquele documento onde pedia a autorização para participar da entrevista e afirmando que tudo que eu usar na dissertação, não vou divulgar seu nome ou de quem mais participar.

– Porque até hoje ele interna às vezes. Ele interna...

– Tu te internas às vezes também?

– Interno? Se eu preciso me interno no Hospital Universitário...

– E por quê?

– Sou doente...

– Mas *é tu* mesmo que sente vontade de se internar? Como é que é?

– Quando eu to mal eu peço *pra eles me internar*.

– É?

– Quando eu *tô* ruim.

Bibiana explica:

– A vida da gente aqui seria melhor se ele ficar aqui. É melhor, né. Mas é que às vezes a gente tem que levar ele no... Mas não tem vaga lá...

– Claro...

– A gente só interna quando tá... Que aí a gente, claro quando interna daí, ele vai pra lá e sempre carrega o número, o telefone nosso, né... Que qualquer coisa eles liguem pra cá avisar a gente. E aí ele interna lá, e meu marido que vai lá, visitar ele, levar cigarro. Cigarro controlado é dois de manhã, dois de meio-dia, dois de noite, né?

– Então quer dizer que as vezes que *tu tá* se sentindo mal, *tu pede* pra ser internado?

– Peço a *baxa*.

– Pede a baixa. E quando *tu começa* a se sentir mal, o quê que *tu sente*?

– ã?

– Isso aí me dá uns *problema*. Uns *mau* pensamento na cabeça, pensamento negativo...

Bibiana interrompe:

– Ele não te contou que ele ouve vozes, que brigam com ele, que ele briga, as pessoas... Ele tá andando assim na rua ó, e ele chega em casa e diz que deram soco nele, choque nele, que vem gente com fio e dá choque nele...

– Bem assim, bateu o choque...

– Mas alguma vez *tu fez* tratamento com choque?

– Não, de choque nunca. Se eu tava quieto, não incomodo ninguém...

Bibiana conta então:

– Só que esse aí, quando ele diz, quando ele vem com essas histórias, eu procuro tirar da cabeça dele, dizer o quê que é de verdade e o quê que é ilusão... E mais louco ele fica ainda. Fica atacado, atacado, atacado. Que assim ó, ele vinha e dizia que tinham dado choque nas partes íntimas dele... E tinha desaparecido tudo, né. Não tinha, né. Ele procurava e não achava - me dizia. O quê que ele ia dizer pra gente? Que era choque que tinham dado nele. E eu procurava, a gente procura um tempo, mas sabe que é da cabeça

dele. Por que na verdade nós não somos nada dele, ele tem um irmão dele que mora aí. Só que o irmão dele não *quer ele...*

Gaudêncio se levanta e vai ao banheiro, Bibiana sussurra:

- Só que da gente dele ninguém quer ele, e o único lugar que sobra pra ele é aqui. Ele dorme aí... A gente leva assim, eu não me nego, mas a gente fica assim...

- Mas ele já fez alguma coisa pra vocês?

- Não, graças a Deus que não, mas vontade ele já teve... Já tentou agredir a gente com o facão, teve uma vez que ele tava brigando com as paredes, aí nós falamos: - “Gaudêncio, Gaudêncio, deixa isso aí e fecha a porta”. Foi a última vez que ele fez isso dentro de casa, que ele dormia aqui dentro, mas a gente tem medo de ele *agredir nós*, no meio da noite ele brigando de facão com as paredes... Por isso que ele foi dormir lá fora...

- Me diga uma coisa, a senhora se incomoda se enquanto eu tiver escrevendo, fazendo minha pesquisa, eu colocar alguma fala da senhora, colocar alguma coisa dessa conversa que a gente teve aqui?

- Não.

- Não? Bom o Gaudêncio já tava falando em encerrar quando ele foi ao banheiro, eu tinha combinado de trazer pra ler com ele, né. Só que pra fazer isso, eu tenho que trazer mais um papelzinho daquele, o consentimento, posso trazer pra Sra. também? Não tem problema?

- Pode...

- Porque assim, eu to indo viajar domingo, né.. Vou voltar pro Rio, lá onde eu estou estudando...

Gaudêncio apressa-se em perguntar:

- Vai voltar quando?

- Domingo. E aí, vou passar umas duas, três semanas. E daí eu volto, já com tudo escrito, com tudo novo pra mostrar pra vocês o quê que eu estou fazendo, o que já está feito e tal.

- Seu Lucas... *Vo* te contar uma coisa, lá no Hospital São Pedro tem um *enfermero* também que é Lucas...

- Tem também?

- Era meu *faixa* [amigo]. Segurava na corda enquanto eu dava banho nos guri bunda cagada. “*Vamo vê se tu tem valor, tu tem...*”.

Fala isso e ficamos em silêncio. Parece não ter mais o que dizer naquele instante.

– Tchê, olha só, eu vou parar de gravar aqui por hoje, daí amanhã eu venho aqui te fazer mais uma visita. Porque depois eu to indo também, né...

– É, né...

– Te agradeço muito *tu ter* conversado aqui comigo...

– Nada...

– *Desliguemo* então?

– *Desliguemo!*

O marido de Bibiana entrou na sala e comentou sobre o eclipse lunar que estava acontecendo. Comentamos sobre isso e resolvemos assistir ao espetáculo. Ficamos na rua olhando a lua, totalmente encoberta, conversando sobre o tempo. A princípio ele não tinha visto o eclipse, tive que explicar que não era uma nuvem cobrindo a lua. Quando a lua voltou a brilhar no céu em sua plenitude, falei que iria embora, e ele me acompanhou novamente à parada de ônibus.

Perguntei a ele se nunca havia ido ao CAPS e ele me disse que não, porque lá é “lugar de bêbado e vagabundo”. Estávamos somente os dois enquanto o ônibus não chegava. Quando olho pra ele, em dado momento, ele puxa a faca que trazia sempre consigo, às suas costas, e começa a fazer movimentos circulares com ambas às mãos, simulando uma briga. Não me ameaçava, e sim demonstrava que “ainda sabe lidar com uma faquinha”, e com as duas mãos. “Se precisar me defendo”! Começou a rir e guardou a faca. Naquele momento muito mais do que um pesquisador, me senti como o amigo que ele demonstrava estar disposto a defender. Despedimo-nos com ele me saudando pelo nome.

### 3.11 “Eu sou tão inseguro porque o muro é muito alto”<sup>41</sup>

Após esses encontros e desencontros houve dados que puderam ser observados sobre alguns desdobramentos da Reforma Psiquiátrica, e me parece interessante que nos detenhamos a eles com maior atenção. Desdobramentos estes que atravessaram e atravessam a vida de Gaudêncio Sete Luas. O ponto de partida aqui é de que é inútil pensar uma pesquisa sobre loucura, Reforma Psiquiátrica e contemporaneidade, sem problematizar alguns processos sócio-históricos de subjetivação que acompanharam esse movimento.

---

<sup>41</sup> Trecho da música Sandra. Compositor: Gilberto Gil. Álbum: *REFAVELA*. Gravadora: Phonogram, 1977.

Vimos que propostas de Reforma Psiquiátrica chegaram ao Brasil no final da década de 70, período em que a ditadura encontrava grande resistência política e se encaminhava ao seu fim. A saúde mental e a saúde em geral, afirmavam um caráter fortemente assistencialista e privatista. “No início dos anos 40 havia 24 mil leitos psiquiátricos no Brasil, dos quais 21 mil eram públicos e 3 mil privados. Depois do golpe militar de 64, o setor saúde viveu o mais radical processo de privatização do mundo” (AMARANTE, 2006, p. 33).

Algumas idéias da Reforma Psiquiátrica surgiram da experiência psiquiátrica italiana de Franco Basaglia (1924 – 1980). Embarcando em novas experiências como da “análise institucional” francesa – proposta por Guatarri, junto com Jean Oury na clínica “*La Borde*” - e a proposta inglesa de Comunidade Terapêutica, Franco Basaglia - psiquiatra italiano - promoveu uma reforma em seu país que levou a extinção dos hospitais psiquiátricos<sup>42</sup>, buscando uma nova forma de pensar a loucura e o seu tratamento. Basaglia foi o precursor de uma grande reforma psiquiátrica a nível Estatal e foi um grande exemplo para o mundo.

Influenciado pela repercussão das experiências de Maxwell Jones com a Comunidade Terapêutica (CT), assim como pela experiência dos franceses com a psicoterapia institucional, Basaglia passa a desenvolver trabalhos semelhantes, com a abertura das portas, a supressão das grades, das camisas-de-força, enfim, de todas as formas violentas e desumanas, inspirado em três grandes linhas de intervenção para por intermédio delas, problematizar o contexto institucional a partir da origem e pertencimento de classe dos internos do hospital; da pretensão de neutralidade e de produção da verdade das ciências, no que está incluída a discussão sobre a função social de tutela e controle social da psiquiatria e seu manicômio; e do papel e da função do técnico na constituição da hegemonia (AMARANTE, 1994, p. 65).

O quadro geral da psiquiatria brasileira era composto por grandes hospícios públicos e hospitais psiquiátricos privatizados – conveniados com o poder público. Emaranhando-se em campanhas nacionais pela saúde, direitos humanos, abertura política – do final da década de 80 –, o movimento reformista de saúde mental alcançou destaque em seu movimento e conseguiu alguns avanços em determinadas cidades do país (principalmente após o movimento que restituiu as eleições populares para prefeito).

Gaudêncio cumpriu a parte final de sua pena por assassinato em um manicômio judiciário – sua primeira passagem no “Manico” – no ano de 1984. Em seus relatos estão presentes as condições desumanas que enfrentou, nessa época e em cinco anos posteriores quando vivenciou diversas internações.

---

<sup>42</sup> Em 1978.

No “Manico” diz ter passado, na primeira vez, por uma triagem de 5 meses onde as revistas eram feitas pela SUSEPE (Superintendência dos Serviços Penitenciários), e, agressões – como coronhaços – eram comuns (embora fossem repreendidos pela equipe médica). As condições da cela, em que brincava de bola-de-sabão com os médicos, eram péssimas. Gaudêncio impunha uma batalha inglória contra insetos hospedeiros, mas por mais que os afastasse, à noite – em seu beliche que abaixa para dormir – sua derrota era decretada. Lembro-me então da passagem de Kafka (2011) quando Gregor Samsa acorda em seu primeiro dia de homem-inseto.

Certa manhã, ao despertar de sonhos intranquilos, Gregor Samsa encontrou-se em sua cama metamorfoseado num inseto monstruoso. Estava deitado sobre suas costas duras como couraça e, quando levantou um pouco a cabeça, viu seu ventre abaulado, marrom, dividido em segmentos arqueados, sobre o qual a coberta, prestes a deslizar de vez, apenas se mantinha com dificuldade. Suas muitas pernas, lamentavelmente finas em comparação com o resto do corpo, vibravam desamparadas ante seus olhos (KAFKA, p. 13, 2011).

Gaudêncio segue me contando:

– O Manico é *boca-braba*, cheio de muquirana, piolho... Fervia na *ropa* de piolho, as *caraviolinha*, eu catava na minha bermuda, camisa e botava no fundo, deitava e vinha tudo de novo, naqueles *beliche* que abaixa quando dorme... Eu achava muito brabo...

– E era vendo o sol nascer quadrado no Manico lá?... Não podia sair, fazer nada?

– Isso aí depende né...

– Hum... Depende do quê?

– Isso aí, quem tem boa conduta, bom comportamento, sai *ligero* de qualquer cadeia.

– Ah é?

– Trabalhando lá dentro ainda. De barbeiro trabalhei.

– Lá dentro?

– No Manico.

– E bom comportamento que *tu diz* é o que? Não incomodar? Como que é?

– Andar sério, andar sempre quieto né...

– Aham... E desses que *tu fugiu* lá em Porto Alegre, Hospital São Pedro, Espírita...

Como que era o pessoal?

– No Hospital São Pedro ninguém gostava de mim!

– Como?

– No Hospital São Pedro ninguém gostava de mim... Me dói lá atrás. Me dói a coluna que Deus o livre!

– Então *tu falou* que ficou doente e ficou sem trabalho também, brigou com teu cunhado...

– Hmm... Daí, voltei pro Manico, pro atendimento.

– Quanto tempo?

– A primeira vez 10 *mês*. 5 *mês* de triagem. Só vendo o sol nascer quadrado naquela porta daquela cela. Aí eu falava com o seu Luis, o segurança, quando é que iam me liberar de lá da triagem? –“Ó Gaudêncio, a tua situação não tá definida ainda! Quando *tiver* definida aí nós te transferimos pro pavilhão”. Aí eu tava melhorando, um belo dia, olhei e um guarda magrão que tinha lá falou: -“Olha Gaudêncio, vamos te levar pro pavilhão, me acompanha que eu vou te levar pro pavilhão. E depois pra *tu ir* pra casa, em seguida *tu vai* embora”. Fiquei mais 5 *mês*, e daí me liberaram.

– E como é que era lá no pavilhão?

– Era cheio de muquirana.

– É mesmo?

– Bah! Haha

– Haha.

– Cheio de muquirana.

– E nessa triagem eles não faziam nada? Como é que foi?

– ã?

– Nessa triagem, que *tu falou* que ficou lá 5 meses...

– Limpava a cela, deixava sempre bem limpinho. Brincava de bola de sabão. Atirava nas paredes, às vezes atirava no médico. Dizia pro médico *desenhá* com a bola de sabão...

– Hm...

– Aí um dia também que eu *tava* fazendo bola de sabão me chega a polícia, a SUSEPE, e botou *nós tudo* na parede, *fazê* revista. Tinha um paulista e o Sete Luas do lado, aí deram coronhaço no paulista. E depois nós encontramos a Dra, a dona Lídia, que era nossa chefe lá, nossa enfermeira...

– Hm...

– “O tenente, vocês não podem bater em ninguém, eles só vão fazer a revista, não pode bater em ninguém aí!” – ela disse.

– E nessa época *tu fazia* tratamento?

– Claro. Fazia dentro da psiquiatria, alías, dentro da triagem que vinha o remédio pra nós.

- E era só remédio só?
- Só remédio.
- *Bueno*, daí *tu saiu* de lá...
- Saí... Na guarda *nós tinha* um bom 38, cheio de bala, na cinta. Hahaha

Um mês após sua liberdade retorna por outra medida policial, quando já vivia na rua. Dessa vez fugiu por ocasião de um incêndio, quando, novamente por sua boa conduta, trabalhava na instituição como cozinheiro. Liberdade da qual estava tolhido desde sua adolescência e posteriormente, nas suas diversas internações, quando pode experimentar as práticas excludentes e disciplinadoras de subjetivação presentes na psiquiatria brasileira dos fins dos anos 70, começo de 80. É interessante pensar sobre essas estratégias, pois, as passagens por essas instituições acompanham até hoje a vida de Gaudêncio Sete Luas.

Vemos com Foucault (2004) que mesmo fora dessas instituições alienantes a disciplina pode operar, e que os aparelhos disciplinares são flexíveis ao operar no espaço. Em uma passagem da entrevista Gaudêncio confunde hospital com quartel – outra instituição disciplinar. Segundo Artaud “o hospício de alienados, sob o amparo da ciência e da justiça, é comparável aos quartéis, aos cárceres, às penitenciárias” (ARTAUD, 1979, p. 23).

Cada indivíduo no seu lugar; e em cada lugar, um indivíduo. Evitar as distribuições por grupos; decompor as implantações coletivas; analisar as pluralidades confusas, maciças ou fugidias. O espaço disciplinar tende a se dividir em tantas parcelas quando corpos ou elementos há a repartir. É preciso anular os efeitos das repartições indecisas, o desaparecimento descontrolado dos indivíduos, sua circulação difusa, sua coagulação inutilizável e perigosa; tática de antideserção, de antivadiagem, de antiaglomeração. Importa estabelecer as presenças e as ausências, saber onde e como encontrar os indivíduos, instaurar as conexões úteis, interromper as outras, poder a cada instante vigiar o comportamento de cada um, apreciá-lo, sancioná-lo, medir as qualidades ou méritos [princípio do quadriculamento] (FOUCAULT, 2004, p. 123).

As ações de vigiar, apreciar, medir, sancionar descritas por Foucault, podem ser identificadas prontamente como características presentes na política de governo da era militar. Ainda hoje se encontram muitos destes aspectos, onde a sociedade de controle assume diversos mecanismos de uma sociedade disciplinar. Mesmo antes do golpe militar (e ele não é necessário para esse fim) encontram-se no Brasil exemplos claros desta definição de Michel Foucault<sup>43</sup>.

---

<sup>43</sup> Brasília é um destes exemplos. Construída no governo JK, apresenta-se como possuidora de grandes espaços vazios – entre suas “super quadras”, suas principais vias de circulação, na Esplanada dos Ministérios – onde quem ali permanece é visto por todos. Os setores são divididos por operacionalidade, algumas vias oferecem dificuldades para o motorista entrar e sair – servindo somente aqueles a quem ela interessa. Essas vias encontram-se muito perto da Esplanada dos Ministérios, mas o acesso à mesma é dificultado,

Quando a disciplina exige a cerca esses aparelhos são cada vez mais específicos para que sua função se exerça. Vários foram os momentos que Gaudêncio viveu dentro destas cercas. A localização funcional, dentro de uma instituição disciplinar, codifica os espaços livres para vários usos. Não satisfazem somente a necessidade de romper possíveis conexões e vigiar, mas buscam a criação de um espaço útil para suas necessidades. As pessoas são distribuídas dentro de uma rede de relações intercambiáveis, definidos no lugar que cada indivíduo ocupa dentro de uma série, e pela distância que venha a possuir um do outro.

A unidade não é, portanto, nem o território (unidade de dominação), nem o local (unidade de residência), mas a posição na *fila* [grifo do autor]: o lugar que alguém ocupa numa classificação, o ponto que cruzam uma linha e uma coluna, o intervalo numa série de intervalos que se pode percorrer sucessivamente. A disciplina, arte de dispor em fila, e da técnica para a transformação dos arranjos. Ela individualiza os corpos por uma localização que não os implanta, mas os distribui e os faz circular numa rede de relações (FOUCAULT, 2004, p. 125).

O controle das atividades é um dos principais instrumentos de controle nessas instituições disciplinares. As determinações de horário; a “elaboração temporal do ato” (FOUCAULT, 2004, p. 129); a imposição de correlação entre corpo e gesto; a “articulação corpo-objeto” (*ibidem*, p. 130) e “a utilização exaustiva” (*ibidem*, p. 131); são as principais estratégias de docilização desses corpos pelo controle das atividades.

A primeira estratégia apresentada é responsável por impor as censuras, estabelecer as determinadas ocupações e instituir os ciclos de repetição. Na segunda estratégia Foucault (2004) propõe uma espécie de “esquema anátomo-cronológico do comportamento” (FOUCAULT, 2004, p. 29), pois sugere que o ato seja dissecado em todos seus movimentos, definindo então a posição que o corpo, os membros, as articulações ocuparão, gerando assim as durações, amplitudes e direções. “O tempo penetra no corpo, e com ele todos os controles minuciosos” (*ibidem*, p. 29).

Como a disciplina exige eficácia incute-se a relação entre os gestos e as atitudes globais. É um poder muito mais sintético que excludente e muito mais coercitivo que extorsivo. E para que este gesto seja eficiente os dois últimos instrumentos engendram-se com os três primeiros, mantendo sempre essa interligação. Cuidadosamente estabelece a relação que o corpo deve manter com o objeto manipulado, utilizando-o exaustivamente

---

principalmente para quem anda a pé. Em frente ao Congresso e ao Senado, existe um grande declive gramado, que possibilita rápida intervenção militar/policial, sem que esta seja percebida por quem se encontra nele, mais abaixo. Em contrapartida, é construída pelos traços do mais famoso arquiteto do Brasil, Oscar Niemeyer, destacando-se então sua beleza arquitetônica e natural, deixando que suas máquinas disciplinadoras ajam por si só.

para esse fim.

No Brasil, 12 anos após a entrada e tramitação no Congresso Nacional, em 6 de abril de 2001, foi instituída a Lei 10.216 (Lei Paulo Delgado<sup>44</sup>), que tem a Reforma Psiquiátrica em seu cerne e busca uma sociedade sem manicômios. Ela propõe um serviço de rede e assistência psicossocial para portadores de deficiência mental. Visa uma promoção de saúde, com tratamentos congruentes às reais necessidades dos pacientes, em benefício e respeito à vida.

Gaudêncio, nesta época, já morava em Santa Maria, onde passou também por diversas internações na ala psiquiátrica do HUSM. Há três anos foi convidado a participar do “Clubinho”, que é um dos serviços substitutivos – propostos pela Lei 10.216/2001. Relatou que lá eles o ajudam, pois todo o dia lhe dão remédio e medem sua pressão. Geralmente as atividades são divididas em dois turnos – aulas pela manhã, e exercícios na parte da tarde. Entre esses exercícios estão: contas de matemática, português, geografia, pintar cartazes, sendo as aulas e atividades ministradas por enfermeiras, pois a professora foi embora para Porto Alegre – professora esta, que o recomendou a procurar vagas para moradia na prefeitura, provavelmente em Residências Terapêuticas. Seria este um cuidado assistencialista? Ajudam-no, indicando-o a programas do governo referentes a benefícios para usuários dos serviços de atenção em saúde mental, mas parecem não modificar aspectos antigos da relação psiquiátrica.

– E me diz uma coisa, como é que *tu te sente* indo no Clubinho hoje?

– Ah, hoje eu me senti mal, não pude fazer nenhuma conta...

– *Tu gosta* de ir pra fazer conta então? *Tu é bom* de matemática?

– Errei tudo as conta. Hoje errei tudo... E as *mulher*: -“É assim, tem que apagar e fazer tudo de novo”. E eu disse: -“Não, eu até já to indo”. E elas me tiram a atenção enquanto eu to trabalhando. Me perturbam.

Bibiana com sua contraposição corriqueira:

– Mas os *professor* não te tiram, né, Gaudêncio?

– Oi?

– Mas dá uma paqueradinha não te tira à atenção?

– Hehehe. Não...

Entro na conversa:

---

<sup>44</sup> O Deputado Paulo Delgado (PT/MG), em 1989, deu entrada no Congresso Nacional com o Projeto de Lei que propõe a regulamentação dos direitos da pessoa com transtornos mentais e a extinção progressiva dos manicômios no país.

- *Tu dá* uma paquerada nas professoras é?

– Porque ele paquera Dra., paquera enfermeira, meu Deus... Pede todo mundo em casamento, tirando onda, né. Já pediram ele também. Mas tem que ser uma mulher de dinheiro, sem dinheiro não dá, né?

Quando perguntado sobre a liberdade de hoje em dia, em comparação aos seus tratamentos no passado, diz que hoje é “mais ou menos”. De segunda a sexta-feira Gaudêncio deve ir ao HUSM participar das atividades do Clubinho. Sente as pernas travadas – queixa corriqueira de pacientes psiquiátricos – em função de sua grande carga medicamentosa. Mais ou menos uma dúzia de remédios são ingeridos por dia por nosso amigo.

Algumas das referências de Artaud, Foucault, Amarante sobre instituições manicomiais puderam ser observadas por mim na prática, quando, no ano de 2008, realizei um estágio no HSP em Porto Alegre, em uma unidade onde Gaudêncio esteve internado. Gaudêncio relatou que na Unidade Barros Falcão (pacientes agudos masculinos, onde foi meu estágio) tinha um enfermeiro também Lucas, que por um momento era amigo, em outro, uma “égua”. Lucas segurava a corda (contenção mecânica) enquanto Sete Luas dava banho em pacientes “atrofiados bunda cagada”. Grades, impedimentos para sair, limitação para cortar cabelos e unhas, horários pré-determinados para café da manhã, almoço e jantar, televisão com horários fixos. A tão temida sala de observação (SO), que era utilizada como uma “solitária” das prisões, para punir aqueles que por ventura, fugissem às regras.

– Eu trabalhei um tempo no São Pedro e lá era cigarro controlado...

– Em Porto Alegre?

– Aham.

– Onde é que *tu trabalhou*, que unidade?

– Na Barros Falcão.

– Eu tive *baxado* na Falcão.

– É mesmo?

– Uma vez só na Falcão.

– Te mandaram pra lá? Porque lá é *boca-braba*, né...

– Umás 5, 6 vezes no Paulo Guedes. Paulo Guedes terminaram com Paulo Guedes, não tem mais...

– Não tem mais Paulo Guedes?

– Não tem mais o pavilhão lá...

– Ah, a Paulo Guedes no São Pedro, porque aqui no psiquiátrico é Paulo Guedes,

não é?

– Não, eu digo no São Pedro.

Bibiana:

– Lá no psiquiátrico é Paulo Guedes?

Respondo a ela:

– Tem duas unidades, né. A Paulo Guedes e o SERDEQUIM...

– É, tem uma que é duas, né...

Gaudêncio então explica:

– É Paulo Guedes e SERDEQUIM... É, no SERDEQUIM me pegaram esses tempos... Tem tóxico, tem alcoolismo, tem maconha...

Bibiana inquiriu:

– Aonde Gaudêncio?

– Em Porto Alegre.

– Mas quando eu trabalhei no São Pedro era tudo misturado lá na Falcão. Tinha alcoolismo, tinha droga, tinha pessoal que era doente mental, era tudo misturado.

– Mas eu ajudava lá, trabalhava na copa, limpava o refeitório - que os locos cuspiam catarro no piso. Aí eu cortei o barato deles, cortei, corria eles dali. E a enfermeira me deu mais uma mão: –“Vamos, vamos, vamos, vamos”.

Bibiana ironicamente:

– Dava banho *nos cagado*... Mas Deus me livre, eu preferia morrer...

– Eu tinha que botar a mão no rego dos *animal*, jogava água...

– Eu preferia morrer...

Gaudêncio volta-se então pra mim:

– Como é teu nome mesmo, Lucas?

– Lucas.

– Lucas *tocaio* do seu Lucas, o enfermeiro... Do Hospital São Pedro. Era um amigo, me chamo um dia numa sala e me disse assim: –“Ô Gaudêncio, tu é pedreiro”? – “Sô”! – “Tem um serviço lá em casa pra *tu fazer* pra mim”! –“Então tá *bueno*”, daí me levaram pra casa da minha irmã, minha sobrinha, que morava minha sobrinha lá. E aí, queriam me levar lá pro, pro... Pro Madalena, me levaram como loco, pra Porto Alegre, dizendo que eu tava loco...

– *Tu tinha* recém saído do Hospital São Pedro e te levaram pro Madalena, foi isso?

– Foi... Dizendo que eu tava loco!

– E porque *tavam* dizendo que *tu tava* louco?

- Loco tava o cu deles!
- ã?
- Loco tava o cu deles...
- E daí, tu ficou no Madalena lá quanto tempo?
- Seis *mês*...
- Seis meses, internado direto?
- Mais ou menos...
- E como é que era lá no Madalena?
- No Madalena era *de horas*, às vezes tava bom, às vezes tava ruim...
- E como era esse ruim?
- Era uma égua o teu tocaio!
- Eram umas éguas?
- Era uma égua teu tocaio, pior que uma égua.

Creio que vivências como estas não sejam estranhas a quem já tenha se aproximado de alguma unidade de internação mental, hospital psiquiátrico – judiciário ou não, sendo essa experiência pós Lei Paulo Delgado, ou não. E que mesmo em unidades descentralizadas como CAPS, ambulatorios mentais, hospitais-dia, a maioria das atividades substitutivas propostas acabam por não promover práticas de cuidar diferentes das antigas relações de saber/poder da psiquiatria, transferindo muitas vezes para espaços menores antigas relações de controle.

Trata-se de questionar as relações manicomial de poder e de saber (práticas discursivas e não discursivas) que não se restringem apenas ao manicômio, mas que reproduzimos automaticamente com o alibi de que estamos cuidando, quando, na realidade, estamos exercendo custódia e controle. (OLIVEIRA; PASSOS, 2007, p. 11).

Novos obstáculos aparecem, então, no novo cenário da atenção em saúde mental, concomitantes com obstáculos enfrentados pelo próprio SUS. Como realizar um tratamento realmente potencializador de autonomia? Como mudarmos as estratégias de enfrentamento, traçarmos novas linhas de fuga? Compreendo que existem duas interfaces primordiais na implantação da Reforma Psiquiátrica: uma conceitual e outra metodológica – interfaces distintas, porém indissociáveis.

A conceitual habita no entendimento de Reforma Psiquiátrica, loucura, humanização, por profissionais, usuários, políticos, familiares. Analisar essa ponderação permite, segundo Benevides e Passos (2005), “a retomada de um processo pelo qual se faz a crítica ao que se instituiu nas práticas de saúde como o ‘bom humano’, figura ideal que

regularia as experiências concretas” (BENEVIDES ; PASSOS, 2005, p. 390). Esse desafio não se apresenta somente na atenção em saúde mental, mas engloba vários movimentos da saúde pública no país.

Para isso, é preciso, certamente, uma reconstrução da subjetividade dos trabalhadores do campo da saúde bem como uma alteração da cultura organizacional hegemônica, sendo esse, então, o grande desafio para o processo de desinstitucionalização da assistência psiquiátrica no País (DIMENSTEIN, 2004, p. 114).

Enquanto que o desafio metodológico se dá em como fazer essa implantação, quais movimentos se dão na implantação da Reforma Psiquiátrica. As transformações dos movimentos de constituição de políticas públicas de saúde vêm impor um “enfrentamento de um *modus operandi* fragmentado e fragmentador, marcado pela lógica do especialismo” (BENEVIDES; PASSOS, 2005, p. 391). Alguns profissionais – talvez preocupados em defender a Reforma Psiquiátrica, seus dogmas, militando por seus princípios – podem se deixar aprisionar. Não percebendo que a Reforma Psiquiátrica tenha se instituído enquanto movimento – tal qual o SUS – e tomados por uma *febre histórica*, possam ficar paralisados em suas bandeiras, impossibilitando novas modulações dentro da atenção em saúde mental. Modulações estas que somente se darão na busca por novas experimentações e abertura aos questionamentos que, por ventura, surgirem pelo caminho.

É assim que o sentido histórico torna passivos os seus servidores e faz com que se voltem retrospectivamente ao passado; mas raramente, somente quando, em consequência de um esquecimento momentâneo, este sentido se encontra ofuscado, é que o homem tomado pela febre histórica se torna ativo, mas tão logo a ação passa, ele diseca esse ato, bloqueia pela análise toda força de sua repercussão, para finalmente reduzi-lo e fazer dele um “fato histórico”. (NIETZSCHE, 2005, p. 141).

### 3.12 Na despedida garoou

Cheguei para meu último encontro com ele desta feita. Estava tomando uma xícara de café e disse que já estava se preparando para dormir. Insisti dessa vez em entrar para realizarmos nosso último encontro. Falei que seria rápido e ele permitiu que eu entrasse. Comecei perguntando sobre nossos encontros:

– Eu queria saber como é que foram pra ti essas conversas que nós tivemos, *tu falar* sobre tua vida?... Como tu te *sentiu*?...

– Foi bem, me senti bem...

– Te *sentiu* bem? *Tu gostou* de falar, de conversar...?

Gaudêncio não me responde ficando um silêncio entre nós. Continuo:

- Podes falar o que *tu sentiu* mesmo, se *tu acha* que te incomodei, sei lá...
- Não... Eu até já tava me deitando... E o *véio*, como é que anda?
- O velho tá bem...
- Ele veio contigo aí?
- Veio, veio...
- Vocês moram aonde?
- Lá onde te mostrei aquele dia... Lembra?
- Isso, lembro, lembro...

Ficamos sem assunto, levanto então a questão para seguirmos conversando:

- Como é que são as pernas?
- Hum?
- Como é que são as pernas?
- Tá regular...
- Tá doendo mais? Ontem *tu tava* reclamando bastante...
- Não é dor, é cansaço...
- E hoje foste no Clubinho?
- Fui, fui...
- Fez as contas hoje?
- Errei duas contas, mas a última eu acertei... Não tava com vontade de *tá*

estudando muito, daí errei...

- Porque *tu falou* que ontem *tu não tinha* gostado, que não tinha acertado as contas...

- É... Muito pior foi hoje, muito barulho, algazarra daquela mulherada lá... Um nojo, não deixam em paz, irrita o cara, perturba...

- E por que *tu vai* se te...?

Interrompe-me sem deixar terminar a frase.

- Tira a atenção do cara trabalhando...
- Quais mulheres?
- Lá do clube...
- As colegas lá?
- Colega, enfermeira... E hoje, esquentou, né...

Percebo seu movimento de desviar o assunto para o tempo, após uma pausa.

- Esquentou... Mas Gaudêncio, queria te agradecer por *tu ter* participado, ter me contado tua história...

– Te *contá* tudo isso é um alívio...

– Então, depois que eu tiver copiado tudo, que eu tiver escrito, tiver feito um pouco mais da pesquisa, eu volto aqui e trago pra ti, pode ser?

– Claro...

– *Pra a gente ver* juntos, pra *tu ver* se quer tirar alguma coisa, se quer falar mais alguma coisa... Que *tu acha*?

– Pode ser...

– Então tá, tchê! *Tu falou* que já tava te recolhendo...

– *Tu sabe* que conversando a pessoa distrai... Pra que *tu botou* esse brinco aí?

Hahahaha

Referindo-se a meu *piercing* labial. Pela piada respondo também brincando:

– Pra ver se as gurias me acham mais bonito hahaha...

– Elas vão achar que *tu é gay* hahahahahaha! Eu nunca botei brinco na orelha, nem boto!

– Se nem na orelha tu bota, imagina na boca então...

– Isso é coisa de *puto usá*, esse brinco aí, brinquinho...

– *Bueno*... E amanhã *tu vai na* Paul Harris lá?

– Olha nem sei se vai dar tempo de eu ir, tem que *consultá* no posto. *Vo* consultar.

– E o lance da casa? Que *tu falou* que queria morar sozinho...

– Tá saindo, to esperando.

– *Tu foi* lá na prefeitura botar o nome, né?

– No fim do mês, ou no mês que vem...

– E *tu vai* morar sozinho, Gaudêncio?

– Sozinho e Deus se eu não arrumar uma mulher. Uma mulher bonita, pra toma conta da casinha dela. Mas tem que ser uma mulher direita, senão eu *toco ela* pra rua...

– E como é que *tu acha* que vai ser pra ti morar sozinho?

– É meio ruim, não tem ninguém pra *conversá*, troca uma idéia...

Silêncio onde só se ouvia sua respiração profunda.

– Aqui *tu conversa*, conhece todo mundo, dá uma volta...

– Eu já tenho 12 anos que moro aí. Dormia no quartinho da Cíntia, que era doente, que conversava comigo...

– *Tu me falou* que se *fosse* morar sozinho *ia ter* que conseguir uma segurança...

– Tem que conseguir uma... Segurança é um 38... Eu vou ter que arrumar, com um *peçoalzinho* aí, que mexe na rua...

– E foi o pessoal do Clubinho que te indicou pra *ir lá na* prefeitura?

– *Óia*, uma professora que tinha lá, mas foi embora. A professora não tá mais lá...

Foi embora.

– Tá bom, e eu domingo *vo* me embora de novo...

– Vai embora de novo? Vou morrer de solidão...

Fiquei em dúvida se por eu ir embora ou pela conversa que tínhamos sobre morar sozinho, então o perguntei:

- Se tu *morar* sozinho?

– Uhm! Meu medo é arrumar um bagulho, quero uma mulher de confiança, bem dizer, limpa.

Levantou-se e fez menção de encerrar a conversa. Desliguei o gravador, agradei novamente e fumamos nosso último cigarro junto. Combinei que voltaria com as entrevistas transcritas. Fomos juntos outra vez ao ponto de ônibus, uma garoa fina começava a cair. Desejou-me boa viagem e um abraço a meu pai. Subi no coletivo e sentei sozinho. Com certa tristeza de saber passar algum tempo longe de meu novo amigo.

### **3.13 Em terras do Araribóia**

Após nossos encontros, retornei para minha nova morada. A transcrição das gravações tornou-se um trabalho demorado e desgastante. A rua movimentada – grande aliada pela variedade de ônibus para retornar ao centro da cidade - transformou-se em inimiga nesse ponto do trabalho, junto com Madona e a própria dicção de Gaudêncio. Mas inimigo maior foi o desconforto ao me ouvir e perceber ter feito um trabalho, às vezes, diferente do que havia proposto. Talvez semelhante a algumas críticas realizadas por mim no corpo do texto quanto à linearidade, direcionamento das práticas de pesquisa tradicionais.

Estes desconfortos percebidos e colocados em jogo traduzem o que Lourau (1993) chamou na intervenção socioanalítica de Análise de Implicação, que “[...] não consiste somente em analisar os outros, mas em analisar a si mesmo a todo o momento, inclusive no momento da própria intervenção” (LOURAU, 1993, p. 36).

Essa instituição permitiu-me chegar ao ponto em questão, onde queria afirmar uma pesquisa construtivista, mas tal ato parecia impossível sem analisar as práticas que vinham a constituindo. “A instituição acadêmico-científica nos faz escrever e escrevemos para

sermos validados e valorizados por ela. A produção de nossos textos, o meu e o de vocês, está portanto implicada com a existência de tal instituição” (LOURAU, 1993, p. 70).

Vários eram os fatores que me aprisionavam; o calendário da pesquisa, a espera da liberação pelo Comitê de Ética em Pesquisa, além das outras atividades atinentes à vida de estudante de pós-graduação. Após a confirmação da pesquisa pelo Comitê de Ética em Pesquisa, a transcrição das entrevistas, e certa análise de implicações, pensei em como deixar-me vagar com Gaudêncio por terras distantes, cavalgar sem rumo, assim como Kafka propõe em *A Partida*, conto presente no *Narrativas do Espólio* (2002), para outra partida, onde a chegada nem se quer está em questão.

Ordenei que tirassem meu cavalo da estrebaria. O criado não me entendeu. Fui pessoalmente à estrebaria, selei o cavalo e montei-o. Ouvei soar à distância uma trompa, perguntei-lhe o que aquilo significava. Ele não sabia de nada e não havia escutado nada. Perto do portão ele me deteve e perguntou:

- Para onde cavalga, senhor?

- Não sei direito - eu disse - só sei que é para fora daqui, fora daqui. Fora daqui sem parar: só assim posso atingir meu objetivo.

- Conhece então seu objetivo? - perguntou ele.

- Sim - respondi -. Eu já disse: "fora-daqui", é esse o meu objetivo.

- O senhor não leva provisões - disse ele.

- Não preciso de nenhuma - disse eu - A viagem é tão longa que tenho de morrer de fome se não receber nada no caminho. Nenhuma provisão pode me salvar. Por sorte esta viagem é realmente imensa (*A Partida in KAFKA, 2002*)

Movido pelo fascínio de nossos encontros busquei a retomada de um processo inexato, junto a Kafka e Negrinho do Pastoreio, tendo por guia, Blau Nunes e Sete Luas. Aceitar o silêncio, pois paradoxalmente, muitas falas, gritos, cantos e também silêncios estarão ali presentes. Ser levado por eles, com eles e para além deles. “*En la pampa mi poncho a volar, esteira de vento e luar. Vento e luar*”<sup>45</sup>.

---

<sup>45</sup> Trecho da música *Semeadura* de Vitor Ramil e José Fogaça, interpretada por Vitor Ramil no álbum “*Kleitón & Kleidir*”, da gravadora Ariola, em 1981. Posteriormente regravado por Mercedes Sosa.

## **4 CAVALGAR PARA FORA, RAPIDAMENTE**

### **4.1 Casa vazia**

Novamente retorno a Santa Maria, desta feita, viagem noturna, sem janela, sem conversa, dois amendoins e um copo de suco. Em Porto Alegre, já na rodoviária – desta vez fui de ônibus, em função de o trem estar fechado pelo avançado da hora - consigo comprar a passagem para uma e meia da manhã, chegando a meu destino final ao amanhecer, por volta das cinco e meia da manhã. Ao chegar, meu pai não estaria me esperando, minha mãe não estaria dormindo. Encontraria a casa fechada em função de eles estarem passando uma temporada em Portugal.

Espero o dia clarear totalmente e vejo aumentar o movimento dos ônibus que levam da rodoviária ao centro. Decido ir de ônibus. Ao chegar à porta de casa deparo-me com um cadeado para o qual não havia a respectiva chave em meu chaveiro. Lembro que minha mãe havia deixado uma cópia das chaves com sua irmã, minha madrinha, para algum caso de emergência. Estava exausto, não iria acordar vizinhos às sete da manhã, pedindo licença para guardar meu mochilão e ir caminhando até a casa de minha dinda; também não tinha o número dela no celular.

Graças à tecnologia após algumas tentativas consegui uma mensagem de celular para Portugal, onde contei brevemente o ocorrido e pedi o número de minha tia. Prontamente fui respondido. Sem crédito para fazer a chamada, tive que acordá-la com uma chamada a cobrar, interurbana, às sete da manhã, pedindo socorro. Após o socorro a caminho, fui esperá-la embaixo do prédio. Chegou então à faxineira de meu edifício que me conhece desde criança. Conversamos. Perguntou sobre a minha vida e me contou sobre a sua. Falou das suas viagens ao Paraguai e ao Rio de Janeiro e do que tem feito desde que se aposentou oficialmente.

Por fim, minha dinda chega de táxi e me entrega o chaveiro. Finalmente entro em casa e a encontro vazia, empoeirada. A única comida que tinha era um charque e um saco de macarrão. O quarto necessitava de uma mínima “desempoeirada” antes que eu pudesse, enfim, descansar.

### **4.2 Paradão**

Após descanso, limpeza da casa, quase provocar um incêndio na máquina de lavar roupas, compra de mantimentos, pude então ir ao encontro de meu amigo, pensando em como fazer diferente dessa vez, como “cavalgar pra fora”. Dirijo-me ao “Paradão” do centro da cidade – um ponto onde praticamente todos os ônibus que saem do centro em direção aos bairros têm parada obrigatória – e, encontro um Paradão lotado, com o primeiro dia de implantação de um “sistema”, onde pessoas das empresas de ônibus tentam organizar os embarques, gritando para toda a multidão ouvir os destinos dos ônibus e seus locais de embarque. Uma verdadeira confusão.

Essa mudança estava anunciada, mas foi uma surpresa para quem caiu de pára-quedas no meio daquela muvuca. Os versos do cantor pernambucano, pai do *mangue beat*, retumbam como os tambores do maracatu: “Que eu me organizando eu posso desorganizar, que eu desorganizando eu posso me organizar...”<sup>46</sup>. E nesta confusão o ônibus que deveria passar, não passa nunca. Pergunto para algumas pessoas se é ali mesmo o ponto do Jockey e todos me respondem afirmativamente - todos apressados e também confusos. A noite chega e o ônibus não. Volto pra casa com um sentimento de derrota, acompanhado sempre do medo de meus projetos serem em vão.

#### 4.3 Reencontro com Bibiana

No dia seguinte chego mais cedo ao Paradão já sabendo que a linha do ônibus Jockey tinha acabado, tendo sido integrada à linha Prado. As pessoas a quem perguntei no dia anterior, me responderam corretamente, somente esqueceram de avisar a mudança da linha. Pego o ônibus sem dificuldades e em uns quinze minutos estou na frente da residência de Gaudêncio. Madona não está mais lá, mas em seu lugar uma matilha de *pinchers*, que agora fazem a segurança e a campainha da casa. Não sou apresentado pessoalmente a cada um deles – afinal, aquela matilha de *pinchers* ainda é reconhecida enquanto matilha.

Bibiana chega à porta, se lembra de mim, e me convida para entrar. Encontro-a bem diferente da impressão que tive dela nos dias de frio mais rigorosos, agora de roupas curtas devido ao calor, apresenta-se com diversas tatuagens espalhadas por todo o corpo. A senhora de boinas e cachecol, fala quase sempre mansa, porém precisa, parece ter ficado

---

<sup>46</sup> Da lama ao caos. Compositores e intérpretes: Chico Science; Nação Zumbi. Álbum: CHICO SCIENCE & NAÇÃO ZUMBI da lama ao caos. Gravadora: Chaos/Sony Music, 1994.

no inverno. Gaudêncio não estava e fui convidado a entrar. Fiquei na sala enquanto Bibiana e seu marido assistiam televisão. Ela dividia sua atenção entre a tela e seus netos, distribuindo reclamações sobre cozinha, quartos, escola - praticamente todos os motivos eram dignos de broncas.

Enquanto aguardava Gaudêncio chegar conversava com eles conversas informais, coisas sobre tempo, futebol, e outras amenidades. O sol começou a cair e Gaudêncio não chegou. Comecei a perceber o movimento deles, a arrumação da mesa para o lanche da noite. Pedi que informassem a Gaudêncio que no dia seguinte, por volta do mesmo horário, estaria lá novamente. Despedi-me, dirigindo-me ao ponto de ônibus, para regressar à minha casa.

#### 4.4 Dupla caipira

Minha guitarra, companheiro  
 Fala o idioma das águas, das pedras  
 Dos cárceres, do medo, do fogo, do  
 sal  
 Minha guitarra  
 Tem os demônios da ternura e da  
 tempestade  
 É como um cavalo  
 Que rasga o ventre da noite  
 Beija o relâmpago  
 E desafia os senhores da vida e da  
 morte  
 Minha guitarra é minha terra,  
 companheiro  
 É meu arado semeando na escuridão  
 Um tempo de claridade  
 Minha guitarra é meu povo,  
 companheiro (RAMIL;  
 FOGAÇA,1981).

Quando chego a minha terceira tentativa de encontro com Gaudêncio vejo toda a família de Bibiana no pátio em frente da casa. Sento com eles. Percebo que, mesmo na sombra, o marido de Bibiana estava de óculos escuros. Dali a pouco ele me conta que fez cirurgia a *laser* nos olhos e que apresentou seqüelas. No dia anterior não tinha percebido nada em função da sala estar em certa penumbra. O senhor me conta de todo o procedimento médico, de ter percebido que tinha alguma coisa errada, da demora de resposta dos médicos... Ficamos por ali conversando sobre isso. Gaudêncio ainda não havia chegado e me perguntava se realmente iria encontrá-lo hoje.

Após alguns minutos Gaudêncio enfim chega e me saúda com alegria. Era muito bom podermos nos reencontrar. Conversamos um pouco com todos em frente a casa. Depois ficamos a sós por ali, enquanto os outros passaram para a sala. Conto de minha viagem, algumas trivialidades.

Tenho em mãos uma cópia do meu texto. Explico novamente sobre a questão do seu “rebatismo”. Pergunto se ele conhece a música que foi o motivo de seu novo nome, mas ele responde que não. Digo que se houvesse um violão tocaria para ele. Gaudêncio me pede então que aguarde um pouco e entra em casa. Eis que pouco depois ele retorna com um violão em punho e vejo que minha sugestão se concretizou. Sou tomado por um misto de vergonha e alegria. Percebo alegria em seu rosto e ele me diz: - “Vamos tocar!”. Entrega-me o violão e senta. Nesse momento, ligo o gravador – que até o momento não havia me sentido à vontade para ligar. As primeiras ondas sonoras transmitem um afinar de violão.

– Vamos ver... *Bueno*, eu só sei tocar música gaúcha quase...

– *Se vamo, se vamo*, toca aí...

Toco a música “Destino de Peão”, de Noel Guarany, que julguei que ele conhecesse.

– Aham, bueno!

– Até que saiu alguma coisa né!

– Bem tocado e mal dançado hahaha

– Hahaha! Faz tempo que eu não toco...

Começo a dedilhar algo...

– Faz o “Chico Mineiro<sup>47</sup>” aí pra nós...

– O “Chico Mineiro” eu não sei tocar direito, o que eu sei tocar é o “Menino da Porteira<sup>48</sup>”.

– Toca!

Começo a fazer sua introdução e a tocar. Quando a letra começa Gaudêncio acompanha a letra inteira esboçando uma segunda voz, onde os tempos, letra, foram praticamente sempre respeitados, e as duas vozes ficaram bem se pensarmos nas condições de música e músicos.

Toda vez que eu viajava pela estrada de Ouro Fino,

<sup>47</sup> Compositores: Tonico, Francisco Ribeiro. Intérpteres: Tonico & Tinoco. Álbum: **Viola Minha Viola**, Volume 1. Gravadora: Atração, 2005.

<sup>48</sup> Menino da porteira. Compositores: Teddy Vieira; Luizinho. Intérprete: Sérgio Reis. Álbum: **O MENINO DA PORTEIRA**. Gravadora: RCA, 1975.

De longe eu avistava a figura de um menino.  
 Que corria abrir a porteira depois vinha me pedindo  
 Toque o berrante seu moço que é pra eu fica ouvindo.  
 Quando a boiada passava e a poeira ia baixando.  
 Eu jogava umas moedas e ele saía pulando.  
 Obrigado boiadeiro, que Deus vá lhe acompanhando!  
 Naquele sertão a fora meu berrante ia tocando.  
 Nos caminhos dessa vida muito espinho eu encontrei.  
 Mas nenhum calo mais fundo do que esse que eu passei.  
 Na minha viagem de volta, qualquer coisa eu cismeï.  
 Vendo a porteira fechada e o menino eu não avisteï.  
 Apeeï do meu cavalo num ranchinho beira-chão.  
 Vi uma mulher chorando, fui saber qual a razão.  
 Boiadeiro veio tarde, veja a cruz no estradão.  
 Quem matou o meu filinho foi um boi sem coração.  
 Lá pras bandas de Ouro Fino levando gado selvagem.  
 Quando passo na porteira até vejo a sua imagem.  
 O seu rangido tão triste até parece uma mensagem,  
 Daquele rosto trigueiro desejando-me boa viagem!  
 A cruzinha do estradão, do pensamento não sai.  
 Eu já fiz um juramento que não esqueço jamais.  
 Nem que meu gado estoure que eu precise ir atrás.  
 Nesse pedaço de chão berrante eu não toco mais!

Gaudêncio e eu vibramos com nossa dupla.

- Aaaaeeee.
- Saiu alguma coisa! Saiu bem né!
- Saiu bem!
- “O Menino da Porteira”.... Que mais *tu gosta*, Texeirinha?
- Toca uma do Texeirinha aí então... “Gaúcho de Passo Fundo”.
- Pode ser.

Começo a tocar a melodia para recordar e Gaudêncio já começa a cantar. Sigo tocando tentando lembrar os acordes certos, tentando conciliar a música com o canto que já havia começado. Ao terminarmos de cantar dessa vez eu exclamo:

- Ahhh Texerinha! Do Texerinha que mais que eu sei?...
- Toca “A Gaivota<sup>49</sup>” aí pra mim...
- Bah, mas essa aí eu não sei!
- Me empresta aqui! Que eu toco!

Gaudêncio pega o violão e começa a dedilhar algo. Mesmo após muito tempo sem tocar e com uma qualidade de músico não tão apurada, percebo que a música respeita escalas, entrecruza acordes com batidas, dedilhados, novamente batidas, embora não cante. Respondo: “– Ohhhh! Mas até que saiu alguma coisa aí tchê!”. Gaudêncio responde com

---

<sup>49</sup> Compositores: Léo Canhoto; Robertinho. Álbum: LÉO CANHOTO & ROBERTINHO. Gravadora: RCA, 1975

uma valsinha alegre, entre dedilhados e batidas e finaliza com uma imensa gargalhada.

Pergunto-lhe então:

– E tu não canta?

– Não canto. Ou só canto ou só toco.

– Que música é essa que tu falou? “A Gaivota”?

– É. *Vô dá um taio* num pedacinho aqui pra vê se tu pega.

– Oi?

– *Vô dá um taio* num pedacinho aqui pra vê se tu pega. É uma valsinha.

– Mas eu não sei os acordes.

– É aqui ó.

Começa a dedilhar uma escala no violão e percebo um acorde.

– Sol.

Ele segue tocando como para mostrar-me. Pego o violão e começo a tentar tocar com base no que o tinha visto fazer, nos acordes que tinha visto ou achava ser, então ele começa a cantar, interpretando a música. Começando calmamente, tornando-se com um trovão furioso e quase emudecido com o derradeiro fim.

Levantei-me um dia bem cedo,  
Pra ver lá na praia minha namorada.  
Eu cheguei quando o sol já nascia,  
Só vi o seu rastrinho na areia molhada.  
Avistei uma carta escrita.  
Jogada na areia que ela me deixou.  
Quando fui apanhá-la para ler,  
A onda do mar a carta levou.  
Eu pulei sobre as ondas furioso,  
Pra pegar a carta que a onda arrastou.  
De repente veio uma gaivota,  
Voando baixinho a carta agarrou.  
Eu voltei na praia para ver,  
O sinal dos seus pés que na areia ficou.  
Eu chorei ao ver que a onda,  
Ao bater na praia seu rastro apagou.

Terminou e ficou um tempo em silêncio. Mandou-me – como que despertando num susto – fazer o dedilhado que me havia “ensinado” e acabo de tocar já com ele me perguntando:

– Não sabe tocar nem uma outra gauchinha?

– Oi?

– Não sabe tocar nem uma outra gauchinha?

– Sei.

Toco uma melodia musical mas sinto que não era exatamente o que Gaudêncio pensava em ouvir, parando logo em seguida.

– Tem um aí?

Fazendo gesto se referindo ao cigarro. Novamente em um tom de alegria exclama:

- Meu amigo Lucas!

– Tchê, sumiu meu cigarro...

– E o fogo?

– *Tava* aqui junto com o fogo...

– Vai querer um?

– Não, não, agora não...

Gaudêncio acende um cigarro e fica em silêncio, parece esperar mais uma música.

Toco uma música gaúcha antiga, que pensei que ele pudesse conhecer. Pede-me:

– Toca outra!

– Oi?

– Terminou?

– Terminou.

– Então toca outra!

Somos interrompidos por um neném chorando, atiçando os cachorros que começaram a latir, aliado ao ônibus – que faz uma curva justamente na esquina da casa. Após o barulho encerrar estendo o violão para ele que, prontamente, começa a tocar.

– Mas *tu sabe* tocar!

– Mais ou menos...

– Aprendeu quando?

– No Manico.

– Ah, foi no Manico?

Gaudêncio faz menção que sim e novamente me responde com música.

– Muito toquei esse violão, *nós tocava* essa música...

– *Tu tocou* bastante então?

– Aonde?

– To dizendo depois de *tu aprender... Se tu tocou...*

– Nunca comprei violão!

– Só o dos outros?

– Só dos outros. Ia comprar, mas não tinha dinheiro...

– É bom né um violãozinho.

- Sim... uma valsinha...
- Uma valsinha, tu gosta de valsa?
- Toca...

Começo a tocar uma valsa chamada “Só Restou”<sup>50</sup>.

Das carretas sobraram rodados, enfeitando os jardins dos patrões.  
 Nos museus arreios quebrados, das tropeadas somente ilusões.  
 Dos gaúchos restou pelas vilas, o domingo de muitos galpões.  
 Apojando a guaiaca dos pilas, sofrenando a má sorte aos tirões.  
 Só restou desta lenta agonia, distorcidas e mortas visões.  
 Das peleias, teatro e poesia, e os arpejos de tristes violões.  
 Dos gaúchos restou pelas vilas, o domingo de muitos galpões.  
 Apojando a guaiaca dos pilas, sofrenando a má sorte aos tirões.  
 Só restou, só restou.  
 Só restou, só restou.

Gaudêncio soltou uma gargalhada logo nos primeiros versos e depois permaneceu em silêncio ouvindo somente. Após acabar fez menção para que eu tocasse mais, onde só dedilhei um pouco uma base de uma *milonga*. Queria tocar-lhe a sua música, estava gostando muito desse nosso movimento musical, embora tivesse um pouco de vergonha em cantar-lhe sua “música-nome”. Propus então:

– *Deixa eu* tocar aquela que eu falei então. A “Gaudêncio Sete Luas”, que eu falei que botei teu nome de Gaudêncio por causa dessa música.

– Toca, então toca.

Toco sua “música batismo” e Gaudêncio ouve muito atento. Fica em silêncio após o término. Curioso para saber o que ele havia achado, pergunto:

- E aí que tal?

– Boa...

– Boa? Gostou?

– Jóia, ta ótimo!

– Tá bom... Que mais... Quer tocar mais uma?

– Pode tocar.

– Tem mais uma do Teixeira, que acho que me lembro. Vamos ver...

– Qual é a dele?

– Aquela... “Querência Amada”.

Começo a cantar e Gaudêncio canta comigo. Quando termino de tocar ele diz que havíamos esquecido uma parte e começa a cantar:

---

<sup>50</sup> Música: Só restou. Compositores: José Hilário Retamozzo; Marco Aurélio Vasconcellos. Intérpretes: Os Posteiros. Álbum: **XI Califórnia da Canção Nativa**. Gravadora: COPACABANA DISCOS DO BRASIL, 1982.

– “Torrão gaúcho, dos parreirais, da uva vem o vinho, do povo vem o carinho, bondade nunca é demais...”

– Mas nós já tínhamos tocado essa parte.

– ã?

– Já tocamos já essa parte...

– Que mais?

– Que mais? Deixa eu ver, Teixeira que mais que eu sei tchê...

– Mas fala aí, teu pai não veio hoje?

– Não, não. Estão viajando ainda. Eu vou voltar pro Rio e eles não vão ter voltado ainda... Essa aqui *tu deve* conhecer...

Começo a dedilhar uma música no violão, chamada “*Recuerdos da 28*”<sup>51</sup>, dos tempos das Califórnia.

De vez em quando, quando boto a mão nos cobres,  
 Não existe china pobre e nem garçom de cara feia.  
 Eu sou de longe, donde chove não goteia,  
 Não tenho medo de potro nem macho que compadreja.  
 Boleio a perna, e vou direto pro retoço,  
 Quanto mais quente o alvoroço,  
 Muito mais me sinto afoito.  
 E o chinaredo, que de muito me conhece,  
 Sabe que pedindo desce, meu facão na 28.  
 Remancheio no boteco ali nos trilhos,  
 Enquanto no bebedouro, mato a sede do tordilho.  
 Ouço o mugido e o barulho da acordeona,  
 E a velha “Porca Rabona” retoçando no salão  
 Quem nunca falta é um índio curto-e-grosso,  
 De apelido de pescoço, da Rabona o querendão.  
 Entro na sala, no meio da confusão,  
 Fico meio atarantado que nem cusco em procissão.  
 Quase sempre, chego assim meio com sede,  
 Quebro meu chapéu - na testa - de “beijar santo em parede”.  
 E num relance se não vejo alguém de farda,  
 Eu grito: - Me serve um liso “daquela que matou o guarda”!

Gaudêncio então exclama:

– Ah eu gostava *duns liso* hahaha!

Sigo cantando:

Guardo o trabuco, empanturrado de bala.  
 Meu facão, chapéu, e pala, e com licença, vou dançar.  
 Nesses fandangos levo a guaiaca recheada.  
 Danço com a melhor china, que me importa de pagar.  
 O meu cavalo eu deixo atado num palanque,  
 Eu só não quero é que ele manque,  
 Quando terminar a farra.

<sup>51</sup> Música: *Recuerdos da 28*. Compositores: Knelmo Alves; Francisco Alves. Intérpretes: Juarez Brasil e grupo Os Gaudérios. Álbum: X Califórnia da Canção Nativa. Gravadora: COPACABANA DISCOS DO BRASIL, 1981.

E a milicada, sempre vem fora de hora,  
 Mas eu saio porta a fora, só quero ver quem me agarra!  
 Desde piazito, que a polícia eu não espero,  
 Se estoura a rebordosa, me “tapo de quero-quero”.

Gaudêncio solta uma risada gostosa.

– *Tu conhecia* essa?

Faz sinal de negativo e ficamos um momento em silêncio. Começo a dizer:

- Pois é tchê...

– *Vamo* dar um levante aí?

– Oi?

– *Vamo* dar um levante?

– Vamos...

– Me arruma um cigarro?

– Mas *tu não vai fumá* todo né?

– Oi?

– *Não vai me fumá todo meu cigarro!*

– Eu *vô fumá* todo teu cigarro!

– Bahhh!

– Hahahahaha

– Pega... Já pega um pra mim... Faz tempo que tu não tomas um *lisinho* então tchê?

– Bah tchê, *tu vê*, faz horas que eu não tomo um liso... Tive que largar do trago na marra... Remédio...

– Por causa dos remédios?

– Aham. Aquele tempo que eu morava na tia, e a tia quando eu ficava nervoso me dizia: - “Toma um traguinho Gaudêncio! Toma um traguinho que *tu melhora!*”. E eu chegava e ia reto num garrafão, que ela tinha, de batida. Tomava *dois martelo* e eu melhorava!

– Melhorava mesmo?

– Melhorava! Mas *tu toma* uma cervejinha?

– De vez em quando eu tomo uma cervejinha, não sou de ferro...

– Tá certo... hahaha.

– Sou filho de Deus também hahaha!

Fomos tomados por um silêncio que durou um pouco... comecei a dedilhar uma milonga. Gaudêncio se anima novamente.

- *Vamo fazer* assim, vo te dá uma letrinha pra tu fazer aí...
- Tá.
- Então *vamo simhora*... sabe a valsinha?
- Não...
- “Saudade da minha terra”... “De que me adianta viver na cidade...”
- Só sei cantar só... Não sei tocar. *Tu sabe* tocar?
- Não, não sei...

Começo a tentar tirar a música, e ele logo começa a cantar - antes que eu realmente tivesse começado a tentar tirá-la – sigo-o cantando e tentando tocá-la de ouvido.

De que me adianta viver na cidade.  
 Se a felicidade não me acompanhar,  
 Adeus paulistinha, do meu coração,  
 Lá pro meu sertão hoje eu quero voltar.  
 Ver a madrugada, quando a passarada,  
 Fazendo alvorada, começa a cantar.  
 Com satisfação, arreio o burrão.  
 Cortando o estradão, saio a galopar.  
 E vou escutando o gado berrando.  
 O sabiá cantando o jequitibá.  
 Por nossa senhora, meu sertão querido.  
 Vivo arrependido por ter te deixado.  
 Esta nova vida aqui na cidade.  
 De tanta saudade eu tenho chorado.  
 Aqui tem alguém, diz que me quer bem.  
 Mas não me convém, eu tenho até pensado.  
 Eu digo com pena, mas esta morena.  
 Não sabe o sistema que eu fui criado.  
 To aqui cantando, de longe escutando.  
 Alguém está chorando com o rádio ligado.  
 Que saudade imensa do campo e do mato.  
 Do manso regato que corta as campinas.  
 Aos domingos ia passear de canoa.  
 Nas lindas lagoas de águas cristalinas.  
 Que doce lembrança, daquelas festanças.  
 Onde tinham danças e lindas meninas.  
 Eu vivo hoje em dia sem ter alegria.  
 O mundo judia, mas também ensina.  
 Estou contrariado, mas não derrotado.  
 Eu sou bem guiado pelas mãos divinas.  
 Pra minha mãezinha, já telegrafei.  
 E já me cansei de tanto sofrer.  
 Nesta madrugada estarei de partida.  
 Pra terra querida que me viu nascer.  
 Já ouço sonhando o galo cantando.  
 O Inhambu piando no escurecer.  
 A lua prateada clareando a estrada.  
 A relva molhada desde o anoitecer.  
 Eu preciso ir pra ver tudo ali.  
 Foi lá que nasci, lá quero morrer.

Pergunto então:

- Acabou?
- Sim, cantei tudo.
- É que não me lembro dela inteira. Mas é bonita essa música.
- Não sô muito burro!
- Não é burro não.
- Tem nem um trago pra nós toma. *Nós podia* tomar um trago. Hahahaha
- Hahaha. Vamos ver essa aqui...

Toco a música “Louco por Chamamé<sup>52</sup>”. Gaudêncio ouve inteira, mas parece não conhecer. Ao terminar brinca:

- Uhum! Bem tocado, mal dançado!
- Hahahaha tá certo. Mas dançar não é o meu forte...
- *Tu não sabe* dançar?
- Mais ou menos...

– Eu gostava de dançar nos bailes em Alvorada no Timbaúva, nas boates em Cahoeirinha... Vivia indo com um companheiro de fé mesmo. *Me pagava* toda a despesa só de eu acompanhar ele. Sabia que eu me saia bem no ferro branco...

- Hahahaha.
- Hahahaha.
- Tchê, eu acho que *vô me indo*... Vamos tocar mais uma aí?
- Vamos!

Passo o violão para ele, que começa a fazer um solo, que prontamente muda para uma batida. Exclama:

- Óh... Tá saindo... Uma valsinha... Eu to zerado agora, não to mais delirando...
- Essa aí parece “O Menino da Porteira”, não é não? É né?

Gaudêncio segue tocando somente me respondendo com o som de seu violão.

Quando pára bruscamente de tocar me responde afirmativamente, enquanto me passa o violão. Tento tirar o “Chico Mineiro”<sup>53</sup> e enquanto cantarolo a melodia ele me interrompe com uma grande gargalhada e diz:

- Pára que tá faltando a parte do versinho assim ó:

Cada vez que eu me lembro, do amigo Chico Mineiro.  
Das viagens que fazia, era ele meu companheiro.  
Senti uma tristeza e uma vontade de chorar,

<sup>52</sup> Música: Louco por *chamamé*. Compositor e intérprete: Cristiano Quevedo. Álbum: **Pra quem tapeia o chapéu**. Gravadora: ACIT, 2002.

<sup>53</sup> Música: Chico mineiro. Compositores: Tonico, Francisco Ribeiro. Intérpteres: Tonico & Tinoco. Álbum: **Viola Minha Viola, Volume 1**. Gravadora: Atração, 2005.

Lembrando aqueles tempos que não mais há de voltar  
 Apesar de ser patrão, eu tinha no meu coração,  
 O amigo Chico Mineiro, caboclo bom de serviço,  
 Na viola dolorido, era um peão de boiadeiro.  
 Caboclo que nada temia, mas porém chegou o dia,  
 Que o Chico afastou-se de mim

- Agora vem o cantado:

Fizemos a última viagem, foi lá pro sertão de Goiás.  
 Fui eu e o Chico Mineiro, também foi o capataz.  
 Viajamos muitos dias pra chegar em Ouro Fino.  
 Aonde passamos a noite numa festa do Divino.  
 A festa estava tão boa, mas antes não tivesse ido.  
 O Chico foi baleado por um homem desconhecido.  
 Larguei de comprar boiada, mataram o meu companheiro.  
 Acabou-se o som da viola, acabou-se o Chico Mineiro.  
 Depois daquela tragédia, fiquei mais aborrecido.  
 Não sabia da nossa amizade, porque nos dois era unido.  
 Quando vi seu documento, me cortou o coração.  
 Vim saber que o Chico Mineiro, era meu legítimo irmão.

– Cantei bem?

– Cantou bem! Hahaha Essa música é bonita né?

– Claro...

– *Bueno*, tchê, acho que vou tomar rumo...

– O quê?

– Vou tomar rumo...

– Vai tomar rumo?

– Vou... Amanhã eu volto aí!

– Vêm as cinco.

– Cinco horas? Umass quatro e pouco, cinco horas, pode ser?

– Pode.

– *Tu leva lá o violão?*

– Levo!

– *Bueno se tu não tiver aqui te espero. Tu vai estar por aí né?*

– Vamos tomar um refrezinho... Como é que tá de dinheiro aí?

– Não to muito bem não tchê...

– Hahaha. Mas não tem dinheiro pra gente tomar um refri? Hahaha

– Pior que vim com o dinheiro do ônibus contado...

– Seu Lucas!

Ofereço-lhe um cigarro.

- Deixa eu pegar mais um pra mim também...

- É cedo ainda?
- Parece que é né.
- Ah é... *Tu já vai embora?*
- Isso. *Tu vai ali comigo na parada?*
- Vou, vamos, vamos. Vou lá contigo.
- Que horas são? Umas sete e pouco, oito?
- Quase oito horas... Quinze pras oito.
- Daqui qualquer um vai pro centro né?
- O Prado, o Alto da Boa Vista, 7 de Dezembro, tudo vai pra lá.
- E lá no Clube, vocês não tocam um violãozinho?
- Não. Teve uma vez que fiquei internado lá na unidade Paulo Guedes, lá eles até tocam. Lá em cima.
- Mas aí é o pessoal que leva lá pra cima ou é violão que tem lá?
- Não, violão deles. Lá não tem.
- Como é o nome do rapazinho, que nos emprestou o violão?
- Bento.
- E ele sabia que *tu tocava?*
- Sabia. Quem toca bem é meu irmão...
- *Bueno*, ta vindo... é esse aí né?
- É!
- Até amanhã então, um abraço!
- Até! Vai com Deus!

#### 4.5 Benzido

Após nosso belo encontro, onde Gaudêncio pediu música, tocou, cantou, revelando um lado totalmente desconhecido por mim – provavelmente meio apagado pelo tempo e pela dura vida –, regressei a sua casa no dia seguinte com a alma repleta de esperança e alegria, me sentindo um pouco a cavalgar sem rumo, em companhia de Gaudêncio, por muitas músicas, histórias, e até mesmo muitos Gaudêncios. O “Chico Mineiro” não saía de minha cabeça.

Ao chegar, encontrei a família de Bibiana tomando chimarrão no pátio em frente a casa, com a matilha de *pinchers* presa ao fundo. Ao retomar as gravações, seus latidos pareceram muito mais intensos, constantes e também estridentes. Uma mulher que eu não

conhecia estava sentada com todos. Mandaram que eu me *aproxegasse* para a roda de chimarrão, embora Gaudêncio não estivesse. Bibiana tratou de apresentar-me para a desconhecida, que me pediu uma pequena explicação sobre a pesquisa. Enquanto explicava para a moça, Bibiana perguntou-me se ele havia contado sobre sua filha, respondendo eu que não. Ela fez uma cara de “fica à dica” e desconversou. Perguntei ao marido de Bibiana sobre seus olhos e fiquei na roda de conversas com todos.

Após uma meia-hora Gaudêncio chega, vindo de seu quarto – nos fundos da garagem –, com o rosto inchado de sono, cabelos bagunçados, arrumando os óculos no nariz. Embora fizesse ainda sol já estávamos por volta das sete da noite. Bibiana se surpreendeu ao vê-lo ali, pois disse não saber que ele estava em casa. Pede um mate.

A família de Bibiana e a mulher que eu não conhecia entram em casa, deixando a térmica de água quente e o chimarrão conosco. Ligo o gravador e começo a tentar explicar para ele a estrutura das narrativas, mesclando outros contos no enredo.

– Porque assim, *tu me contou* um monte de “causo” teu né?

– Já nem me lembro mais o que te contei...

– Não?

– Não to mais lembrado o que te falei...

– *Tu me contou* um monte de “causos”... Daí eu coloquei um “causo” também, de um livro, não sei se tu conheces. É “Contos Gauchescos e Lendas do Sul”.

– Gaudêncio...

– Gaudêncio é a música aquela que eu te cantei.

– E esse aí é o quê?

– Esse aqui é dum livro. É um “causo” dum livro. De um gaúcho que escreveu lá em “mil oitocentos e antigamente”.

– Daí tu deve *ter pego* umas palavras...

– Daí eu escrevi o causo, se *tu quiser* que eu leia pra ti aqui...

– Lê aí...

Leio o conto, sendo interrompido por Gaudêncio.

– Mas é pra quê...?

A pessoa visitante estava tomando um chimarrão e perguntou:

– Como é que *tu conheceu* o Gaudêncio?

– Conheci na rua que ele trabalhava cuidando carro, passava por ele todos os dias, por vários anos...

– Mas esse aí não foi aquele que eu inventei?

– Não, esse aqui é o que eu te falei, que botei outro “causo”, no meio de um monte de “causo” que *tu me contou*. Deixa eu ver mais ou menos por cima o quê que tu me falou... *me contou* da tua vida...

– Tá...

– *Tu me contou* que começou o tratamento em Formigueiro, era guri, vinha às vezes aqui se tratar com o Dr. Tomazzi. Depois *tu foi* trabalhar lá perto do Uruguai, na madeira.

– Isso...

– Voltou pra Formigueiro, foi pra Porto trabalhar de vigilante...

– Santa Rosa, de Santa Rosa fui pra Porto Alegre.

– Isso... De Porto Alegre foi pra São Sepé...

– *Tive* preso...

– Em São Sepé. Depois de São Sepé *tu voltou* pra Porto...

– Voltei pra Porto.

– Daí foi em São Sepé que *tu ficou* no Manico né?

– Fiquei preso em São Sepé, depois que fui pro Manico.

– Ah, o Manico é lá em Porto né?

– É...

Trago-o novamente para a construção conjunta, com leitura das transcrições, contos, “música-nome”. Aos quais sempre se demonstrou atento, corrigindo sempre que encontrava erros – na maioria das vezes pela incompreensão de sua fala no gravador – que alteravam sua história. Aponta Lourau(1993) que esta prática da restituição é uma prática recente dentro do campo da pesquisa.

É necessário frisar que a questão da restituição pode ocupar um viés hegemônico na produção de resultados quando estes se aplicam com um caráter regulamentador. “Hoje têm[...] que pedir permissão às autoridades do país ao qual se dirigem para a pesquisa. Essas organizam as possibilidades do trabalho de campo e, às vezes, caso queiram, podem intervir completamente nos resultados do mesmo, como a ocorrido na China comunista” (LOURAU, 1993, p. 54). É importante lembrar que esta pesquisa teve de ser aprovada por um Comitê de Ética em Pesquisa com seres humanos, baseado em “preceitos médicos”, e está armazenada em uma plataforma do Governo Federal.

A restituição deve ser encarada como um retorno ao “campo pesquisado”. Quando é entendida como parte integrante de uma pesquisa percebe-se que não sirva somente ao pesquisador e à academia, mas sim a sua “transformação em mercadoria cultural”

(LOURAU, 1993, p. 56). Dentro dessas restituições novos “entres” passados despercebidos podem vir á tona.

– E foi lá que *tu aprendeu* a tocar violão?

– No Manico.

– *Tu quer* me contar essa história, de como é que foi que *tu aprendeu* a tocar?

– Foi com Seu Osvaldo. Seu Osvaldo era um baiano de cabelo branco que tinha lá.

Quem me ensinou a tocar violão. Diversas músicas, mas eu me esqueci da metade. Daí se *atracamo* no violão.

– E o baiano *tu conheceu* aonde?

– Alvorada.

– Quando *tu morava* lá?

– Morava e trabalhava em Porto Alegre. Morei e trabalhei em Alvorada um tempo também.

– Na construção civil? *Tu falou* que construiu um colégio né?

– Um colégio. Ajudei a construir... Quem me tirou do Manico foi minha irmã e meu irmão. A Dra. chegou lá e chamou eles. Daí, a Dra falou assim pra minha irmã: “– A senhora pode, tem condições de ficar com Gaudêncio na sua casa lá?”. “– Eu não tenho condições de ficar com ele porque minha casa é muito pequena. Não tem como eu levar ele”. Minha irmã falou que não tinha. Daí, disse assim: “– E o José Luis então?”. *Me trouxe* como se eu fosse fazer um passeio. “– *Tu deu* um passeio e eu vou te liberar”. Daí, saí com meu irmão e ele me trouxe pra Santa Maria. “– Eu vou te apresentar”, falou assim no meio do caminho. “–Pro sr. Miaqui”.

– Foi lá que *tu morou* antes?

– Era um amigo, que já morreu... “– Não vai se embora nada da baia! Pensei que tu tava trabalhando na cozinha”. Baia dizia que era onde morava e eu tava trabalhando na cozinha. E eu cheguei da rua pra me apresentar pra ele e já disse que a Dra. tinha me liberado, pra trabalhar na cozinha tava liberado. Aí depois de um tempo, passou um tempo, fazia um tempo que eu tava na cozinha, daí meu serviço acabou. Ele falou: “– Vou ficar com ele”. Daí meu irmão foi falar com ele lá, levou uns papéis pra dizer que ele tava de meu responsável. Dali um mês e pouco eu voltei pro Manico. Fui lá com um “cabeça de...”, o cara que resolvia os problemas lá. E eu gostei do quartel, do hospital de Camobi (HUSM). Pro Manico eu não vou mais. Daí eu fui liberado, saí de lá depois de 3 anos. “– Miaqui não tá aí, só vem de tarde”. E eu fui me embora, não vou ficar esperando ninguém. Qualquer coisa eu chamo ele aí. Aí depois daquilo foi uma roda de carroça.

Uma “rezadeira” entra em casa para benzer o marido de Bibiana, pela questão dos seus olhos. Observamos quietos e Gaudêncio revela:

– Vou pedir pra fazer uma oração pra mim.

– Pede.

– *Tu acredita* nisso aí?

– Mais ou menos, acredito em Deus. Às vezes faço minhas orações também.

– *Tu faz?*

– Às vezes faço.

– Mas *tu é* da religião católica? Quando eu era mais novo eu ia em tudo. Agora *minhas oração* faço pra Deus...

– Eu vi outro dia tinha um cara lá cuidando os carros na rua...

– *Tu viu?*

– Vi.

– Não tinha nada. Ninguém pode me ajudar, não dá nada mais lá...

– Mas quando tu eras mais novo *tu ia* em tudo então?

– Quando eu morava em Alvorada. É a mesma coisa todas *as religião*, o que vale é Deus. Não tenho crença nenhuma. Tudo é *os nome* que dão pra Deus. É Ogum... Qual é o outro, o Exum, não me lembro mais. O Ogum que é São Jorge é meu protetor...

– O Santo Guerreiro...

– Guerreiro... Tá rezando aí...

Referia-se a benzedeira que acabou terminando seu passe. Quando se dirigia a porta ele a interpelou:

- Pastora! Faz uma oração pra mim, pra minha saúde!

A pastora então se aproxima dele, ergue suas mãos em sua cabeça, com as palmas voltadas para baixo, para abençoá-lo.

– Senhor Deus, aqui estás diante de teu filho, nesta noite Senhor, coloco diante de tua presença, sei que ainda é de tarde, mas é considerado como noite. Apresentamos diante de ti, ó Senhor. Senhor, que tu venhas curar com teu sobrenatural, que tu venhas agir na saúde dele, que tu venhas curá-lo Senhor, restabelecer. Porque, Senhor Deus, ó Senhor, és um Deus de poder, um Deus de graça. Vai tocando ó Senhor, da ponta da cabeça até a planta dos pés. E onde estiver Paizinho, o espírito de fraternidade, eu o apreendo ó Senhor, e determino sobre a vida dele a tua graça, determino tua benção e tua unção. Que tudo seja restaurado, restabelecido, pela tua honra, ó meu Deus, pela tua glória. Entra Jesus com tua cura, entra com tua provisão, com tua bondade Pai, com tua misericórdia. Salva, Senhor,

cura, Senhor, liberta Senhor, é o que te peço Jesus. Para que teu nome seja honrado e glorificado. Em nome de Jesus, amém.

– Amém.

Bibiana então comenta com a pastora:

– Até ele pode ir *com nós* também.

– Sim.

– Eu vou... Quando *vê* eu vou mesmo. Eu rezo diferente... É bom uma oração feita com amor.

Concordo com ele.

– É bom né. Tá benzido então...

– ã?

– Tá benzido...

O neto de Bibiana senta conosco e puxa assunto sobre carros, casas, então nós 3 conversamos uma conversa amistosa, onde os 3 rimos por diversas vezes. O neto se retira dali a pouco, então questiono Gaudêncio:

– E se tu deixa de *ir lá na* rua não te tomam o ponto?

– Eu não to interessado em cuidar carro.

– Tá interessado em quê?

– Eu não to mais interessado em cuidar carro... Agora eu *vô* lá também segunda-feira...

– Vai segunda também?

– Aham. A rua não dá nada, ninguém se interessa...

– Do ponto tu diz?

– Das *muié*.

Gaudêncio demonstra que sua relação com a rua e cuidar carros é mais que meramente profissional. Quem sabe ali não encontre sua parceira que tanto deseja? Porque insiste em ir sem ter aonde ir ao banheiro, com quase nenhuma remuneração? Ali se encontra vivo, pode cantar, conversar, quiçá flertar.

Começa o movimento de janta, Bibiana chamando, seu neto comentando sobre esse fato. Percebo que talvez seja o momento de ir...

– E amanhã *tu vai* aparecer lá?

– Aonde?

– Na Paul Harris.

– Eu tenho que ir lá fora me consultar primeiro, se der tempo eu vou...

- Eu tô indo domingo.
- Embora?
- É. *Daí amanhã dou* uma passada lá pra gente trocar mais uma idéia.
- Aham... Pode passar.

Despedimos-nos e Gaudêncio entrou. Fui à parada sozinho, na qual, brevemente a condução que me levaria de volta para minha casa chegou.

#### 4.6 Os vigilantes

Sexta-feira, ao voltar pra casa depois do almoço, percebo que Gaudêncio está sentado no lugar onde o conheci. Ele olha para mim se levanta e me cumprimenta. Abano para ele e faço sinal para ele aguardar um pouco, que um pouco mais tarde passaria ali. A casa ficaria fechada por mais três meses, e ainda queria tentar salvar as plantas sobreviventes da casa, arrumar algumas coisas, para a viagem.

Depois de algumas coisas resolvidas – embora posteriormente quase todas as plantas tenham morrido, restando somente um pé de maracujá e um bouganville (quando estava lá dois ainda estavam vivos) –, desci para conversar com meu amigo. Desde a primeira vez queria ter conversado com ele ali e somente agora iria conseguir. Cheguei ligando o gravador já enquanto o cumprimentava, mas um senhor se dirigia a seu carro e ele foi prontamente acompanhá-lo. Quando voltou eu o aguardava sentado em um degrau em frente a uma garagem – local onde ele costuma ficar. Chegou dizendo:

– Não sei qual o auto que vai deixar um troquinho pra me ajudar. Vai deixar comigo...

Fica um tempo em silêncio e complementa:

- Não gostei de Santa Rosa no início quando fui pra lá...

– Não gostou?

– Gostei. Um paraíso...

– O quê que tinha lá que *tu gostava*?

– Meu irmão me levou lá na rodoviária, almoçar lá na rodoviária. Um paraíso. Fui lá na rodoviária na Cruzeiro, “comes Cruzeiro”, entrei e me servi na segunda sala. E lá na saída tava devendo, na caixa, e era uma moreninha coisa mais querida...

– *Tu tava* de olho na moreninha? Haha

– Tava hahaha Mas uma rica duma moreninha... Fala cara!

Cumprimentando um conhecido dele que se dirigia a nós, que chega pedindo:

– Tem cigarro aí?

Gaudêncio responde:

– Não... É do meu amigo...

Então, seu conhecido se dirige a mim. Percebo que está com um machucado no rosto próximo a sua boca. É um homem por volta dos 30 anos, branco, que estava com a camiseta de uma loja de motos da cidade, provavelmente funcionário da mesma.

– Tem um cigarro aí?

– Tenho cigarro aqui.

O tempo estava quente e eu estava com uma bermuda. Minha tatuagem na perna estava à mostra e ele perguntou com ares de ter gostado da mesma.

– E aí meu velho? E essa tatuagem aí?

– Do “Black Sabbath”.

– Oh. Quem é que fez essa aí em ti?

– O Feliz.

– Ali?

Apontando em direção ao antigo estúdio.

– Aham, mas não sei se ele está trabalhado pra lá ainda...

– Eu ia fazer uma dessas aí também, mas eu sou muito vagabundo, não tenho tempo pra ficar em cima de tatuagem...

Gaudêncio percebeu que ele estava machucado no rosto e prontamente pergunta:

– Que foi isso aí na tua boca?

– Meia dúzia de milico *me demoliram*...

– E aonde foi isso?

– Lá no mato pros lado da BR. Fui lá com um camarada meu. Tava fumando um baseado lá, que hoje em dia tá moderno né velho, é até remédio... E aí, chegaram e perguntaram onde é que *nós tinha* pegado a maconha. E eu falei: “– Com o homem do cavalo branco.” E eles perguntaram: “– Que homem do cavalo branco?”. E eu respondi: “– O homem do cavalo branco. O primeiro que o senhor sair aí e achar é ele”.

Todos rimos e, embora sua piada soasse como provocação, entendi a situação complicada em que se encontrava. Pergunto então com ares de concordância:

– Como é que *tu podia* entregar?

– Sim, como é que eu vou entregar com que eu peguei? Ei, *me demoliram* né cara...

Gaudêncio indignado:

– Te cagaram de pau?

– Bei! Me cagaram de pau eu e o Marcel. Nós uma hora da manhã no meio do mato, hahaha com um fogo dessa altura e vá maconha! Hahahaha

Gaudêncio questiona:

– Sei, sei... Mas te bateram na tua cabeça?

– Foi assim ó, eles levantavam minha cabeça e me davam com o cabo da “12” assim ó. Eu pensando assim: quantas vezes eles matam uns caras aí que depois passam por bandido? Porque eles pegam os miseráveis e demolem a pau cara... Se te assaltarem aí, se *tu tem* uma loja e te assaltarem, assaltarem tua loja e levarem 6000, eles vão lá, preenchem papel, e vem bem depois do assalto ainda. Agora, se é um pobre miserável que tá no mato eles vão lá e te cagam a pau...

Gaudêncio exclama:

– Uma vez lá em Alvorada encarei *cinco brigadiano*... Que se vieram pra cima de mim...

– Esse aqui encara mesmo, acho que até agora ele encara.

– Eu tive que me escorar na parede, porque marquei... e *os brigadiano* deram a volta pelas minhas costas... me deram soco, pontapé...

– *Tu já falou* pra ele da história que tu matou o cara lá?

– Já.

– Tu vê só como que são as coisas pro cara né... Pior que *tava certo* ele né velho, se o cara veio pra matar ele, como que faz?

– Aí eu conheci o Oriente, que era meu vizinho de lado. “– Que *tu veio* arrumar confusão aí, que foram os cara lá e vão avisar pra polícia”. E o outro diz assim pra mim: “– Eles vêm aqui pra te pegar Gaudêncio!”. E eu o outro falou assim pra mim: “– Vem, vem aqui pra te pegar, tu vai te defender com o facão?”. Em Jaguari era assim: *me roubavam* galinha, passava uma semana, depois iam lá em casa de novo... Daí, nós se botamos neles e *se metemo* de enxada...

– E dá até hoje dá heim...

– Enxada e pau...

– E esse aqui na faquinha é ligeiro... Bom, vou te deixar aqui pra *tu contar* tua história hahaha. Feito!

E seguiu andando em direção a esquina. Pergunto então a Gaudêncio:

– E esse camarada *tu conhece* da onde?

– Mora lá por volta... Meio bobão só... Boa tarde!

Cumprimentando uma senhora que passava na rua, a qual fingiu não tê-lo visto.

- Coisa mais sem educação!

Começa a cantar:

- “Coisinha que atenta os home, eu te escrevo meu amor. Eu peço que não repare a letra de um domador. Aqui vou levando a vida quebrando queixo de potro, manda me dizer querida, como é que eu to nesse corpo?”<sup>54</sup> Pois é cara, tá ruim a coisa. Tá ruim hoje.

– Tá fraco o movimento.

– Última vez que eu vim, última sexta eu tirei 10...

– 10 pila?

– Logo que eu vim aqui pra esse ponto eu tirava uns 20 e poucos, até 30. *Me dava* uma gorjeta limpinha. Agora não dá mais...

– Mas tu vinhas pra cá direto né?

– Todo dia. Mas cansei, cansei. Não *tô* bom pra cuidar carro...

– Não? Por quê?

– Porque não to bem, não to bem de saúde...

– Canseira nas pernas...?

– As pernas, a cabeça...

– Tá ruim da cabeça?

– Mais ou menos...

– Quê que está sentindo?

– Tem que tá muito tranquilo pra vim cuidar carro.

– Cuidar quem sai quem chega. Ficar andando de baixo pra cima... E lá pra baixo da rua tu não cuidas?

– Lá pra baixo não dá nada. Só até a entrada aquela, depois é o pessoal do “A Razão” [jornal da cidade]...

– Mas o pessoal vai dar um rádio pra ti né? Ou *tu deixou* pra arrumar?

– Vão me dar. Mas não vou vir mais, nem sei por que vim hoje, mas eu insisto...

– *Tu falou* que acha que tá meio ruim da cabeça, tu achas que o pessoal do Clubinho te ajuda nisso?

– Acho, eles me dão um remedinho, medem a pressão do cara...

– Todos os dias eles te medem a pressão?

– Quase sempre... *Me ajudam* lá... *Óh vizinha!*

---

<sup>54</sup> Música: Como é que eu to nesse corpo? Compositor e intérprete: Mano Lima. Álbum: **Troveiro do M'bororé**. Gravadora: Nova Trilha, 1989.

Cumprimentando uma mulher que se aproximava da garagem que estávamos sentados. Esta lhe responde:

– Tudo bom?

– Não tem uma moedinha pra mim aí?

– Agora não, talvez mais tarde, vou buscar minha guria na aula...

– A mais baixinha?

– É... Tem que pedir pra ela quando descer...

– Não, mas se o carro é seu vou pedir pra senhora. Aquela velhinha, que a velhinha me dá hoje...

Ficamos em silêncio e resolvo, por ser nossa última entrevista perguntar-lhe sobre sua filha. Bibiana tinha comentado e até agora nada ela havia me dito sobre isso.

– E de tua filha *tu não teve* mais notícias então?

– Mal cheguei a conhecer. Nunca tive notícias dela.

– Só quando nasceu?

– Quando ela tinha 16 anos teve na minha irmã. Disse que ia *vim* aqui em Santa Maria me conhecer, mas não veio até hoje.

– Então *tu teve* algum contato então com ela?

– Tive, tive... Tive nada! Que vá pra puta que o pariu mesmo! Não sei o que eu tinha na cabeça... Nunca *criei ela* mesmo... O quê que eu tinha na cabeça? Nunca fui ver ela.

Levanta-se e sai para acompanhar um carro que chegava. Na volta, conversa sobre a vizinha que lhe deu uma moeda.

– Gente boa a vizinha aí.

– E aqui na volta todo mundo te conhece?

Pede-me mais um cigarro, contrariando a velha máxima popular de “cavalo dado não se olha os dentes”, reclama:

– Esse teu *Marlboro* resseca muito a boca.

– *Vai me* dizer que resseca mais que teu *paiero*?

– Resseca.

– Mais?

– Bãh! Esse é forte, filtro amarelo. Porque o filtro é vermelho, mas não é vermelho, é amarelo...

Ficamos um tempo em silêncio e esse seria nosso último encontro antes de minha partida. Resolvi então perguntar:

– Como é que *tu conheceu* dona Bibiana?

– Conheço ela lá de Formigueiro...

– Ela é de lá?

– Ela é de lá de Formigueiro. E uma vez eu trabalhando nas lavouras de arroz em São Sepé, no finado Izaque. *Nós levantava* de manhã cedo trabalhava no corte, no corte de arroz. No tempo que o finado João Paulo trabalhava ainda era vivo, tinha o Wilian, o Adãozinho. E eu o Wilian levava os *steps* pra carregar nas carretas e levava o piá dele.

– E como é que vieram se encontrar em Santa Maria?

– Foi lá num cachorrão perto do Zeca lá...

– Na Jockey?

– Não na Planalto. E coisa vai e coisa vem... “– *Tu é* de Formigueiro tchê?”. “É sou de Formigueiro”. “– Minha mulher - e a família dela - é de Formigueiro”. E eu não tinha onde pousar e ele disse: “– Vamos lá que eu te dou uma pousada. Dorme comigo lá de qualquer jeito”. E me levou lá. Chegando lá era um paraíso, ninguém me incomodava. E eu bebia cara, me sentia melhor quando eu bebia do que do jeito que eu to, sem beber. Tomava um *sambinha*, uma cervejinha, um vinho... *E tu não bebe?*

– Eu bebo de vez em quando né tche...

– Mas pouco?

– É quando saio geralmente, quando tá muito quente uma cervejinha...

– Sim.

– Já tomei meus tragos quando era mais piá...

– Claro... Eu bebi bastante, gostava de beber *nuns boteco* nas estrada. Teve uma vez que eu caí, caí na faixa, lá na região donde eu morava. Dormi na faixa, onde eu tinha caído. *Me botou* no carro e me levaram lá na rodoviária velha. Aí, pedi pros guardas, os *brigadianos*, pra eu sair de lá, que eu já tinha melhorado. Aí disseram assim: “– A gente acorda um índio depois de amanhecer, um gaúcho que tava deitado na estrada perdido, nem sabe aonde que tava”, aí eu disse que eu conhecia, que só *ia na* esquina, peguei o ônibus e fugi deles, deitei o cabelo”! Porque se *tu corre* eles matam o cara. Eu não vou te dizer que nunca mais vou tomar um martelo de fruta. Dizer: “– Bota uma martelo aí!” ã? Pra nós não ficar... como é o dito??... não me lembro mais...

– Um martelinho?

– Um martelinho é bom... Tinha uma tia minha que morava aqui perto dizia pra mim que não fazia mal. Chegava atordoado ela dizia: “– Toma um traguinho Gaudêncio!” E eu tomava dois martelos e melhorava, ficava bem, bem!

– Então *tu tá* a fim de toma uma *canha*?

– Busca uma pra nós então hahahaha!

– Não, essa hora da tarde, nesse solação ainda! Hahaha

– Não, to brincando, não vou tomar nada. Tomo remédio. Agora mesmo tomei dois remédios.

– Tomou?

– Tomei.

– Tchê, que calor, *tu tem* uma caneca aí pra beber água?

– Tenho aí. Vem cá.

Leva-me até o pátio de entrada de um edifício que estava com a grade aberta, até um registro. Atrás do registro, havia um vidro cumprido alto, como pote de café solúvel, abriu a torneira, passou uma água pra lavar, tornou a encher, ofereceu-me. Bebi prontamente e questionei:

– Tu vais tomar também?

– Vou.

Bebe e exclama com um estalar de lábios:

- Tá bom!

– Que horas são Gaudêncio?

– Olha tchê, aqui são cinco e doze. Tem coisa pra fazer?

– Não, é que estou sem relógio.

– Acertei pelo teu aquele dia lá...

– Ah é... Sim...

– A menos que *tu tenha* me dito errado, pelo teu hahaha

– Hahaha

– Cinco da tarde ainda... Me dá um pito, pito me dá, pito.

– Já tá cheio de guimba ali no chão...

– “Mexe pra cá, mexe pra lá, que o fandango tá bonito e ...<sup>55</sup>” não me lembro mais...

– Óh... - Extendendo-lhe o cigarro. Nesse momento um catador de lixo aparece na esquina em um dos contêineres espalhados pela prefeitura para depósito de lixo, retirando as lixeiras das calçadas de diversos bairros.

---

<sup>55</sup> Capricha Gaiteiro. Compositor: Antônio Marques. Intérprete: Os Nativos. Álbum: No Batidão. Gravadora: Metromix, 2008.

– Isso aí é brabo pros caras que tão catando lixo. E o ganha-pão deles é isso aí... Tem muita gente que caga pra eles, tudo *aqueles rico* que nunca tiveram fome... Olha, vou lá...

Sai para conversar com um senhor que está saindo com um carro da rua. Volta cantando.

- “Mexe pra cá, mexe pra lá...”.

– Conseguiu um *troquinho* ali?

– Cinquenta centavos. Nunca vi, advogado parece que é tudo munheca...

– Não têm né...

– Não têm nadinha ainda. Daqui pelo menos eu enxergo lá oh...

– Pois é tchê...

– Quanto tempo faz que vocês moram no apartamento aí?

– Bah, faz um tempão. Desde noventa e quatro.

– Já faz um tempinho...

– Quase 18 anos. Vinha jogar bola quando era pequeno aqui.

– Não era calçado aí não?

– Já, já era calçado. E fim de semana, às vezes, fechavam a rua pra criançada brincar, faziam festa de Dia do Vizinho, depois nunca vi mais nada aí, nem 07 de setembro...

– Só em Brasília tem. Eles fecham a rua e enchem de lona do exército, em Charqueadas. Eu fiz isso quando tava no exército, mas nem cheguei a andar encarreirado... Se eu cansar e um filha da puta vier falar comigo eu não aceito ordem. Quantos anos tu tem? Vinte e sete anos?

– Vinte e oito. Hahahaha *tu me arranja* um pito?

Passava uma menina na rua e ele começou a cantar novamente:

– “Mexe pra cá, mexe pra lá...”.

– *Tu mexe* com essa guria aí e toma uns tapas depois...

– Oi?

– Mexe com a guria, facilita ela vêm te dar uns tapas...

– Só cantei a música, não mexi... hahaha “Mexe pra lá, mexe pra cá, que hoje eu quero é namorar...”

Não havido sido uma afronta a mulher, considero que tenha sido mais um cantar em tons de brincadeira comigo. Gaudêncio me alcança seu fumo e o papel para cigarros. Ponho-me a fazer um cigarro, quando o indago sobre seu fumo:

– Esse teu fumo é “Beija-Flor”?

– “Beija-Flor”. “Bela flor”, não é beija-flor. O Beija-Flor é melhor, esse é muito fraquinho...

Em um tom irônico pergunto:

– Muito fraquinho?

– Fraquinho não, é forte! Uma vez que não tinha colchonete pra dormi, “e eu não durmo no duro” - falava o vizinho... “– Não tem colchão?”, diz o vizinho. “– Eu sou batuqueiro, durmo no chão”, falei assim pro seu Alaor.

– Nos colchonetes? Aonde?

– *Os azul*, azul. Pra *nós sentar* na sombra. O isqueiro...

Passa alguém que o cumprimenta.

– Tudo bom?

Percebo a movimentação de um carro, e o aviso. Prontamente vai ao encontro do dono do carro.

– Não consegui nada... Nesse tempo todo nem meia caixa de fósforo hehehe.

– Nem pro pito... Seu Gaudêncio, eu vou nessa!

– Então tá meu amigo!

– Então tá, muito obrigado por tudo!

– Domingo tá indo?

– Sim domingo to indo, mas ainda tenho que comprar passagem ainda, tenho que ir à rodoviária comprar isso aí de uma vez.

– Vai amanhã?

– Não vou hoje ainda.

– Mas hoje é sexta.

– Sim, eu sei, por isso mesmo que vou hoje hahaha. Se cuide, tudo de bom...

– Boa viagem! Feito índio velho!

– Feito!

## **“NÃO VAI FICAR PRA SEMENTE QUEM NASCEU PRA VENTANIA”**

Pensar em um fechamento para essa pesquisa é uma batalha no mínimo difícil. Podemos, talvez, afirmar que finalizamos uma narrativa, um jeito de contar e experimentar no encontro modos de fazer andar a vida. Algumas pontuações puderam ser feitas quanto ao tema da saúde mental. Mas, como proposto, essa problemática foi uma linha de entrada no campo de trabalho. Campo que se escamou em uma miríade de experimentações de vidas interferindo no próprio processo de pesquisar. A quem e o que desconsertou esta experimentação no processo de pesquisar? Nas narrativas puderam comparecer passagens da vida de Gaudêncio(s), Lucas, Bibiana(s), viagens a vários rincões deste país, diferentes tempos insistiram e persistiram em se atualizar e, paradoxalmente, convocaram a criar com outras pessoas, histórias e vidas infames, novas narrativas.

Vidas. Afirmações de vidas encarnadas e impessoais transbordaram nesses nossos encontros. Experimentar construir com Gaudêncio uma relação muito diferente de pesquisador/colaborador, entrevistador/entrevistado, distante das práticas de pesquisa tradicionais, desconcertou o pesquisador. Melhor dizendo, inventou outro modo de ser pesquisador.

Vagar “com”, rir, cantar, irritar-se, sentir medo, duvidar, contrapor-se foram movimentos construídos na imanência dos encontros. Essa abertura proporcionada pela História Oral, que afirma a imanência produzida nas relações como método de pesquisa, proporcionou no “fazer” da pesquisa (re)posicionamentos e um grande processo de reinvenção subjetiva. Reinvenção essa que se expressa na convocação de uma análise de implicações em diversos momentos vivenciados, nas restituições realizadas com o personagem/narrador dessa história e pela abertura proporcionada em entrevistas focadas em diálogos parciais. Essas parcialidades foram também construídas no decorrer das entrevistas. Intercessores como Bibiana, os latidos de Madonna, o barulho dos carros na rua, a música e a poesia foram essenciais para a afirmação desta outra estética e política do narrar, do fazer História.

Afirmar a História Oral como ferramenta de pesquisa no campo da Reforma Psiquiátrica possibilitou trazer a tona indivíduos, modos de subjetivação, histórias constituintes desse processo em suas maioridades e minoridades. Narrativas diversas, díspares, vacilantes algumas vezes, que potencializam e convocam-nos a produzir e construir nos movimentos da contemporaneidade lembretes à/da própria história da Reforma Psiquiátrica Brasileira.

A gama de histórias que aí se abre, as denúncias, as alegrias, sonhos e cantos que se apresentam no percurso, trazem as vidas contidas nas transformações – geralmente omitidas em um historicismo padrão. Uma linha de fuga dentro de um campo de pesquisa um tanto saturado nos meios acadêmicos. Muito mais que no campo da Reforma Psiquiátrica, essa ferramenta está à disposição para qualquer campo que se busque pesquisar e também intervir. Lembrando que este é um modo de se contar essa história, muitos outros poderiam ter surgido e esperamos que outros modos estejam ainda por vir. O que aqui construímos como aposta foi operar aberturas no tema da Reforma buscando novos possíveis. Modos outros de narrar seus caminhos e vicissitudes.

É notável Gaudêncio não perceber diferenças nos tratamentos anteriores e posteriores ao movimento da Reforma Psiquiátrica. Seria esta uma questão circunscrita aos profissionais/pesquisadores do campo da Reforma? Fala que fugiu dos hospitais psiquiátricos nos quais era interno por não ter liberdade. Entretanto, ressalta que hoje tem “mais ou menos” a liberdade almejada. Dentro dessa liberdade “mais ou menos”, todos os dias úteis – com exceção das sextas-feiras à tarde – durante os dois turnos, frequenta o mesmo espaço no HUSM onde tantas vezes ficou internado. Mesmo sem demonstrar estar em “surto”, ainda assim é mantido em uma camisa de força medicamentosa extremamente visível em seu corpo, fala e ações. Preceitos higienistas, eugenistas e práticas como tortura aqui se apresentaram evidentes e quiçá corriqueiras também nos dias atuais.

Contudo, é notável a mudança nas práticas de cuidado com pacientes no campo da saúde mental. Gaudêncio volta pra casa todos os dias (quando não está internado), recebe o benefício do governo que lhe dá alguma garantia monetária para sua sobrevivência, é possível candidato a ida para uma Residência Terapêutica. Embora se torne evidente que o trabalho, de um modo geral, realizado no Clubinho sofra ainda com alguns resquícios de antigas práticas psiquiátricas e que possa ter colaborado para uma possível “cronificação ambulatorial” deste paciente. Foi possível também perceber em sua narrativa a falta de infraestrutura no serviço, no qual as enfermeiras substituem a professora – ainda que possamos crer que estes arranjos cotidianos possam se dar como estratégia dentro das condições dadas.

Esta pesquisa teve o propósito de apresentar o viés de um usuário na história em movimento da constituição da Reforma Psiquiátrica, por esse motivo, questões nevrálgicas referentes aos profissionais como salários, planos de carreira, contratações não entraram na

discussão. Ainda que saibamos que elas são fundamentais e interferiram de modo importante nos rumos e narrativas do movimento atual da Reforma Psiquiátrica no Brasil.

O processo de análise de implicações foi uma ferramenta primordial no caminhar desta pesquisa. Pois, possibilitou em meio aos percursos, e percalços, da pesquisa experimentar desafios éticos e processos de reinvenção de si. Como método sustentou e potencializou uma constante análise do que foi feito, narrado e escolhido para compor as narrativas.

Muito mais que um objeto de pesquisa, nosso entrevistado rendeu-nos boas risadas, cantorias, tensões e alguma despesa a mais por conta dos cigarros. Contudo, despesa retribuída por ceder seu fumo e papel para que fumássemos quando ficamos sem cigarro.

Muitas coisas e gostos nos aproximaram. Compartilharmos a água de seu copo improvisado, o violão, músicas e histórias regionais, o cigarro. Sua região natal era a mesma do meu pai e conhecida por mim. Tudo isto e tudo mais que pudemos construir, sem provisões e previsões, talvez tenha nos possibilitado entender o “puxar de faca” como proteção e não agressão ou intimidação. Ou talvez como um teste. Um teste-convite para cavalgar pra fora e quem sabe escutar o som da trompa convocando a outras viagens-narrativas.

A música que surge com o vai e vem dos carros e das mulheres não seria percebida em uma pesquisa que mantivesse uma pauta fixa, sem abrir-se para as estórias menores que estavam por vir. Esse permitir-se vagar proposto pela História Oral, pelos diversos campos como da literatura, da arte, da música, das lendas, da poesia, proporcionou-nos uma viagem extremamente interessante e criou a necessidade de cavalgar sem rumo.

Neste cavalgar, a história foi pensada como lembretes. Buscando sempre relações que possam ter vindo a interferir na vida de Gaudêncio. Sejam as histórias referentes às modificações no discurso e práticas psiquiátricas, na política que alterou drasticamente o plano social de vida do brasileiro, sejam as produções discursivas que alimentam práticas eugênicas, higienistas e até mesmo reformistas. Todas essas instituições estiveram presentes na constituição de sua vida e nelas, com elas, para além e aquém delas. Gaudêncio parece não ter perdido, por assim dizer, o encanto para a vida - a paquera com as enfermeiras, a música de seu violão, a conversa com seus conhecidos – demonstra sim que a vida segue lá pulsando como potência. Como outrora citado, precisamos da história como uma planta que necessita da luz, mas também de seus momentos de escuridão.

Interessa-nos, aqui, propor um fechamento que assuma um aspecto de abertura. Abertura a estas histórias menores que forjaram a vida de Gaudêncio Sete Luas - entre

tantas interações, prisões, mudanças e trabalhos. Em meio às brigas que o constituíram e às diversas instituições presentes em sua vida. Uma abertura e porosidade a novos questionamentos que possam daí surgir, aos medos presentes nele e nas pessoas que o acolheram. Medos também que se fizeram presentes em mim.

Diversos narradores estão aqui presentes e diversos “Lucas”, “Gaudêncios” e “Bibianas” também acompanharam essa construção. Diversos saberes também nos acompanharam e, nessa troca, é preciso afirmar novamente o quão importante foram essas diversidades de intercessores nesse fazer pesquisa. Uma pesquisa que tentou muito mais do que deixar Gaudêncio “pra semente” embarcar com ele para a ventania.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AMARANTE, Paulo. Uma aventura no manicômio: a trajetória de Franco Basaglia. **História, Ciências, Saúde – Moranguinhos**. Rio de Janeiro, p. 61-77, jul.-out. 1994. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0104-59701994000100006&lng=pt&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-59701994000100006&lng=pt&nrm=iso)

\_\_\_\_\_. Rumo ao fim dos manicômios. In: **Revista Mente&Cérebro**, setembro de 2006, p. 31-35. Disponível em: [www.mentecerebro.com.br](http://www.mentecerebro.com.br) Acessos em 24 de junho de 2011.

ALMEIDA, L. P. Subjetividade e o escrever, um ensaio sobre a experiência literária. In: **Revista Brasileira de Literatura Comparada**, n.12, 2008.

ARTAUD, Antonin. **Carta aos poderes**. Tradução Irineu Corrêa Maisonnave. Porto Alegre: Editorial Villa Martha, 1979.

BAKHTIN, Mikhail. **Marxismo e filosofia da linguagem**: problemas fundamentais do método sociológico da linguagem. Tradução Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira, colaboração Lúcia Teixeira Wisnik e Carlos Henrique D. Chagas Cruz. 14 ed. São Paulo: Hucitec, 2010.

BARROS, R. Benevides; PASSOS, E. A humanização como dimensão pública das políticas de saúde. **Cadernos de Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 10, n. 3, p. 561-571, 2005a.

\_\_\_\_\_. Humanização na saúde: um novo modismo? In: **Interface-Comunicação, Saúde, Educação**, São Paulo, v. 9, n. n.17, p. 389-394, 2005.

BENJAMIN, W. **Magia e técnica, arte e política**: Ensaio sobre literatura e história da cultura. Tradução Sergio Paulo Rouanet. Obras escolhidas, vol. 1, 7 ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.

BRASIL. Decreto-lei n. 4.778. Estatutos da Liga Brasileira de Higiene Mental. Capítulo I: denominação, organização, sede e fins da Liga. **Arquivos Brasileiros de Higiene Mental**, Rio de Janeiro, v. 1, n. 1, p. 223-234, 1925.

BRAUN, J. C. Meu pedido. In: Álbum **Paisagens perdidas**. Gravadora: ACIT, 1993 (CD Room). Faixa 14.

COIMBRA, M. B. “Direitos Humanos: Panorama Histórico e Atualidade – Palestra realizada no Seminário ‘Psicologia e Direitos Humanos’”, promovido pelo CRP – 06 e Programa de Pós-Graduação em Psicologia da FFCLRP – USP, em Ribeirão Preto (SP), em agosto de 1999. Disponível em: <http://www.slab.uff.br/textos/texto46.pdf>. Acesso em: 22 maio de 2012 às 16:00h.

COIMBRA, Cecília Maria Bouças. Doutrinas de segurança nacional: banalizando a violência. **Psicol. estud.**, Maringá, v. 5, n. 2, 2000. Disponível em <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1413-73722000000200002&lng=pt&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-73722000000200002&lng=pt&nrm=iso)>. Acessos em 22 maio 2012.

COIMBRA, Cecília Maria Bouças. Tortura ontem e hoje: resgatando uma certa história. **Psicol. estud.**, Maringá, v. 6, n. 2, dez. 2001. Disponível em [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1413-73722001000200003&lng=pt&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-73722001000200003&lng=pt&nrm=iso)>. Acessos em 22 maio 2012.

COIMBRA, C. Práticas “psi” no Brasil do “milagre”: algumas de suas produções. **Mnemosine**. Vol. 1, nº0, p.48-52, 2004.

COIMBRA, C.M.B.; VITAL BRASIL, V. – Exumando, identificando os mortos e desaparecidos políticos: uma contribuição do GTNM/RJ para o resgate da Memória, artigo no prelo – 2006. Disponível em <http://www.slab.uff.br/textos/texto58.pdf>. Acessos dia 22 de maio de 2012.

DELEUZE, G. **Crítica e clínica**. Tradução Peter Pál Pelbart. São Paulo: Editora 34, 1997.

\_\_\_\_\_. Os intercessores. In: **Conversações**. Rio de Janeiro: 34. Letras, 1992, p.151-168.

\_\_\_\_\_. Lo que dicen los niños. In: **Crítica y clínica**. Barcelona: Anagrama, 1996. p. 89-97.

DELEUZE, G; GUATTARI, F. Introdução: rizoma. In: **Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia**, vol. 1. Tradução Aurélio Guerra Neto; Celia Pinto Costa. Rio de Janeiro: Editora 34, 1996, p. 11 - 37.

\_\_\_\_\_. 28 de novembro de 1947 – como criar para si um corpo sem órgãos. In: **Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia**, vol. 3. Tradução Aurélio Guerra Neto; Celia Pinto Costa. Rio de Janeiro: Editora 34, 1996a, p. 9 - 29.

\_\_\_\_\_. Ano Zero - Rostidade. In: **Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia**, vol. 3. Tradução Aurélio Guerra Neto; Celia Pinto Costa. Rio de Janeiro: Editora 34, 1996b, p. 28 – 57.

\_\_\_\_\_. **Kafka – para uma literatura menor**. Tradução Rafael Godinho. Lisboa: Assírio & Alvim, 2003.

DELEUZE, G; PARNET, C. **Diálogos**. Lisboa: Relógio D’água, 2004.

DIMENSTEIN, Magda. A reorientação da atenção em saúde mental: sobre a qualidade e humanização da assistência. **Psicol. cienc. prof.**, Brasília, v. 24, n. 4, dez. 2004. Disponível em <[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1414-98932004000400013&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-98932004000400013&lng=pt&nrm=iso)>. acessos em 28 jul. 2011.

DOYLE, I. Normalidade – neurose – psicose – psicopatia. **Jornal Brasileiro de Psiquiatria**. Rio de Janeiro, 1954, v. III, n.4, p.396-415.

FERREIRA, J. A Legalidade Traída: os dias sombrios de agosto e setembro de 1961. In: **Tempo**. Vol.2, nº 3. Rio de Janeiro, 1997.

FERREIRA NETO, J. L. Uma genealogia do presente da formação do psicólogo brasileiro: contribuições foucaultianas. **Memorandum**. n. 18, 130-142, 2010. Disponível em <http://www.fafich.ufmg.br/~memorandum/a18/ferreiraneto01.pdf>. Acessos em 23 de maio de 2012.

FOUCAULT, Michel. “O que são as luzes?” *In: Ditos e escritos*, vol. II. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2000, p. 335 - 351.

\_\_\_\_\_. Prefácio à Transgressão. *In: Ditos e Escritos*, vol. III. Estética: Literatura e Pintura, Música e Cinema. Rio de Janeiro, Forense Universitária, 2001, p. 28-46

\_\_\_\_\_. **Vigiar e punir**. Petrópolis: Editora Vozes, 2004.

HAESBAERT, R. ; BRUCE, G. **A Desterritorialização na obra de Deleuze e Guattari**. GEOgraphia, Niterói, v. 7, 2002.

HECKERT, A. L. C. **Narrativas e Resistências: Educação e Políticas**. Tese (Doutorado em Educação) Universidade Federal Fluminense, Niterói-RJ, 2004.

KAFKA, F. **A metamorfose**. Porto Alegre: L&PM, 2011.

\_\_\_\_\_. **Narrativas do espólio**. São Paulo: Companhia das letras, 2002.

LOBO, L. Por uma Vida Acadêmica não Fascista. *In: Nascimento, Maria Livia do. Pivetes - a produção de infâncias desiguais*. Rio de Janeiro, Oficina do Autor; Niterói, Intertexto, 2002. Disponível em <<http://www.slab.uff.br/textos/texto32.pdf>>. Acessos dia 15 de setembro de 2011.

LOBO, L. A. Movimento Eugênico: tribunal de todos os desvios. *In:\_\_\_\_\_.* *Clio-Psyché* paradigmas: historiografia, psicologia, subjetividades. Rio de Janeiro: Relume Dumará; FPAERJ, 2003, p. 203-213.

LOBOSQUE, Ana Marta. **Experiências da loucura**. Rio de Janeiro: Garamond, 2001.

LOPES, I. C. Aspectos eugênicos e psico-higiêncios na constituição da família. **Jornal Brasileiro de Psiquiatria**. Rio de Janeiro, 1962, v. XI, n.3 e 4, p .257 - 262.

LOPES, C. G. Contornos do imaginário: imagens do índio do Rio Grande do Sul na literatura brasileira. *In: SILVA, G. F; PENNA, R; CARNEIRO, L. C.(Org).* **RS índio: cartografias da produção de conhecimento**. Porto Alegre, Ed. ediPUCRS, 2009, p. 29 - 38.

LOURAU, R. **Análise institucional e práticas de pesquisa**. Rio de Janeiro, RJ: Editora da Universidade Estadual do Rio de Janeiro, 1993.

NETO, J. S. L. **Contos gauchescos e lendas do sul**. Porto Alegre: L&PM, 1998.

NEVES, C. A. Modos de interferir no contemporâneo: um olhar micropolítico. *In: Arquivos Brasileiros de Psicologia*, v. 56, n. 1, 2004.

\_\_\_\_\_. **Interferir entre desejo e capital**. Tese (Doutorado em Psicologia Clínica) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo: São Paulo, 2002.

NIETZSCHE, F. **Escritos sobre a história**. Editora PUC Rio: Rio de Janeiro, 2005.

\_\_\_\_\_. Sobre a verdade e mentira no sentido extra moral. In: **O Livro do Filósofo**. Ed. Moraes, São Paulo, 1988 .

OLIVEIRA, J. A. M., PASSOS, E. A implicação de serviços de saúde mental no processo de desinstitucionalização da loucura em Sergipe. In: **Vivência: Natal** , v.1, p.259 - 275, 2007.

PASSOS, E.; BARROS, R. B. **A construção do plano da clínica e o conceito de transdisciplinaridade**. Psicologia: Teoria e Pesquisa, Brasília, v. 16, n. 1, p. 71-79, 2000. Disponível em < <http://www.slab.uff.br/textos/texto1.pdf>>. Acessos em 15 de setembro de 2011.

\_\_\_\_\_. Por uma política da narratividade. In: PASSOS, E. et al. (Org.). **Pistas do método da cartografia: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade**. Porto Alegre: Sulina, 2009. p. 151 - 172.

PORTELLI, A.. Philosophy and the facts. Subjectivity and narrative form in autobiography and oral history. In: **The battle of Valle Giulia: oral history and the art of dialogue**. Madison: University of Wisconsin Press, 1997a, p. 79-88.

\_\_\_\_\_. O que faz a História Oral diferente. In: Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em História e o Departamento de História - PUC/SP, **Projeto História nº 14**, São Paulo: EDUC, 1997b.

\_\_\_\_\_. Tentando aprender um pouquinho. Algumas reflexões sobre a ética na história oral. In: **Projeto História nº 15**. Ética e História Oral. Abril, 1997c.

\_\_\_\_\_. Memória e diálogo: desafios da história oral para a ideologia do século XXI. In: FERREIRA, M.M.; FERNANDES, T.M.; ALBERTI, V. (Orgs.) – **História Oral: desafios para o século XXI**. Rio de Janeiro: Fiocruz/Casa de Oswaldo Cruz/FGV, 2000. p. 67-71.

\_\_\_\_\_. História Oral como gênero. In: **Projeto História**, São Paulo: EDUC, n. 22, p. 9 – 36, jun. 2001.

QUINTANA, M. **Caderno h**. Porto Alegre: Editora Globo, 1983.

RODRIGUES, H. C. de B. O Homem sem qualidades - história oral, memória e modos de subjetivação. In: **Estudos e pesquisas em psicologia**, UERJ, RJ, ANO 2, N. 2, 2º SEMESTRE DE 2004.

\_\_\_\_\_. A história oral como intercessor: em favor de uma dessujeição metodológica. **Estud. pesqui. psicol.**, Rio de Janeiro, v. 10, n. 1, abr. 2009. Disponível em<[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1808-42812010000100013&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1808-42812010000100013&lng=pt&nrm=iso)>. Acessos em 15 setembro de 2011.

SADER, Eder. **Quando novos personagens entraram em cena: experiências e lutas dos trabalhadores da grande São Paulo 1970-1980**. 4.ed. São Paulo: Paz e Terra, 2001.

SCARPARO, H; HERNANDEZ, A. Da força bruta à voz ativa: A conformação da Psicologia no Rio Grande do Sul nas décadas da repressão política. **Mnemosine**. Vol.3, nº1, 2007, p. 156-182.

SOUZA, M. L; BOARINI, M. L. A deficiência mental na concepção da liga brasileira de higiene mental. **Rev. Bras. Ed. Esp.**, Marília, Mai.-Ago. 2008, v.14, n.2, p.273-292.

VERÍSSIMO, E. **O continente**. Vol. 1, 22ª edição. Porto Alegre: Editora Globo, 1982.

VIEIRA, S. S. **Saúde Mental e Atenção Básica**: o cuidado como criação de cantos no território. Dissertação (Mestrado em Psicologia). Universidade Federal Fluminense, Niterói-RJ, 2009.

**APÊNDICE I** – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido para a participação em pesquisa. Aprovado – assim como este Projeto de Pesquisa - pelo Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da Faculdade de Medicina da Universidade Federal Fluminense, tendo sede no Hospital Universitário Antônio Pedro; contendo o CAAE

número: 01983512.8.0000.5243; segunda versão; número do parecer: 48449; data de relatoria: 01/06/2012.

UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE  
 INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E FILOSOFIA  
 PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA  
 MESTRANDO: LUCAS VIEIRA RORATTO

Campus do Gragoatá - Rua Prof. Marcos Waldemar de Freitas Reis, s/n, bloco O, sala 214  
 - Gragoatá - Niterói - RJ - CEP: 24210-201 – Brasil  
 Telefone - (0XX21) 2629-2830

## **TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO PARA PARTICIPAR DE PESQUISA**

**Título da Pesquisa:** REFORMA PSIQUIÁTRICA – MOVIMENTO HISTÓRICO E CONTEMPORÂNEO. Narrativas de uma vida.

**Autor:** Lucas Vieira Roratto

**Orientadora:** Cláudia Elizabeth Abbês Baeta Neves

**Objetivo:** Pesquisar o movimento da Reforma Psiquiátrica - da criação, aos dias de hoje – pela história de vida de um usuário do Sistema Único de Saúde, que vivenciou e vivencia esse processo.

Eu, \_\_\_\_\_, registro geral n.: \_\_\_\_\_, Santa Maria, Rio Grande do Sul, aceito participar voluntariamente da pesquisa acima mencionada. Estou ciente de que tenho a liberdade para interromper a minha participação da pesquisa a qualquer momento, sem incorrer em nenhuma penalidade e que a minha participação no estudo não envolve gastos financeiros ou qualquer tipo de prejuízo. Tenho conhecimento da garantia do anonimato que assegura a minha privacidade como participante da pesquisa.

Eu li e entendi todas as informações sobre este estudo e estou ciente de que receberei esclarecimentos em todas as fases da pesquisa e que o pesquisador, cujos telefones se encontram abaixo se coloca à disposição para esclarecer eventuais dúvidas.

Nome do entrevistado: \_\_\_\_\_

Assinatura: \_\_\_\_\_

Local/data: \_\_\_\_\_

Nome do Pesquisador: Lucas Vieira Roratto

Assinatura: \_\_\_\_\_

Local/data: \_\_\_\_\_

Telefone para contato: (55)XXXXXXXXX (21)XXXXXXXXX

Email: lucasvieiraroratto@hotmail.com

Endereço(1): Santa Maria/ RS.

Endereço(2): Niterói/RJ.

**APÊNDICE II** - Lista de músicas citadas na pesquisa

Pg. 5. Música: *Como la cigarra*. Poema: Elena Walsh; Música e interpretação: Mercedes Sosa. Álbum: ***Siempre: Una vida em canciones***. Gravadora: UNIVERSAL, 2009.

Pg. 11. Música: A vida do viajante. Compositores: Luiz Gonzaga; Gonzaguinha. Álbum: **LUIZ GONZAGA & GONZAGUINHA**. Gravadora: EMI-Odeon, 1981.

Pg. 32. Música: Pealo de sangue. Compositor e intérprete: Raul Ellwanger. Álbum: **GAUDÉRIO**. Gravadora: Som Livre-RBS, 1984

Pg. 33. Música: É disso que o velho gosta. Compositora e intérprete: Berenice Azambuja. Álbum: **ROMANCE DE TERRA E PAMPA**. Gravadora: CHANTECLER, 1980.

Pg. 38. Música: Gaudêncio Sete Luas. Compositores: Luiz Coronel e Marco Aurélio Vasconcelos. Interpretada por Leopoldo Rassier e Lúcia Helena. Álbum: **I Califórnia da Canção Nativa**. Gravadora: COPACABANA DISCOS DO BRASIL, 1972.

Pg. 59. Música: Acorda amor. Compositores Julinho da Adelaide (Chico Buarque); Leonel Paiva. Intérprete: Chico Buarque. Álbum: **Chico 50 Anos: O Político**. Gravadora: UNIVERSAL, 1994.

Pg. 64. Música: Não *podemo* se entregar pros home. Letra: Humberto Gabbi Zanatta. Música: Francisco Alves e Francisco Scherer. Intérprete: Leopoldo Rassier. **XII Califórnia da Canção Nativa**. Gravadora: COPACABANA DISCOS DO BRASIL, 1983.

Pg. 87. Luíza. Compositor e intérprete: Tom Jobim. Álbum: **SONGBOOK TOM JOBIM**. Disco 5. Gravadora Lumiar Discos, 1996.

Pg. 94. Música: *Sandra*. Compositor: Gilberto Gil. Álbum: **REFAVELA**. Gravadora: Phonogram, 1977.

Pg. 108. Música: Semeadura. Compositores: Vitor Ramil; José Fogaça. Interpretre: Vitor Ramil. Álbum: **Kleitton & Kleidir**. Gravadora: Ariola, 1981.

Pg. 110. Música: Da lama ao caos. Compositores e intérpretes: Chico Science; Nação Zumbi. Álbum: **CHICO SCIENSE & NAÇÃO ZUMBI da lama ao caos**. Gravadora: Chaos/Sony Music, 1994.

Pg. 112. Música: Menino da porteira. Compositores: Teddy Vieira; Luizinho. Intérprete: Sérgio Reis. Álbum: **O MENINO DA PORTEIRA**. Gravadora: RCA, 1975.

Pg. 113. Música. A gaiivota. Compositores: Léo Canhoto; Robertinho. Álbum: **LÉO CANHOTO & ROBERTINHO**. Gravadora: RCA, 1975.

Pg. 116. Música: Só restou. Compositores: José Hilário Retamozzo; Marco Aurélio Vasconcellos. Intérpretes: Os Posteiros. Álbum: **XI Califórnia da Canção Nativa**. Gravadora: COPACABANA DISCOS DO BRASIL, 1982.

Pg. 117. Música: *Recuerdos* da 28. Compositores: Knelmo Alves; Francisco Alves. Intérpretes: Juarez Brasil e grupo Os Gaudérios. Álbum: **X Califórnia da Canção Nativa**. Gravadora: COPACABANA DISCOS DO BRASIL, 1981.

Pg. 120. Música: Louco por chamamé. Compositor e intérprete: Cristiano Quevedo. Álbum: **Pra quem tapeia o chapéu**. Gravadora: ACIT, 2002.

Pg. 120. Música: Chico mineiro. Compositores: Tônico, Francisco Ribeiro. Intérpretes: Tônico & Tinoco. Álbum: **Viola Minha Viola, Volume 1**. Gravadora: Atração, 2005.

Pg. 131. Música: Como é que eu to nesse corpo. Compositor e intérprete: Mano Lima. Álbum: **Troveiro do M'bororé**. Gravadora: Nova Trilha, 1989.

Pg. 135. Música: Capricha Gaitero. Compositor: Antônio Marques. Intérprete: Os Nativos. Álbum: **No Batidão**. Gravadora: Metromix, 2008.

## ANEXO I

### O Negrinho do Pastoreio

Naquele tempo os campos ainda eram abertos, não havia entre eles nem divisas nem cercas; somente nas volteadas se apanhava a gadaria xucra e os veados e as avestruzes corriam sem empecilhos...

Era uma vez um estancieiro, que tinha uma ponta de surrões cheios de onças e meias-doblas e mais muita pradaria; porém muito caufla e muito mau, muito.

Não dava pousada a ninguém, não emprestava um cavalo a um andante; no inverno o fogo da sua casa não fazia brasas; as geadas e o minuano podiam entanguir gente, que a sua porta não se abria; no verão a sombra dos seus umbus só abrigava os cachorros; e ninguém de fora bebia água das suas cacimbas.

Mas também quando tinha serviço na estância, ninguém vinha de vontade de dar-lhe um auxílio; e a campeirada folheira não gostava de conchavar-se com ele, porque o homem só dava para comer um churrasco de tourito magro, farinha grossa e erva-caúna e nem um naco de fumo... e tudo, debaixo de tanta somiticaria e choradeira, que parecia que era seu próprio couro que ele estava lonqueando...

Só para três viventes ele olhava nos olhos: era paro o filho, menino cargoso como uma mosca, para um baio cabos-negros, que era seu parheiro de confiança, e para um escravo, pequeno ainda, muito bonitinho e preto como carvão e a quem todos chamavam somente o – Negrinho.

A este não deram padrinhos nem nome; por isso o Negrinho se dizia afilhado da Virgem, Senhora Nossa, que é madrinha de quem não a tem.

Todas as madrugadas o Negrinho galopeava o parheiro baio; depois conduzia os avios do chimarrão e à tarde sofria os maus tratos do menino, que o judiava e se ria.

\*\*\*

Um dia, depois de muitas negaças, o estancieiro atou carreira com um seu vizinho. Este queria que a parada fosse para os pobres; o outro que não, que não! que a parada devia ser do dono do cavalo que ganhasse. E trataram: o tiro era trinta quadras, a parada, mil onças de ouro. No dia aprazado, na cancha da carreira havia gente como em festa de santo grande.

Entre os dois parheiros a gauchada não sabia se decidir, tão perfeito era e bem lançado cada um dos animais. Do baio era a fama que quando corria, corria tanto, que o

vento assobiava-lhe nas crinas; tanto, que só se ouvia o barulho, mas não se lhe viam as patas baterem no chão... E do mouro era voz que quanto mais cancha, mais agüente, e que desde a largada ele ia ser como um laço que se arrebenta...

As parcerias abriram as guaiacas, e aí no mais já se apostavam aперos contra rebanhos e redomões contra lenços.

- Pelo baio! Luz e doble!

- Pelo mouro! Doble e luz!...

Os corredores fizeram as suas partidas à vontade e depois as obrigadas; e quando foi na última, fizeram ambos a sua senha e se convidaram. E amagando o corpo, de rebenque no ar, largaram, os parelheiros meneando os cascos, que parecia uma tormenta...

- Empate! Empate! – gritavam os aficionados ao longo da cancha por onde passava a parelha veloz, compassada como numa colhera.

- Valha-me a Virgem madrinha, Nossa Senhora! – gemia o Negrinho. – Se o sete-léguas perde, o meu senhor me mata! Hip! hip! hip!...

E baixava o rebenque, cobrindo a marca do baio.

- Se o corta-vento ganhar é só para os pobres!... – retrucava o outro corredor. Hip! hip!

E cerrava as esporas no mouro.

Mas os fletes corriam, compassados como numa colhera. Quando foi na última quadra, o mouro vinha arrematado e o baio vinha aos tirões... mas sempre juntos, sempre emparelhados.

E a duas braças da raia, quase em cima do laço, o baio assentou de supetão, pôs-se em pé e fez uma cara-volta, de modo que deu ao mouro tempo mais que preciso para passar, ganhando de luz aberta! E o Negrinho, de em pêlo, agarrou-se como um ginetaço.

- Foi mau jogo! – gritava o estancieiro.

- Mau jogo! – secundavam os outros da sua parceria.

A gauchada estava dividida no julgamento da carreira; mais de um torena coçou o punho da adaga, mais de um desapresilhou a pistola, mais de um virou as esporas para o peito do pé... Mas o juiz, que era um velho do tempo da guerra de Sepé-Tiarajú, era um juiz macanudo que já tinha visto muito mundo. Abanando a cabeça branca sentenciou para todos ouvirem:

- Foi na lei! A carreira é de parada morta; perdeu o cavalo baio, ganhou o cavalo mouro! Quem perdeu que pague. Eu perdi cem gateadas; quem as ganhou venha buscá-las. Foi na lei!

Não havia o que alegar. Despeitado e furioso, o estancieiro pagou a parada, à vista de todos, atirando as mil onças de ouro sobre o poncho de seu contrário, estendido no chão.

E foi um alegrão por aqueles pagos, porque logo o ganhador mandou distribuir tambeiros e leiteiras, côvados de baeta e baguais, e deu o resto, de mota, ao pobrerio. Depois as carreiras seguiram com o changueiritos que havia.

\*\*\*

O estancieiro retirou-se para a sua casa e veio pensando, pensando, calado, em todo o caminho. A cara dele vinha lisa, mas o coração vinha corcoveando como touro de banhado laçado a meia espalda... O trompaço das mil onças tinha-lhe arrebetado a alma.

E conforme apeou-se, da mesma vereda mandou amarrar o Negrinho pelos pulsos a um palanque e dar-lhe, dar-lhe uma surra de relho.

Na madrugada saiu com ele e quando chegou no alto da coxilha falou assim:

- Trinta quadras tinha a cancha da carreira que tu perdeste: trinta dias ficarás aqui pastoreando a minha tropilha de trinta tordilhos negros... O baio fica de piquete na sogá e tu ficarás na estaca!

O Negrinho começou a chorar, enquanto os cavalos iam pastando.

Veio o sol, veio o vento, veio a chuva, veio a noite. O Negrinho, varado de fome e já sem força nas mãos, enleou a sogá num pulso e deitou-se encostado a um cupim.

Vieram então as corujas e fizeram roda, voando, paradas no ar, e todas olhavam-no com os olhos reluzentes, amarelos na escuridão. E uma piou e todas piaram, como rindo-se dele, paradas no ar, sem barulho nas asas.

O Negrinho tremia, de medo... porém de repente pensou na sua madrinha Nossa Senhora e sossegou e dormiu.

E dormiu. Era já tarde da noite, iam passando as estrelas; o Cruzeiro apareceu, subiu e passou; passaram as Três-Marias; a estrela-D'alva subiu... Então vieram os guaraxains ladrões e farejaram o Negrinho e cortaram a guasca da sogá. O baio sentindo-se solto rufou a galope, e toda a tropilha com ele, escaramuçando no escuro e deguaritando-se nas canhadas.

O tropel acordou o Negrinho; os guaraxains fugiram, dando berros de escárnio.

Os galos estavam cantando, mas nem o céu nem as barras do dia se enxergava: era a cerração que tapava tudo.

E assim o Negrinho perdeu o pastoreio. E chorou.

\*\*\*

O menino maleva foi lá e veio dizer ao pai que os cavalos não estavam. O estancieiro mandou outra vez amarrar o Negrinho pelos pulsos a um palanque e dar-lhe, dar-lhe outra surra de relho.

E quando era já noite fechada ordenou-lhe que fosse camperear o perdido. Rengueando, chorando e gemendo, o Negrinho pensou na sua madrinha Nossa Senhora e foi ao oratório da casa, tomou o coto de vela aceso em frente da imagem e saiu para o campo.

Por coxilhas e canhadas, na beira dos lagoões, nos paradeiros e nas restingas, por onde o Negrinho ia passando, a vela benta ia pingando cera no chão e de cada pingo nascia uma nova luz, e já eram tantas que clareavam tudo. O gato ficou deitado, os touros não escarvaram a terra e as manadas xucras não dispararam... Quando os galos estavam cantando, como na véspera, os cavalos relincharam todos juntos. O Negrinho montou no baio e tocou por diante a tropilha, até a coxilha que o seu senhor marcara.

E assim o Negrinho achou o pastoreio. E se riu...

Gemendo, gemendo, o Negrinho deitou-se encostado ao cupim e no mesmo instante apagaram-se as luzes todas; e sonhando com a Virgem, sua madrinha, o Negrinho dormiu. E não apareceram nem as corujas agoureiras nem os guaraxains ladrões; porém pior do que os bichos maus, ao clarear o dia veio o menino, filho do estancieiro e enxotou os cavalos, que dispersaram, disparando campo fora, retouçando e desguaritando-se nas canhadas.

O tropel acordou o Negrinho e o menino maleva foi dizer ao seu pai que os cavalos não estavam lá...

E assim o Negrinho perdeu o pastoreio. E chorou...

\*\*\*

O estancieiro mandou outra vez amarrar o Negrinho pelos pulsos, a um palanque e dar-lhe, dar-lhe uma surra de relho... dar-lhe até ele não mais chorar nem bulir, com as carnes recortadas, o sangue vivo escorrendo do corpo... O Negrinho clamou pela Virgem sua madrinha Senhora Nossa, que chorou no ar como uma música, e parece que morreu...

E como já era de noite e para não gastar a enxada em fazer cova, o estancieiro mando atirar o corpo do Negrinho na panela de um formigueiro, que era para as formigas devorarem-lhe a carne e o sangue e os ossos... E assanhou bem as formigas; e quando elas, raivosas, cobriram todo o corpo do Negrinho e começaram a trincá-lo, é que então ele se foi embora, sem olhar para trás.

Nessa noite o estancieiro sonhou que ele era ele mesmo, mil vezes e que tinha mil filhos e mil Negrinhos, mil cavalos baios e mil vezes onças de ouro... e que tudo isso cabia folgado dentro de um formigueiro pequeno...

Caiu a serenada silenciosa e molhou os pastos, as asas dos pássaros e a casca das frutas.

Passou a noite de Deus e veio a manhã e o sol encoberto.

E três dias houve cerração forte, e três noites o estancieiro teve o mesmo sonho.

\*\*\*

A peonada bateu o campo, porém ninguém achou a tropilha e nem rastro.

Então o senhor foi ao formigueiro, para ver o que restava do corpo do seu escravo.

Qual não foi seu grande espanto, quando chegado perto, viu na boca do formigueiro o Negrinho de pé, com a pele lisa, perfeita, sacudindo de si as formigas que o cobriam ainda!... O Negrinho, de pé, e ali ao lado, o cavalo baio e ali junto, a tropilha dos trinta tordilhos... e fazendo-lhe frente, de guarda ao mesquinho, o estancieiro viu a madrinha dos que não a têm, viu a Virgem, Nossa Senhora... tão serena, pousada na terra, mas mostrando que estava no céu... Quando tal viu, o senhor caiu de joelhos diante do escravo.

E o Negrinho, sarado e risonho, pulando em pêlo e sem rédeas, no baio, chupou o beijo e tocou a tropilha a galope.

E assim o Negrinho pela última vez achou o pastoreio. E não chorou, e nem se riu.

\*\*\*

Correu no vizindário a nova do fadário e da triste morte do Negrinho, devorado na panela do formigueiro.

Porém logo, de perto e de longe, de todos os rumos do vento, começaram a vir notícias de um caso que parecia um milagre novo...

E era, que os posteiros e os andantes, os que dormiam sob as palhas dos ranchos e os que dormiam na cama das macegas, os chasques que cortavam por atalhos e os tropeiros que vinham pelas estradas, mascates e carreteiros, todos davam a notícias – da mesma hora – de ter visto passar, como levada em pastoreio, uma tropilha de tordilhos, tocada por um Negrinho, gineteando em pêlo, em um cavalo baio!...

Então, muitos acenderam velas e rezaram o Padre-Nosso pela alma do judiado. Daí por diante, quando qualquer cristão perdia uma coisa, o que fosse, pela noite velha o Negrinho campeava e achava, mas só entregava a quem acendesse uma vela, cuja luz ele levava para pagar a do altar da sua madrinha, a Virgem, Nossa Senhora, que o remiu e salvou deu-lhe uma tropilha, que ele conduz e pastoreia sem ninguém ver.

\*\*\*

Todos os anos, durante três dias, o Negrinho desaparece: está metido em algum formigueiro grande, fazendo visita às formigas, suas amigas; a sua tropilha esparrama-se; e um aqui, outro lá, os seus cavalos retouçam nas manadas das estâncias. Mas ao nascer do sol do terceiro dia, o baio relincha perto do seu ginete; o Negrinho monta-o e vai fazer a sua recolhida; é quando nas estâncias acontece a disparada nas cavalcadas e a gente olha, olha, e não vê ninguém, nem na ponta, nem na culatra.

Desde então e ainda hoje, conduzindo seu pastoreio, o Negrinho, sarado e risonho, cruza os campos, corta os macegais, bandeia as restingas, desponta os banhados, vara os arroios, sobe as coxilhas e desce às canhadas.

O Negrinho anda sempre à procura dos objetos perdidos, pondo-os de jeito a serem achados pelos seus donos, quando estes acendem um coto de vela, cuja luz ele leva para o altar da Virgem Senhora Nossa, madrinha dos que não a têm.

Quando perder suas prendas no campo, guarde esperança: junto de algum moirão ou sob os ramos das árvores, acenda uma vela para o Negrinho do Pastoreio e vá lhe dizendo – Foi por aí que eu perdi... Foi por aí que eu perdi... Foi por aí que eu perdi!...

Se ele não achar... ninguém mais (NETO, 1998, p. 209-217).

## ANEXO II

### Para Acabar com o Julgamento de Deus

Tudo isso deverá

ser arranjado

muito precisamente

numa sucessão

fulminante

Fiquei sabendo ontem

(devo estar desatualizado ou então é apenas um boato, uma dessas intrigas divulgadas entre a pia e a privada, quando as refeições ingurgitadas são mais uma vez devidamente expulsas para a latrina)

fiquei sabendo ontem

de uma das mais sensacionais dentre essas práticas das escolas públicas americanas

sem dúvida daquelas responsáveis por esse país considerar-se na vanguarda do progresso.

Parece que, entre os exames e testes requeridos a uma criança que ingressa na escola pública, há o assim chamado teste do líquido seminal ou do esperma,

Que consiste em recolher um pouco do esperma da criança recém chegada para ser colocado numa proveta

e ficar à disposição para experimentos de inseminação artificial que posteriormente venham a ser feitos.

Pois cada vez mais os americanos sentem falta de braços e crianças ou seja, não de operários

Mas de soldados

e eles querem a todo custo e por todos os meios possíveis fazer e produzir soldados

com vista a todas as guerras planetárias que poderão travar-se a seguir

e que pretendem *demonstrar* pela esmagadora virtude da força

a superioridade dos produtos americanos

e dos frutos do suor americano em todos os campos de atividade e da superioridade do possível dinamismo da força.

Pois é necessário produzir,

é necessário, por todos os meios da atividade humana, substituir a natureza onde esta possa ser substituída,

é necessário abrir mais espaço para a inércia humana,  
é necessário ocupar os operários  
é necessário criar novos campos de atividade  
onde finalmente será instaurado o reino de todos os falsos produtos manufaturados  
todos os ignóbeis sucedâneos sintéticos  
onde maravilhosa natureza real não tem mais lugar  
cedendo finalmente e vergonhosamente diante dos triunfantes produtos artificiais  
onde o esperma de todas as usinas de fecundação artificial  
operará milagres na produção de exércitos e navios de guerra.  
Não haverá mais frutos, não haverá mais árvores, não haverá  
mais plantas, farmacológicas ou não, e conseqüentemente não haverá mais alimentos,  
só produtos sintéticos até dizer chega,  
entre os vapores,  
entre os humores especiais da atmosfera, em eixos especiais de atmosferas extraídas  
violentamente e sinteticamente da resistência de uma natureza que da guerra só conheceu o  
medo.  
E viva a guerra, não é assim?  
Pois é assim – não é? – que os americanos vão se preparando passo a passo para a guerra.  
Pra defender essa insensata manufatura da concorrência que não pode deixar de aparecer  
por todos os lados,  
É preciso ter soldados, exércitos, aviões, encouraçados,  
daí o esperma  
no qual os governos americanos tiveram o descaramento de pensar.  
Pois temos mais de um inimigo  
que nos espreita, meu filho,  
a nós, os capitalistas natos  
e entre esses inimigos  
a Rússia de Stalin  
à qual também não faltam homens e armas.  
Tudo isso está muito bem  
mas eu não sabia que os americanos eram um povo tão belicoso.  
Para guerrear é preciso levar tiros  
e embora tenha visto muitos americanos na guerra

eles sempre tiveram enormes exércitos de tanques, aviões, encouraçados, que lhes serviam de escudo.

Vi as máquinas combatendo muito

mas só infinitamente longe

lá atrás

vi os homens que as conduziam.

Diante desse povo que dá de comer aos seus cavalos, gado e burros as últimas toneladas de morfina autêntica que ainda restam, substituindo-a por produtos sintéticos feitos de fumaça,

prefiro o povo que come da própria terra o delírio do qual nasceram,

refiro-me aos Taraumaras

comendo o Peiote rente ao chão

à medida que nasce,

que matam o sol para instaurar o reino da noite negra

e que esmagam a cruz para que os espaços do espaço nunca mais possam encontrar-se e cruzar-se (ARTAUD, 1979, p. 146 – 149).